

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**A vez e a voz de adolescentes em Prestação de
Serviços à Comunidade na UFRGS:
ato infracional e educação**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação da UFRGS,
como parte das exigências para a obtenção
do título de mestre em Educação.

Aluna: Liana Lemos Gonçalves

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Maria Craidy

Porto Alegre, fevereiro de 2002.

“Maldito o cara que inventô a droga e a arma.”

“A vida tem começo, meio e fim, mas o fim a gente pode prolongá. É só querê.”

“Se eu morrê, não dá nada...Todo mundo um dia vai morrê.”

“Hoje as pessoa passa por mim e baixa o olho em sinal de respeito. Antes não era assim...”

“Só Deus sabe a minha hora.”

“O mundo do crime dá adrenalina.”

*“Agora que ando armado, tô ‘grandão’.
Todo mundo me respeita.”*

“Só tô buscando aquilo que roubaram de mim.”

Aos jovens entrevistados, pela acolhida, respeito e consideração e com o desejo de que saibam que também os respeito e considero, sem que precisem estar com uma arma na mão.

Agradecimentos:

Aos meus pais, Dirceu e Carmen, pessoas que me incentivaram a continuar aprendendo e que, aos poucos, estão se acostumando com o fato de eu ter decidido me “aperfeiçoar” em uma temática “pesada” e a conviver no dia-a-dia com histórias de violência.

À Profa. Dra. Carmem Maria Craidy que, com sua garra, sabedoria e seus ideais, fez com que eu me apaixonasse pelos “excluídos” e pelo que faço hoje.

Ao Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer e à Profa. Dra. Marília Pontes Sposito pelas sugestões e incentivos dados quando defendi o Projeto de Pesquisa e pelos olhares humanos e densos em seus trabalhos.

À Deise, Marília, Sylvania e Vera, que hoje fazem parte da equipe do Programa de PSC da UFRGS e que sempre me incentivaram, opinaram e me emprestaram o ombro na hora das tristezas e das incertezas.

À Carolina, Fernanda, Jankiel, Jocimara, Jonas, Mônica, Roberta e, em especial, à Margarete e Sandra, que independentemente do tempo que ficaram vinculados ao Programa de PSC da UFRGS, contribuíram de diferentes maneiras.

À Miriam que, assim como eu, é apaixonada pelo que faz.

Ao Alberto Martins, funcionário do Departamento de Recursos Humanos da UFRGS, que sempre se disponibilizou a me localizar pela Universidade e a dar atenção aos adolescentes que me procuravam e que não me encontravam, na época em que o Programa de PSC não possuía uma sala fixa.

À Faculdade de Educação e à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, por acreditarem na importância do Programa de PSC.

Ao Dr. Leoberto Narciso Brancher, Juiz da 3ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre, por sempre apostar no trabalho exercido pelo Programa de PSC da UFRGS.

À Equipe Técnica da 3ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre, que sempre se mostrou prestativa em repassar as informações solicitadas sobre os jovens, assim como de seus processos.

Ao CNPq, que financiou minha bolsa de pesquisa.

Aos que entenderam minhas ausências nesses últimos anos.

Em especial aos jovens que permitiram que eu apresentasse suas vozes e que muito me ensinaram.

Sumário

Resumo	08
Abstract	09
Introdução	10
1. A Legislação e a Problemática dos Adolescentes em Conflito com a Lei no Brasil	13
2. O Programa de Prestação de Serviços à Comunidade na UFRGS	19
3. As Vivências da Pesquisadora e os Procedimentos Metodológicos ...	34
4. As Características e as Vivências Observadas nos Adolescentes Pesquisados	51
4.1. O jovem e a família	51
4.1.1. A Visão do Jovem em Relação à Família	51
4.1.2. A Visão da Família em Relação ao Jovem	66
4.2. O Jovem e a Droga	71
4.2.1. A Maconha	71
4.2.2. A Loló	73
4.2.3. A Cocaína	75
4.2.4. O Crack	77
4.2.5. Motivos Apresentados Para o Uso de Drogas	78
4.2.5.1. Quando a Culpa é da Família	79
4.2.5.2. Quando a Culpa é dos Amigos	81
4.2.5.3. Quando a Culpa é da Periferia	82
4.2.5.4. Quando a Culpa é dos “Problemas”	84
4.2.6. Tratar a Dependência Química: Momento Complicado	85

4.3.	O Jovem e a Escola	96
4.4.	O Jovem, o “Trampo” e os Cursos Profissionalizantes	103
4.4.1.	Trabalho: Realidade Distante	103
4.4.2.	Cursos Profissionalizantes: Desejo X Realidade	105
4.5.	O Jovem e a Periferia	113
4.6.	O Jovem e a Polícia	122
5.	Histórias do Mundo do Crime	128
5.6.	A História de Douglas	128
5.7.	A História de Cláudio André	135
5.8.	A História de Rodrigo	147
6.	Conclusão	153
	Referências Bibliográficas	159
	Bibliografia Consultada	163
	Anexo	169

Resumo

Este trabalho apresenta a voz de adolescentes em conflito com a lei vinculados ao “Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” e objetiva compreender o processo que os levou à prática de atos infracionais.

Para tanto, privilegiou-se o contato com jovens do gênero masculino que possuem envolvimento com o mundo do crime, pertencentes às classes populares, situados na faixa etária dos 12 aos 21 anos.

Buscou-se analisar e entender a forma de ser desses sujeitos, a partir do estudo de suas relações interpessoais, sociais, afetivas e seu nível cognitivo, levando-se sempre em consideração as problemáticas mais evidenciadas, a recorrência de fatos e a repetição de informações.

Abstract

This paper brings the voice of youths in conflict with law, who are taking part of the “Programa de Prestação de Serviços à Comunidade”, a community service program of “Universidade Federal do Rio Grande do Sul” whose goal is to understand the process that led them astray.

To achieve it, youth males of low social classes, aged 12 to 21 and involved in criminal behavior were interviewed.

We tried to analyse and understand their behavior by studying their personal, social and affective relations and their cognitive level, always paying attention to problems, facts and information recurrences.

Introdução

O presente trabalho surgiu de minha inquietação em entender o que levou os adolescentes autores de ato infracional vinculados ao Programa de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) da UFRGS a entrarem no mundo do crime¹.

Visando responder essa questão darei voz aos adolescentes e mostrarei a forma de ser desses sujeitos, abordando os temas que foram mais apresentados por eles.

Julgo que somente conhecendo o mundo em que esses jovens (sobre)vivem e o que os leva à prática de atos infracionais é que poderemos pensar o que pode ser feito para que o mundo do crime deixe de seduzi-los.

No capítulo 1, mostro uma breve comparação entre os principais pressupostos do Código de Menores e do Estatuto da Criança e do Adolescente. Além disso, busco evidenciar alguns dados sobre a problemática do adolescente em conflito com a lei em nosso país e desmistifico algumas questões que, seguidamente, aparecem na mídia.

No segundo capítulo, apresento o Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS - local em que trabalho como pesquisadora e

educadora a mais de quatro anos e meio – por ser nesse local que desenvolvi minha pesquisa.

O terceiro capítulo dedico às vivências com os “excluídos” e com os jovens do PSC /UFRGS. Além disso, abordo os procedimentos metodológicos que utilizei para desenvolver a pesquisa.

No capítulo quatro, começo a apresentar a voz desses jovens sobre os seguintes temas: família, drogas, escola, trabalho e cursos profissionalizantes, periferia e violência policial. Os temas citados foram os que mais apareceram na fala dos jovens pesquisados e, por esse motivo, os escolhi para serem apresentados. Enquanto lemos as vozes desses jovens, na busca de conhecermos seu mundo, começam a ser apontadas pistas para que iniciemos a compreensão sobre o que os levou a se envolver em atos infracionais.

No quinto capítulo, apresento a história Douglas, Cláudio André e Rodrigo, três jovens que estiveram ou que estão ligados ao crime. Meu objetivo é apontar o que eles buscaram quando optaram escolher o crime e a viver em risco.

¹ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) os adolescente cometem atos infracionais e não crimes. Os atos infracionais seriam as condutas consideradas como crime ou contravenção penal (Art. 03). Optei por usar o termo “mundo do crime”, por ser o que os jovens pesquisados adotaram

Saliento que ao longo do texto várias questões serão apresentadas e levantadas, mas não serão analisadas para que não se fuja do objeto da pesquisa.

O mundo do crime é complexo e grandioso em todos os seus aspectos e merece novos estudos no futuro. Infelizmente, muita coisa existe ainda para ser apresentada e analisada, entretanto, o tempo não permitiu.

1 . A Legislação e a Problemática dos Adolescentes em Conflito com a lei no Brasil

Até o fim da década de 80 a lei que “amparava” as crianças e adolescentes de nosso país era o Código de Menores². Vivia-se sob uma doutrina social e legal para meninos e meninas que era a da “menoridade absoluta” (Sêda, 1998, p.11) ou da doutrina da situação irregular.

Essa doutrina via crianças e adolescentes como “menores” ou em “situação irregular”. Levava-se em conta não só os atos considerados delituosos de acordo com a justiça, mas também, os comportamentos de inadaptação ou irregulares que requeressem medidas de proteção ou de reeducação, devido negligência familiar ou social. Portanto, a “situação irregular” podia ocorrer não só pela autoria de infração penal, mas por abandono, carência, vitimização, desvio de conduta, etc. Era comum, por exemplo, encontrar adolescentes na FEBEM por estarem perambulando nas ruas.

De acordo com Oliveira,

“havia uma clara preocupação com os setores pobres da população, com o objetivo de mantê-los sob controle permanente na medida em que colocavam sob

² Lei Nº 6697 de 1979. Originado no contexto da Doutrina da Segurança Nacional.

ameaça os espaços públicos, as ruas e as praças. Era preciso ordenar e controlar a pobreza (política, moral e higienicamente) pelas suas possibilidades de se construir um risco para as comunidades". (2001, p.27)

Ser pobre, vítima de abuso, maltrato, exploração, abandono da família, do Estado ou da sociedade, já era motivo para uma criança ou adolescente ser privado de liberdade.

Nossas crianças e adolescentes foram “vítimas” dessa lei sem fundamento até a aprovação da Constituição Brasileira³ que, baseada na Doutrina da Proteção Integral, viu-os como sujeitos de direitos, inimputáveis até os 18 anos e sujeitos às normas da legislação especial.

Finalmente é derrubado o Código de Menores e surge em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente⁴ (ECA). A partir de então, é abolido o estigmatizante, preconceituoso, discriminador termo “menor” e passa-se a utilizar os termos “criança” e “adolescentes”, que se tornam *cidadãos, sujeitos de direitos, pessoas em desenvolvimento* que devem ser tratadas com *prioridade absoluta*.

³ Constituição da República Federal do Brasil.1988.

⁴ Lei Federal 8.069/1990

Os termos “menor infrator”, “crime”, “pena”, são substituídos por “adolescente autor de ato infracional ou em conflito com a lei”⁵, “ato infracional” e “medida sócio-educativa”, respectivamente.

De acordo com Adorno,

“ o termo 'menor', de larga utilização no senso comum, na imprensa e mesmo na pesquisa científica, tem uma origem pouco nobre. Cunhado, no Brasil, pela medicina legal e reconhecido pelo direito público para dividir a população entre responsáveis e irresponsáveis, segundo o critério do discernimento moral e do desenvolvimento psicológico, seu emprego generalizou-se para designar um tipo específico de criança, aquela procedente das classes populares, em situação de miséria absoluta, expulsa da escola desde a tenra idade, que faz da rua seu habitat e lugar privilegiado de reprodução cotidiana. Trata-se da criança cuja existência social e pessoal é realizada à condição de minoridade, passível, por conseguinte, da intervenção saneadora das instituições policiais de repressão e das instituições de assistência e de reparação social.” (1993, p.183 e 184)

De acordo com o ECA, em seu Artigo 122, o adolescente que praticar um ato infracional, ou seja, uma conduta descrita como crime ou contravenção penal (Artigo 103), poderá receber as seguintes medidas sócio-educativas:

I – Advertência;

II – Obrigação de Reparar o Dano;

III – Prestação de Serviços à Comunidade;

⁵ Esses termos são os mais “corretos” porque apresentam uma circunstância de vida, algo que pode ser revertido e não uma “categoria valorativa” (Volpi, 2001, p. 21)

IV – Liberdade Assistida;

V – Inserção em Regime de Semiliberdade;

VI – Internação em Estabelecimento Educacional.

Muitas pessoas que desconhecem a lei, confundem que a inimputabilidade que os adolescentes têm até completarem os 18 anos é um sinônimo de impunidade. Os jovens são responsabilizados por aquilo que cometeram e a única diferença que existe é que essa responsabilização considera a condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Segundo Volpi e Saraiva,

“o Estatuto prevê e sanciona medidas sócio-educativas e medidas de proteção eficazes, reconhece a possibilidade da privação provisória de liberdade ao infrator, inclusive ao não sentenciado em caráter cautelar - em parâmetros semelhantes aos que o Código de Processo Penal destina aos imputáveis na prisão preventiva - e oferece uma gama larga de alternativas de responsabilização, cujo mais grave impõe o internamento sem atividades externas.”
(1998, p. 16)

Verifica-se hoje que muitos avanços ocorreram com a promulgação do ECA, entretanto, ao longo desse trabalho, veremos que muito daquilo que está no papel, não acontece na prática.

Nosso país possui cerca de 25 milhões de adolescentes entre 12 e 18 anos⁶. Deste total, 10 em cada 10 mil praticam algum ato infracional que ocasiona uma medida sócio-educativa, sendo que mais de 70% dos delitos cometidos são contra o patrimônio (Volpi, 2001, p.15; Oliveira, 2001, p.67). Mesmo assim, nossa sociedade insiste em dizer que são os adolescentes os responsáveis pela violência em nosso país. Acabam sendo “bodes expiatórios” da violência urbana (Oliveira, 2001, p.29).

De acordo com Mario Volpi (1997) apenas 10% do total das infrações ocorridas são cometidas por adolescentes. Hoje no Brasil, existem cerca de 4.100 jovens com menos de dezoito anos privados de liberdade. Isso corresponde apenas 3% do total de todos os adultos presos no país⁷.

Outro estudo apresentado por Volpi (1997, p.61) comprova essa superioridade do número de adultos privados de liberdade, comparada ao número de adolescentes. Em 1994 o Censo Penitenciário da Justiça, seguindo os critérios utilizados pelos Institutos das Nações Unidas (ONU), constatou que se fôssemos estabelecer a correlação entre o número de presos e a população do país, considerando um preso por 100 mil habitantes, a média de adultos presos no Brasil, no ano de 1994, era de 88 por 100 mil habitantes.

⁶ Fonte: Censo IBGE, 2000.

⁷ Fonte: Jornal da Cidadania. Ano 3 – Nº 55 - Maio de 1997.

Ao considerarmos os mesmo critérios para os adolescentes privados de liberdade, constatamos que cerca de 2,7 adolescentes autores de ato infracional por 100 mil habitantes estavam em instituições fechadas em 1995/96, período em que foi realizada a pesquisa por Volpi.

Outro dado importante sobre a juventude em nosso país mostra que 68 jovens, entre 15 e 19 anos, em cada grupo de 100 mil habitantes estão morrendo, anualmente, por causas violentas (Soares, 2001)⁸. Na Região Sudeste esse número sobe para 73 mortes por 100 mil habitantes. De acordo com o autor, o perfil demográfico brasileiro já apresenta um déficit de jovens do sexo masculino que só pode ser comparável ao que se encontra nas sociedades em guerra.

⁸ Palestra ministrada sobre “Juventude, Violência e Crime”, na Faculdade de Educação da UFRGS, em maio de 2001.

2 . O Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS

Em abril de 1997 foi firmado um convênio entre a 3ª Vara do Juizado da Infância e da Juventude de Porto Alegre e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de abrir campo de trabalho na Universidade para o cumprimento da medida sócio-educativa de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) por adolescentes que tivessem cometido ato infracional.

A medida decorre de decisão judicial e é alternativa a outras medidas possíveis (Ver Pág. 15).

Segundo o ECA (Art.117), a *prestação de serviços comunitários consiste na realização de tarefas gratuitas de interesse geral, por período não excedente a seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais. As tarefas serão atribuídas conforme as aptidões do adolescente, devendo ser cumpridas durante jornada máxima de oito horas semanais, aos sábados, domingos e feriados ou em dias úteis, de modo a não prejudicar a freqüência à escola ou à jornada normal de trabalho.*

Dois meses depois do convênio ser assinado, a Faculdade de Educação da UFRGS foi convidada a coordenar o “Programa de PSC” para dar-lhe um

caráter mais educativo e para abrir campo para a pesquisa, a medida que a Universidade tem por função o desenvolvimento do saber através da realização da pesquisa, do ensino e da extensão. A coordenação do Programa ficou sob responsabilidade da Profa. Dra. Carmem Maria Craidy.

Nesse mesmo período comecei a participar das reuniões que tratavam da inserção da Faculdade de Educação no Programa de PSC e, em agosto de 1997, ingressei como bolsista de iniciação científica⁹.

Desenvolvendo as atividades de bolsista, recepcionava e entrevistava os jovens encaminhados pelo Juizado da Infância e da Juventude e de acordo com o perfil de cada um, encaminhava para o setor ou unidade da Universidade que fosse mais adequado as suas características. Após isso ser feito, acompanhava o trabalho dos mesmos durante o período em que passavam na UFRGS, atendia-os individualmente, mantinha contato com o Juizado, com familiares e realizava encaminhamentos para outros serviços (escolas, cursos, tratamento psicológico, psiquiátrico e de drogadição). Além disso, traçava o perfil dos adolescentes que passaram pela Universidade e realizava estudo da bibliografia referente à temática do adolescente autor de ato infracional, da violência e da exclusão social.

⁹ Bolsa PIBIC – CNPq.

A partir de então, comecei a escutar a voz dos adolescentes que passavam pelo Programa e percebi o quanto isso era importante para a pesquisa, para os jovens e para mim, como pesquisadora.

Com o trabalho desenvolvido com os adolescentes em PSC, concorri ao “Prêmio Nacional Sócio-Educando de 1998”¹⁰ e venci na categoria “estudantes universitários”. O objetivo do prêmio era conhecer e premiar experiências bem sucedidas de aplicação e acompanhamento de medidas sócio-educativas, previstas no ECA, uma vez que as medidas conjugam educação e responsabilidade, não deixando espaço à impunidade e atendendo às necessidades de segurança pública e de desenvolvimento do adolescente.

Os princípios do Programa de PSC são os seguintes:

- A prestação de serviços à comunidade, enquanto medida sócio-educativa, não pode ser confundida com simples colocação do adolescente no trabalho e de acompanhamento por profissional habilitado;

- A simples colocação do adolescente no trabalho poderia ser percebida pelo mesmo como mero castigo e como tal, gerar resistência ao bom desempenho das tarefas e não resultar na esperada reparação do ato cometido e nem na reformulação desejada no seu comportamento;

¹⁰ O Prêmio Sócio-Educando foi uma iniciativa da ANDI (Agência de Notícias dos Direitos à Infância), Fundação Educar Dpaschoal, do ILANUD (Instituto Latino-Americano para Prevenção do Delito e Tratamento ao Delinqüente), do UNICEF (Fundo das Nações Unidas Pela Infância) e do Ministério da Justiça.

- Para atingir os objetivos da medida sócio-educativa a prestação de serviços à comunidade deverá revestir-se de evidente significado social e ético;

- É importante que o adolescente ao prestar serviços comunitários sintase útil e possa refletir sobre sua ação;

- A prestação de serviços à comunidade deve oportunizar relações pessoais positivas e favoráveis aos adolescentes;

- A Universidade tem por função o desenvolvimento e a difusão do saber através da realização da pesquisa, do ensino e da extensão. O trinômio ensino, pesquisa e extensão constituem-se como objetivo definidor da Universidade. Nesse sentido, nenhuma atividade nela desenvolvida poderá deixar de ser acompanhada de um processo de reflexão que servirá de base para a construção de novos conhecimentos;

- O desenvolvimento de estudos teóricos sobre a problemática do adolescente que pratica atos infracionais, bem como sobre os procedimentos processuais a que é submetido e sobre as medidas sócio-educativas previstas para os diversos casos, são indispensáveis para a formação de educadores e para a reflexão pedagógica inerentes as funções da Faculdade de Educação.

Os objetivos e resultados que se almeja buscar, visam:

- Oportunizar aos adolescentes em PSC que vivenciem uma experiência positiva de trabalho e de relações humanas;
- Orientar os adolescentes e tentar ajudá-los a superarem os problemas que os levaram a cometer ato infracional;
- Orientar os adolescentes em PSC para que retomem, quando for o caso, sua vida de estudos;
- Desenvolver pesquisas que caracterizem a problemática vivida por esses adolescentes e permitam à Faculdade de Educação a construir um banco de dados sobre a problemática que os envolve.

Em meados de 1999 começou a ser constituída uma equipe de trabalho junto ao Programa de PSC da UFRGS. Hoje além da minha presença, conta-se com a participação de uma assistente social que é funcionária da Universidade, com uma psicóloga que faz trabalho voluntário durante um dia da semana e com duas bolsistas que são estudantes do curso de pedagogia. Também foi no final do ano de 1999 que o Programa passou a ter uma sala exclusiva¹¹.

¹¹ Antes disso eu realizava as entrevistas iniciais com os jovens em uma sala que me era disponibilizada pelo Departamento de Recursos Humanos da Universidade, durante uma manhã e uma tarde da semana. Nos outros dias, improvisava um outro local para realizar as conversas e os atendimentos aos adolescentes que já haviam iniciado o cumprimento da medida sócio-educativa.

Antes disso, a infra-estrutura do Programa era bastante precária. Costumo dizer que o que eu tinha em mãos era um pasta com a documentação dos jovens, um caderno onde tudo era anotado e muita força de vontade e desejo de que pudessem ser colhidos frutos daquele trabalho.

Hoje, cada membro da equipe do Programa tem o seu modo de realizar a entrevista inicial. Sempre procuro, antes de mais nada, informar ao jovem que não desejamos que ele veja a PSC como um castigo e sim como uma forma de possibilitar um aprendizado, seja pelo fato de aprender uma atividade, conhecer pessoas novas ou de perceber como é um ambiente de trabalho.

Julgo que esse primeiro contato é muito importante para o jovem. Noto que muitos chegam com “quatro pedras na mão”, esperando o menosprezo e a discriminação, que é o que eles mais encontram no dia-a-dia, dentro da família, muitas vezes, e em praticamente todos os setores da sociedade.

Ao perceberem que ali estão sendo bem tratados, desarmam-se e o olhar “atravessado”, a cara de “mau” e o peito estufado, desaparecem.

É comum os jovens relatarem que somente deram início ao cumprimento da PSC porque gostaram do modo como foram tratados na entrevista.

A fala de Márcio, um jovem de 17 anos que cometeu um roubo é um exemplo:

“Olha, eu vô sem bem sincero contigo... Quando vim aqui naquele primeiro dia, eu tinha certeza que eu não ia continuá vindo. Ia fazê igual eu fiz no lugar X, quando o juiz me mandou pra lá. Fui uma vez, não gostei e nunca mais ‘dei as caras’¹² lá. Depois de um tempão é que lembraram de mim e me chamaram no Juizado e daí eu vim pra cá. Mas te juro, só vim pra vê como era, porque eu não ia ficá aqui. Só fiquei porque gostei de voceis... Voceis me trataram bem. Por isso que fiquei... Agora já acabei e continuo vindo aqui. Quem diria... Quem diria... Meu irmão nem entende como é que eu continuei vindo, como é que acabei a PSC e como é que continuo vindo... Ele qué até vim aqui pra vê o que tem. Será que eu posso trazê ele?”

Quando faço a entrevista inicial (Ver roteiro de entrevista em anexo)¹³ não costumo fazer todas as perguntas no primeiro dia, pois algumas informações acredito que só poderão ser dadas quando o adolescente se sentir mais a vontade, quando um vínculo já tiver sido estabelecido. Na realidade, não utilizo o questionário, faço da entrevista um bate-papo descontraído e depois que o jovem sai, é que anoto tudo. Desde o início da entrevista os jovens estão cientes de que seus dados farão parte do perfil - que será apresentado a seguir - dos adolescentes que cumprem a PSC na UFRGS.

¹² Não apareceu mais no local.

¹³ O roteiro apresentado em anexo é o que vem sendo utilizado atualmente nas entrevistas iniciais. Desde o início do Programa de PSC, o roteiro da entrevista inicial foi reformulado diversas vezes. Foi criado um Banco de Dados onde é possível armazenar todas as informações existentes no roteiro da entrevista. Os dados que estão sendo armazenados no Banco de Dados são os dos adolescentes da PSC / UFRGS, entretanto, futuramente, pretendemos inserir os dados de jovens em PSC que foram encaminhados para outras entidades e de meninos de rua. Teremos como objetivo fazer um estudo comparativos dos três perfis.

Seguidamente algum deles pede maiores informações e demonstram uma certa desconfiança. Quando isso acontece, mostro os gráficos que têm na parede com o perfil dos jovens que já passaram pela Universidade e logo eles se tranqüilizam. “Não é nada demais, pode usá meus dados”, dizem-me muitos depois.

Durante a entrevista, quando se verifica que o jovem não está estudando e que não foi realizado nenhum encaminhamento para a escola através do Juizado, apresenta-se a possibilidade de que ele se matricule no Programa de Ensino Fundamental para Jovens e Adultos Trabalhadores (PEFJAT), um Supletivo vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria de Recursos Humanos e à Faculdade de Educação da UFRGS.

Encaminhamentos para serviços de apoio (cursos, tratamento psicológico, psiquiátrico e de drogadição, por exemplo) também são realizados, mas nem sempre no primeiro encontro. Sabemos que muitos desses encaminhamentos não são de responsabilidade do Programa de PSC, entretanto, quando possível e, principalmente, quando os próprios jovens solicitam, realizamos alguns. A experiência de trabalho com esses adolescentes fez com que eu concluísse que, se solicitarmos que eles façam o pedido para outra pessoa e/ou que compareçam em diversos locais para fazerem as solicitações, acabarão desistindo de pedir ajuda.

Após iniciar o cumprimento da medida sócio-educativa, que varia de 1 a 6 meses, de 4 a 8 horas semanais, os adolescentes recebem nos setores em que cumprem a PSC a visita de algum dos membros da equipe do Programa, para que sejam acompanhadas as atividades que estão sendo realizadas.

Na sala do Programa, geralmente, há a presença de adolescentes, pois eles costumam comparecer para conversar. Várias vezes quando percebemos está chegando um jovem dizendo que chegou para tomar um “cafézinho” conosco. A gente sabe que o café é apenas um pretexto para conversar, pois o copo normalmente fica cheio mais tempo do que o normal. Não são poucos os jovens que ao realizarem a auto-avaliação que é feita para o Juizado, após o término da PSC, citam que um dos aspectos positivos da medida foi o “cafézinho”.

Os jovens também comparecem na sala do Programa de PSC para receber os vales-transporte que são fornecidos pelo JIJ àqueles que necessitam. Isso também contribui e é mais um “pretexto” para que eles permaneçam na sala para conversar

As atividades que os jovens normalmente realizam nos setores e unidades da Universidade são na área de informática (digitação, manutenção de equipamentos), administrativas (arquivamento, organização e distribuição de documentos), gráficas, de apoio à área agrônômica e veterinária,

atendimento ao público (pessoalmente ou por telefone), manutenção do acervo bibliográfico (ordenação, organização, restauração, catalogação e classificação), auxílio a docentes na área de pesquisa e coleta de dados e na elaboração de material didático.

Em cada setor da Universidade há uma pessoa, denominada de “educador/a voluntário/a”, que é a responsável pelo jovem no local de trabalho. É ela que se responsabiliza para que a adolescente assine a sua frequência, que mostra e ensina as atividades que devem ser realizadas e é quem a equipe do Programa contata quando há necessidade.

O bom relacionamento mantido entre os jovens e a equipe técnica do Programa é um dos fatores que julgo essencial para que a medida sócio-educativa de PSC seja proveitosa.

O sentimento de integração na Universidade e a certeza de estarem sendo respeitados, escutados e valorizados, aparenta permitir que muitos jovens vejam a PSC como algo que marca positivamente, de uma forma ou de outra, a vida deles.

Abaixo apresento os dados gerais dos adolescentes do Programa de PSC da UFRGS, os sujeitos de minha pesquisa.

Foram coletados os dados de 643 jovens, entre agosto de 1997 e dezembro de 2001.

Sexo	Quantidade	%
Masculino	551	85,69%
Feminino	92	14,31%
Total	643	100,00%

Idade	Quantidade	%
12 anos	5	0,78%
13 anos	20	3,11%
14 anos	30	4,67%
15 anos	106	16,49%
16 anos	165	25,66%
17 anos	182	28,30%
18 anos	99	15,40%
19 anos	18	2,80%
20 anos	9	1,40%
21 anos	0	0,00%
Informação prejudicada	9	1,40%
Total	643	100,00%

Trabalha	Quantidade	%
Sim	166	25,82%
Não	470	73,09%
Total	643	100,00%

Estuda	Quantidade	%
Sim	369	57,39%
Não	267	41,52%
Informação prejudicada	7	1,09%
Total	643	100,00%

Escolaridade	Quantidade	%
1ª série do Ensino Fundam.	15	2,33%
2ª série do Ensino Fundam.	12	1,87%
3ª série do Ensino Fundam.	35	5,44%
4ª série do Ensino Fundam.	45	7,00%
5ª série do Ensino Fundam.	94	14,62%
6ª série do Ensino Fundam.	73	11,35%
7ª série do Ensino Fundam.	61	9,49%
8ª série do Ensino Fundam.	76	11,82%
Supletivo Ensino Fundam.	49	7,62%
1ª série do Ensino Médio	74	11,51%
2ª série do Ensino Médio	44	6,84%
3ª série do Ensino Médio	35	5,44%
Supletivo Ensino Médio	7	1,09%
Ensino Médio Completo	2	0,31%
Curso Pré-Vestibular	6	0,93%
Curso superior incompleto	8	1,24%
Informação prejudicada	7	1,09%
Total	643	100,00%

Ato Infracional	Quantidade	%
Arrastão	2	0,31%
Assalto	8	1,24%
Assalto à mão armada	2	0,31%
Dirigir sem CNH	74	11,51%
Dirigir sem CNH e dano	2	0,31%
Dirigir sem CNH e roubo	2	0,31%
Estupro	3	0,47%

Falsidade ideológica	4	0,62%
Furto	92	14,31%
Furto e uso de droga	3	0,47%
Furto qualificado	41	6,38%
Invasão Propriedade/uso de drogas	2	0,31%
Lesões corporais	48	7,47%
Omissão de socorro (trânsito)	3	0,47%
Perturbação da ordem	4	0,62%
Porte de arma	28	4,35%
Porte entorp. /dirigir sem CNH	2	0,31%
Droga(porte/uso/venda)	129	20,06%
Roubo	66	10,26%
Roubo qualificado	10	1,56%
Tentativa de furto	14	2,18%
Tentativa furto qualificado	4	0,62%
Informação prejudicada	5	0,78%
Outros	95	14,77%
Total	643	100,00%

Apesar do objetivo do trabalho não ser a análise dos dados quantitativos dos adolescentes vinculados ao Programa de PSC, apresento rapidamente algumas questões que julgo serem importantes.

Verifica-se o grande número de jovens fora da escola (41,52%). Afirmo que na realidade esse número é um pouco maior, pois alguns dos jovens que dizem no JIJ que estão estudando, na realidade, encontram-se matriculados nas escolas, mas não freqüentam as aulas.

De acordo com a Constituição Federal de 1988¹⁴ e sob a regulamentação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação)¹⁵ e do ECA¹⁶, é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente o direito ao ensino e, é obrigação dos pais ou responsáveis, matricular seus filhos na rede de ensino. Apesar disso, verificamos que há um grande número de jovens que, mesmo estando envolvidos com a justiça, não são encaminhados à escola.

Apesar do ato infracional relacionado ao uso de drogas ser o mais constante (20,06%) é possível observar que se formos fazer a soma do percentual dos furtos, roubos, tentativas de furtos, tentativas de roubos, furtos qualificados, roubos qualificados, arrastões, assaltos, assaltos à mão armada, dirigir sem CNH/roubo e furto/uso de drogas, esses atos infracionais, que possuem uma “semelhança”, chegam a 37,65%.

Há uma questão a ser apresentada que julgo ser de suma importância. Se formos analisar os dados relacionados aos atos infracionais cometidos pelos adolescentes do Programa de PSC, pode parecer que a maioria não aparenta possuir um grande envolvimento com o mundo do crime. Como os sujeitos de minha pesquisa são aqueles que possuem ligação com esse “mundo”, pode parecer que os entrevistados foram a minoria do total de adolescentes do PSC/UFRGS. Entretanto, vários jovens que, por exemplo, foram

¹⁴ Ver Art. 205.

¹⁵ Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Ver Art. 5 e 6.

encaminhados para a Universidade por “uso de drogas”, já estiveram privados de liberdade (até mesmo por homicídio) ou já cometeram outros atos infracionais considerados “pesados”. Outros jovens ainda, dizem que tiveram “sorte”, pois apesar de costumarem roubar, traficar, etc., nunca foram flagrados cometendo um desses atos infracionais.

¹⁶ Ver Art. 53, 54 e 55.

3 . As Vivências da Pesquisadora e os Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

Uma das lembranças que tenho de minha infância é a de que, apesar de ter receio do “novo”, de não gostar de entrar em caminhos desconhecidos, de desvendar enigmas, de mexer em formigueiros para ver o que acontecia ou de “cutucar onças com vara curta”, enquanto brincava, sempre me relacionei com pessoas que poderiam ser consideradas “diferentes” e “excluídas”.

Minhas companhias para as brincadeiras, na maioria das vezes, foram os vizinhos mais pobres do que eu. Meu passeio predileto era caminhar pela vila que tinha perto da casa de uma tia e observar as coisas diferentes que lá encontrava. Muitos cachorros nas calçadas e muitas crianças brincando nas ruas eram coisas que me chamavam a atenção.

Recordo-me que uma vez chorei no supermercado na hora de comprar uma boneca. Havia duas, uma era branca e a outra era preta. Diziam-me que eu só podia levar uma e acho que esperavam que eu levasse a branca, mas eu chorava desesperadamente, dizendo que não podia deixar a “pretinha” sozinha. Se não fosse para levar as duas, eu não queria nenhuma. Acabei indo para a casa feliz, com minhas duas bonequinhas no colo.

Eu já gostava dos “excluídos”...

Em 1996 foi-me apresentada a possibilidade de fazer um trabalho voluntário na FEBEM e decidi arriscar e enfrentar o “novo”. Durante cerca de seis meses, juntamente com outros estudantes, fiz o levantamento dos prontuários¹⁷ de adolescentes que estavam privados de liberdade em três casas¹⁸ da FEBEM.

Após ler aquelas histórias sangrentas e cheias de lágrimas, confesso que saía de lá com raiva, pelo sangue, e com pena, pelas lágrimas que elas derramavam. Os relatos mostravam que os protagonistas das histórias praticaram e sofreram ou estavam sofrendo muita violência.

Ao folhear aqueles prontuários e ao imaginar as cenas de todas aquelas histórias que eram relatadas, apesar de todo o sofrimento que sentia, comecei a me interessar por aquele mundo, que para mim era diferente e “novo”. Eu me sentia desafiada a desvendar aquilo e a conhecer o “novo”.

Em 1997 comecei a trabalhar como bolsista de iniciação científica no “Programa de Prestação de Serviços à Comunidade da UFRGS”, que foi criado devido a um convênio firmado no mesmo ano, entre a 3ª Vara do

¹⁷ Nos prontuários constavam informações sobre cada um dos jovens que estavam internados na casa. Verificamos na época, que as informações eram insuficientes e que, muitas vezes, relatórios que constavam no Prontuário de um menino, não apareciam no de outro. Na verdade, de acordo com as falas dos participantes do Fórum de Pesquisadores da FEBEM, do qual participo, os Prontuários continuam incompletos e com informações contraditórias. O certo seria que nos Prontuários constasse os dados pessoais do adolescente, o relato sobre o ato infracional, os relatórios realizados pelos técnicos da Instituição, os documentos sobre as audiências, a situação sócio-familiar, os relatos de visitas de familiares e entrevistas, a informação sobre o abuso, ou não, de drogas. Todavia, os pesquisadores que estão tendo acesso aos Prontuários, relatam que ainda há falta de padronização das informações e a ausência de informações básicas, como idade, escolaridade, endereço e filiação.

Juizado da Infância e Juventude de Porto Alegre e a Universidade. O objetivo do convênio era abrir campo de trabalho para adolescentes que cometeram ato infracional e que receberam como medida sócio-educativa a Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). A Faculdade de Educação, de onde eu era aluna, foi inserida para produzir conhecimento sobre a problemática do adolescente autor de ato infracional, viabilizando assim, a realização das metas de uma Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

A partir de então comecei a manter contato diário com os adolescentes e a dar início ao meu conhecimento sobre um mundo diferente, perverso, cruel e triste, o mundo do crime.

Muitas pessoas me perguntavam (algumas me perguntam até hoje) se eu não tinha medo. É claro que no início eu tinha alguns receios, mas a vontade de desvendar mais aquele mundo, de entender como aqueles jovens chegavam à prática de um ato infracional era muito maior.

Hoje não existem mais receios. A convivência com esses jovens, o respeito que tenho por cada um deles e o hábito que possuo de escutá-los bastante e, também, de conversar com eles sobre assuntos diversos, contribui para que eles me respeitem. Isso acaba permitindo que eu me sinta segura,

¹⁸ As casas eram destinadas a adolescentes do sexo masculino.

apesar de saber que fora do local em que nos encontramos, vários deles são considerados perigosos.

Eu que era quieta, passei a ser inquieta. Hoje, tudo eu quero saber e entender. Tudo eu observo, reparo e escuto, sejam gestos, olhares, lágrimas, sorrisos, falas ou silêncios. Aprendi a “ler” esses sinais e aprendi que tudo isso tem muito significado.

Eu que não queria desvendar o “novo”, entrar em caminhos desconhecidos, me vejo cada vez mais adentrando em novas trilhas, algumas muito pouca visitadas.

Invadir novos mundos, entregar-se de corpo e alma para desvendá-los, escutar, observar, anotar, estar sempre em movimento e atenta, refletir e dar uma contribuição científica para todos, creio que seja esse o meu papel de pesquisadora.

Ao optar por trabalhar com essa população, julgo que fui “contaminada” pelo desejo, de cada vez mais, conhecê-los melhor. Portanto, falar com jovens e observá-los em parques, praças, bares, escolas, na rua, começou a ser um hábito para mim. Nessas conversas e observações totalmente informais, pude perceber e aprender muitas coisas.

Percebo que ao ter feito a escolha de trabalhar com adolescentes em conflito com a lei, adentrei não só no mundo do crime, mas no da exclusão

social. Isso é estranho, mas a impressão que tenho é a de que quem entra para pesquisar nesse mundo da exclusão acaba contaminado por um vírus que causa uma dependência eterna. O pesquisador é atraído até onde estão os excluídos e vice-versa.

Muitas vezes, quando percebo, já estou conversando com um morador de rua, seja ele um velho ou um menino ou então, com um engraxate, um pedinte, um vendedor de rosas ou um guardador de carros. Quando me controlo para já não sair conversando, quando noto, o “excluído” já tá do meu lado puxando conversa.

Quando fiz o estágio do curso de pedagogia em uma escola da periferia, os considerados “alunos problema”, de todas as turmas, eram meus grandes amigos e estavam sempre correndo atrás de mim.

Se estou em um grupo de amigos que não estejam (ainda) “contaminados” pelo mundo da exclusão, basta alguém perceber que se aproxima uma pessoa, geralmente jovem, negra, de boné, calça larga ou suja e maltrapilha, para eu escutar: *“Lá vem um (a) dos (as) amigos (as) da Liana!”*
Ou então: “Liana, lá vem um (a) dos (as) teus (uas)...”

Isso tudo não me incomoda, acho até interessante essa integração com os “excluídos” e vejo que eu e que outras pessoas “militantes” da área também possuem.

Percebo que muitas vezes nossa sociedade constrói diante de seus olhos muros de concreto para poder ficar distante dos adolescentes em conflito com a lei. Apesar desses muros serem invisíveis, a cada dia que passa são, ainda mais, percebidos por esses jovens que, além de serem autores de ato infracional, carregam em muitos casos, outras características que contribuem para a exclusão, como as de serem negros, pobres, feios e a de viverem nas periferias, ou seja, no lado esquecido da cidade.

Tanto o jovem morador da periferia como o autor de ato infracional, que na sua maioria também habita na periferia, só são lembrados quando aparecem na coluna policial ou quando passam por uma pessoa na rua que, por enxergá-los como sendo uma ameaça, assusta-se e segura a bolsa.

Por esses e por tantos outros motivos, esses jovens sentem-se como sujeitos sem voz e sozinhos do outro lado do muro. Em suas concepções, resta-lhes somente um sentimento de revolta contra tudo, contra todos e a necessidade de se armar de alguma forma.

Ao manter contato com esses jovens procuro, desde o primeiro momento, abrir uma brecha nesse muro já existente para poder perceber como é o lado de dentro, para desvendar um pouco do pensamento de quem está lá e, para de alguma forma, contribuir para que “ultrapassem” o muro.

Vejo que alguns adolescentes de imediato e outros, com o passar do tempo, percebem que eu ignoro o muro e que não vejo problema em ficar ao lado deles, mesmo não concordando com muitas coisas que fazem de errado, como as atividades ilícitas, por exemplo. Percebo que essa minha disponibilidade de escutá-los causa estranheza para muitos deles.

Sempre acreditei que somente se eu me despojasse de todos os preconceitos que poderiam existir, das concepções do senso comum, dos medos; se convivesse e desse voz a eles eu conseguiria ser aceita respeitada e considerada. Acreditei que somente dessa maneira poderia fazer um trabalho "belo, sério e válido" (Marre,1991,p.31).

Praticamente tudo o que conheço a respeito desses jovens e do mundo do crime foi percebido através de conversas informais, que muitas vezes surgiam enquanto falávamos sobre o jogo de futebol que foi transmitido pela TV no fim de semana ou sobre um grupo de pagode que foi extinto, por exemplo. Desde o início dos meus contatos com esses jovens percebi que é quando o assunto surge naturalmente que dados importantes são coletados. Acredito que o fato de eu me disponibilizar a conhecer "o outro lado do muro" facilitou a abertura que tenho para falar sobre assuntos diversos com esses adolescentes.

Para obter os dados desejados realizei entrevistas abertas, observações participantes e utilizei a técnica do grupo focal para debater assuntos pré-determinados.

Baseei-me em Alba Zaluar para abordar a relação do jovem com o mundo do crime e em Angelina Peralva para pensar sobre a questão do risco.

As entrevistas iniciais, realizadas logo na chegada dos adolescentes na Universidade para cumprirem a medida sócio-educativa de PSC, serviram para eu conhecer dados gerais. Em um primeiro contato é difícil encontrar alguém que dê muitos detalhes sobre a sua vida pessoal e muito menos sobre a sua vivência no mundo do crime. Quando um jovem em nosso primeiro contato começa a falar sobre os atos infracionais que cometeu, percebo que inicialmente o desejo dele é de querer impressionar ou assustar. Ao perceber que o objetivo não foi alcançado, desiste. Nos encontros seguintes, já com um vínculo estabelecido, os relatos do que de fato acontece na vida dele surgem espontaneamente. Quem realmente possui envolvimento com o crime, geralmente confessa isso somente depois de estabelecer um vínculo. Entretanto, mesmo que eu note no primeiro encontro que os relatos possivelmente são falsos, todas as histórias “mirabolantes” são anotadas logo após o término da entrevista.

Ao realizar atividades em grupo junto aos jovens e à equipe do Programa de PSC, utilizei a técnica de grupo focal, que busca respostas aos “porquês” e “como” dos comportamentos sociais, procurando entender as atitudes, crenças e valores de um grupo ou comunidade (Abramovay et al., 1999, p.28-29).

Os vídeos que foram apresentados para provocar as discussões retratavam temas relacionados à violência, ao crime, ao uso de drogas, ao sexo, à adolescência, à gravidez precoce, à homossexualidade, aos vínculos pessoais, à traição, à morte, ao abandono, ao amor, à amizade, entre outros. Durante a realização das conversas, todos os assuntos demonstravam estar interligados. Bastava algum jovem começar a relatar uma história sobre drogas, por exemplo, para que vários dos outros temas citados surgissem ao longo do relato.

As discussões¹⁹ realizadas após a apresentação dos vídeos sempre foram intensas e contaram com a participação efetiva de praticamente todos os jovens que faziam parte do grupo focal. Em momentos como esses, percebo, mais do que nunca, que esses jovens necessitam de um lugar para falar e de alguém que os escute, desde que esse falar não seja reconhecido como

¹⁹ Apenas como curiosidade, registro que quando eu dizia para o grupo, após o término do vídeo, que agora era a hora de discutirmos, eles riam e diziam: “Ah, agora a Liana quer que a gente brigue.” Lógico que eles sabiam que não era essa a proposta, mas eu percebi que a palavra “discussão”, para eles, é sinônimo de briga.

avaliação psicológica (Hassen,1999,p.30)²⁰. O falar deles parece ser uma busca de identidade. Em alguns momentos, vários jovens verbalizavam ao mesmo tempo para relacionar o que assistiram nos vídeos com as suas experiências de vida. Sempre surgiam histórias do mundo do crime, mesmo quando estávamos discutindo um assunto que não se referia a esse tema.

As conversas com os adolescentes do Programa de PSC sempre resultaram na coleta de dados e normalmente eram realizadas na sala do Programa. Em alguns momentos eu me encontrava sozinha na sala e em outros, havia a presença de mais alguém da equipe, que dependendo da ocasião, do que estava sendo discutido e do vínculo que essa pessoa tinha com o adolescente, também participava da conversa. Quando algum dos jovens solicitava uma conversa particular, em virtude da sala estar cheia, por exemplo, procurávamos uma sala vazia, sentávamos nos degraus de uma escada, em algum banco do pátio da Universidade ou caminhávamos pelo Campus Universitário. No horário de saída, alguns perguntavam se poderiam me acompanhar até a parada de ônibus e lá, conversávamos mais um pouco. Quando saí da Universidade com algum deles até outro lugar que não fosse a parada de ônibus, foi para solucionar algum problema, como ir até o Conselho

²⁰ Em vários momentos escutei adolescentes falarem que “odiavam” psicólogos e que não eram loucos para necessitarem consultar com um. Outros jovens que receberam do juiz um encaminhamento obrigatório para tratamento, compareciam na consulta, mas não falavam absolutamente nada ao psicólogo, ficavam o tempo todo calados.

Tutelar para tentar resolver a situação de um menino de 13 anos que estava sem escola²¹ e para mostrar o local que outro jovem teria aula. Nessas saídas, eu percebia que eles tinham a intenção de querer me “proteger”, de me cuidar dos perigos da rua e isso ocasionava uma certa satisfação para eles. Só faltava dizerem: “Tá comigo, tá com Deus”.

As entrevistas abertas com os adolescentes costumavam ser longas. Recordo-me de ocasiões em que fiquei até 4 horas conversando com um único adolescente. Em todas essas horas de conversa não eram abordados apenas os temas “pesados”, como violência, crime, drogas, armas, etc. Sempre julguei que era importante saber do que mais esses jovens gostavam de fazer e de falar. Mas como acontecia nos grupos, esses assuntos relacionados ao crime surgiam a toda hora. Colocar um ponto final nas conversas era sempre difícil, principalmente quando elas ocorriam em locais “diferentes”, ou seja, fora do espaço convencional, que era a sala do Programa.

Em alguns momentos eu notava que algum dos meninos chegava querendo falar e não conseguia. O tempo de convivência com eles fez com que eu percebesse isso através do tom de voz, do olhar, das mãos que se

²¹ Jader apesar de estar com 13 anos, nunca saiu da 1ª série do Ensino Fundamental. O menino já havia morado na rua e quando chegou na Universidade, nem respondia o que lhe era perguntando. Aos poucos fomos estabelecendo um vínculo. Apesar dele dizer que não sabia ler, após algumas testagens, percebi que ele lia e que escrevia. Tentei motivá-lo a retomar os estudos. Após muita conversa, ele aceitou. Ele não podia frequentar o Supletivo da Universidade, pois só aceitam alunos a partir de 15 anos e ele relatou também que não teria dinheiro para a passagem. A ida até o Conselho Tutelar foi para que ele fosse encaminhado para uma escola perto de sua residência. A acolhida feita pela conselheira tutelar não foi nada boa. Júlio já era bem

agitavam, dos sorrisos com o canto da boca, da inquietação ou da mudez. Para solucionar o “problema” adotei algumas “táticas” que podia ser a solicitação para que me acompanhassem até outro prédio e me ajudassem na busca de algum material ou até o jogo de “5 Marias” com pedrinhas, em algum canto da Universidade. Era necessário, nesses momentos de silêncio devido a algo que os estava incomodando, achar atividades que os descontraíssem. Nesses momentos eu me recordava de Becker, que diz que “as situações de pesquisa (...),poder-se-ia dizer, exigem a improvisação” (1994, p.14).

Depois de jogarmos ou de andarmos pelos setores da Universidade, buscando materiais e conversando com outras pessoas, eles acabavam conseguindo verbalizar o que os estava incomodando. Os motivos que causavam os silêncios, geralmente, eram desentendimentos com algum membro da família, envolvimento com traficantes, ameaças de morte sofridas, conscientização de serem dependentes químicos, pressão exercida por companheiros para que continuassem no crime, revolta pela situação de pobreza, abandono e descaso. Na maioria das vezes, lágrimas rolavam sem parar quando eles conseguiam expressar o que estava acontecendo e o que estavam sentindo.

conhecido e segundo a conselheira, a mãe dele é que teria que ir lá, mas que ela não se interessava por nada. Todas informações foram repassadas ao Juizado.

Todas as informações coletadas eram anotadas no diário de campo após a realização da conversa. Ao longo do tempo, fui percebendo a importância de descrever o ambiente em que estávamos, de observar e anotar tudo, como a roupa que vestiam, o calçado que calçavam, o uso ou não do boné, o olhar, o tom de voz, a forma de sentar, a cara de mau ou o sorriso, o cheiro, etc., ou seja, de adotar uma postura de observação etnográfica (Geertz, 1989 e Fonseca, 2000).

Os jovens do Programa de PSC, meus principais informantes, sabiam da minha pesquisa e que nossos “papos” contribuiriam para ela. Entretanto, verifiquei que a maioria esquecia dela. Às vezes, quando algum deles perguntava como foi meu fim de semana, por exemplo, e eu respondia que fiquei trabalhando na pesquisa eles diziam: “Ah é, nem lembrava mais da tua pesquisa...” ou “Tá sendo muito difícil? Tem que escrevê muito né? Nem me lembrava mais desse teu trabalho...”.

Outras vezes fui surpreendida com a solicitação de algum adolescente – normalmente aqueles que possuíam um vínculo maior – para que eu anotasse o que ele iria falar, pois seria um dado importante para a minha pesquisa.

A cooperação e o interesse que eles demonstravam em colaborar com o trabalho foram surpreendentes.

Também mantive contatos informais e fiz observações de adolescentes que estavam ou que já estiveram envolvidos no mundo do crime. Esses encontros ocorreram em shows de rap, rodas de break, reuniões com integrantes do Movimento Hip Hop e também com jovens ou crianças que estavam morando na rua, cuidando de carros, vendendo rosas, engraxando sapatos ou querendo me assaltar na rua ou em pontos de ônibus. Esses contatos e observações também me trouxeram contribuições, entretanto, optei por somente apresentar as falas dos jovens vinculados ao Programa de PSC da UFRGS.

Não segui um critério rígido para escolher meus informantes do PSC UFRGS. Desde que comecei a manter contato diário com os adolescentes, em agosto de 1997, conversei com cerca de 640 e acredito que praticamente todos me deram informações importantes para que hoje eu esteja dando um pouco de voz a eles. Os sujeitos da pesquisa têm de 12 a 21 anos²², escolaridade variada e não possuem um único nível sócio-econômico, apesar da maioria ser das classes populares. Grande parte das falas apresentadas são de jovens que possuem um envolvimento maior com o crime ou que estão ligados a pessoas que tenham esse envolvimento. Percebi também que são esses jovens que gostam mais de falar, talvez, por terem mais coisas para contar do que aqueles

²² Os adolescentes que tinham mais de 18 anos cometeram o ato infracional antes de completar a maioridade.

que cometeram atos infracionais mais leves²³ e por necessitarem “botar pra fora”, através de relatos, a violência que cometem, sofrem ou percebem no dia a dia.

Optei por pesquisar adolescentes do sexo masculino e isso se deve a alguns fatores. Em primeiro lugar, a maioria dos jovens (85,6%) que passaram pelo Programa de PSC eram do sexo masculino.

A segunda razão é porque o universo feminino é diferente do masculino no que se refere aos tipos de atos infracionais praticados²⁴. Como neste trabalho optei por enfatizar os casos de adolescentes do Programa de PSC envolvidos no mundo do crime, acabei não encontrando meninas envolvidas nesse “mundo”.

Além disso, notei que geralmente é mais difícil fazer com que uma menina fale de si, se comparada com a facilidade com que um menino o faz. Elas são mais reservadas e algumas aparentam não fazer muita questão de criar vínculos. Várias pessoas do sexo feminino com quem conversei que trabalham com meninas ou mulheres infratoras falam dessa dificuldade que elas (infratoras) possuem em se relacionar com pessoas do mesmo sexo. Em

²³ Saliento que nem todos os adolescentes que foram apreendidos por terem cometido um ato infracional que possa ser considerado “leve”, não possuam envolvimento no crime. Alguns acabaram sendo detidos pelo cometimento de algo que não foi considerado grave, apesar de praticarem delitos graves e nunca terem sido flagrados.

²⁴ A maioria das meninas que chegam ao Programa de PSC da UFRGS é pelo uso de drogas (maconha, na maioria das vezes), lesões corporais (geralmente brigam com outras meninas) e furto (muitas furtam roupas em loja).

alguns casos, parece haver um sentimento de rivalidade por parte delas em relação as educadoras, psicólogas, etc. As meninas que se vinculam, aparentam querer somente “colo” e não se propõem muito a falar.

Utilizei pseudônimos²⁵ para os jovens e na hora de apresentar suas falas, optei por transcrevê-las literalmente, obedecendo a sintaxe da linguagem falada.

A voz dos jovens é apresentada diversas vezes ao longo do texto e procurei utilizar uma fonte diferente para diferenciá-las.

Apesar de ser comum os informantes pedirem algo em troca das informações passadas ao pesquisador (Zaluar,1985,p.14)²⁶, isso nunca aconteceu comigo. Eles pareciam esquecer que além de uma pessoa amiga e uma das responsáveis pelo atendimento no Programa de PSC eu era também pesquisadora.

Já fiz alguns favores de forma espontânea para eles, como gravar uma fita de rap ou de pagode, corrigir e/ou digitar letras de músicas compostas por eles, ensinar algumas noções básicas de informática, presentear com uma foto tirada em alguma das festas realizadas pelo Programa da Universidade. Entretanto, o mais comum era eles me presentarem com a composição de

²⁵ Apenas mantive o nome de Rodrigo, o jovem que terá um pouco de sua história apresentada a partir da página 148 deste trabalho. Optei por agir assim, porque Rodrigo lutava muito, assim como a grande maioria dos jovens, pelo seu reconhecimento, por sua identidade. Além disso, acho que ele iria gostar de ver o seu nome - mesmo sendo um nome que muitos têm - em um trabalho acadêmico.

²⁶ Os informantes de Zaluar perguntavam quantos sacos de feijão receberiam em troca das informações.

uma música, bolachinha, desenho, flor, pulseirinha. Creio que eles achavam que por conversar e escutá-los, eu é que tinha que receber algo em troca.

Isso sempre fez com que eu me sentisse “aceita”, apesar de saber que eles não me consideravam “igual” (Zaluar, 1985, p.20).

Sempre me coloquei na postura de fazer uma “leitura positiva” do “mundo” deles. Conforme Charlot (2000), o ser humano ao construir-se na relação com o outro e com o mundo, demonstra sempre contradições, mas também dimensões construtivas e positivas em seu processo.

Muitas vezes escutei de algum dos jovens, após me indignar por eles terem decidido resolver um simples problema “*na bala*” ou “*na mão*”, frases semelhantes a essa: “Não adianta, teu mundo é diferente do meu... Tu nunca vai entendê... O que vale pro teu mundo não vale pro meu.”.

A partir de agora, apresento um pouco do que pude perceber do “mundo” deles.

4 . As Características e as Vivências Observadas nos Adolescentes Pesquisados

Este capítulo visa apresentar histórias, concepções, confidências, angústias e as principais características dos adolescentes vinculados ao Programa de PSC da UFRGS e envolvidos no mundo do crime.

4.1. O jovem e a família

4.1.1. A visão do jovem em relação à família

O tema “família” é um tabu para muitos. Principalmente quando o assunto surgia nos grupos focais, escutei diversas frases semelhantes a essas:

“Ih, de família é melhor a gente não falá...”

“Sobre família eu não gosto nem de pensá...”

“Família é um assunto que me deixa triste.”

Constatei através dos contatos com os adolescentes, principalmente com aqueles que possuem um maior envolvimento no mundo do crime, que os sentimentos em relação à família geralmente costumam ir ao extremo, vão do

ódio à adoração exacerbada. Em alguns casos, esses dois sentimentos também podem se mesclar.

Quando o sentimento que impera é o de ódio pela família ou por algum dos membros dela, o pai ou a mãe com mais freqüência, os jovens demonstram considerar essa instituição ou, mais especificadamente, um dos genitores os culpados, os causadores de todos os seus problemas. A família acaba sendo responsabilizada pelas decisões que foram tomadas de maneira errada por eles, como a entrada no crime e/ou o uso de drogas, por exemplo:

“A minha família é toda de bandido. Como é que eu não ia sê um? Eu tinha que seguí a nossa sina, não podia quebrá a corrente...” (Rui, 17 anos)

“A vó me nega comida. Ela pega todo o dinheiro da pensão que eu recebo da mãe (falecida) e fica com tudo pra ela. Não me compra ropa e só dexa os meus primo tomá Coca Cola... Depois ela me chama de marginal e reclama que uso loló e roubo... Eu roubo pra me vesti e comê e uso loló pra não senti tanta fome e frio quando tô na rua”. (Válber, 15 anos)

“Minha mãe ainda teve a cara de pau de dizê pro juiz que não sabe porque eu sô assim, que não sabe como eu virei bandido. Ela é uma baita duma falsa, isso sim! E eu disse isso pra ela, disse na cara dela, bem na frente do juiz. Ela sempre me maltratô, nunca ligô pra mim. Eu vivia na casa de um e depois na casa de outro quando eu era pequeno²⁷. Ela só queria sabê de cada dia ficá com um home diferente dentro de casa. Só sabia e só sabe ainda abrí as perna e fazê filho... e cada um de um home. Depois que eu cresci eu

²⁷ Sobre circulação de crianças ver FONSECA, Cláudia. *Caminhos da adoção*. São Paulo:Cortez,1995.

não suportei mais vê isso na minha frente.” (Luíz Alberto, 17 anos)

Entretanto, pelo que pude constatar, quando algum jovem demonstra ódio pela mãe, por exemplo, e a considera como sendo a culpada por todos os seus problemas e atitudes, raramente ele a agride fisicamente e, em hipótese alguma, permite que outra pessoa o faça.

“Eu não gosto da minha mãe, mas nunca na vida encostei a mão nela. Não me faltou vontade... Ela já fez muita coisa de ruim pra mim, mas batê nela eu não bato. Ela é minha mãe e em mãe não se bate....” (Júlio, 18 anos)

“Minha mãe é a culpada por tudo o que eu sou... Mesmo assim, eu não tenho coragem de machucá ela.” (Edson, 17 anos)

“O meu pai depois que bebe fica loco, mas ele sabe que se ele incostá um dedo na minha mãe ele é um homem morto.” (Michel, 16 anos)

“Meu irmão cheira cocaína e chega bem doido em casa, querendo que minha mãe faça comida pra ele de madrugada. Um dia ele quis batê nela. Quando eu fiquei sabendo disso, estourei toda a cara dele de tanto batê e avisei que se ele inconstá um dedo na mãe mais uma vez, não vai sê soco que ele vai levá... “ (Pedro, 17 anos)

Quando o sentimento é de adoração pela família, a escolha pelo crime, segundo alguns adolescentes, se deu muitas vezes pelo fato desta ser a única forma que possibilitaria que todos vivessem bem, sem privações. Ou então, a

entrada no crime foi uma escolha só deles, e nenhum membro da família influenciou na decisão.

“Minha família é tudo que eu tenho. Minha mãe principalmente... Ela sempre foi uma guerreira. Fez de tudo pra cuidá de mim e dos meus irmão. Eu me senti na obrigação de ajudá eles. Eu queria dá de tudo pra minha mãe e só consegui fazê isso roubando.” (Carlos, 20 anos)

“Eu resolvi entrá no crime porque eu quis. Todos da minha família sempre foram bons pra mim. Sei que tem mano que vira bandido porque não tem o apoio da família, mas isso eu sempre tive.” (Renato, 17 anos)

“Na minha família só tem gente que é ‘pelo certo’. Eu sou o único ‘ovelha negra’ da família... Eu amo tanto a minha mãe que sô capaz de matar qualquer um que fizer mal a ela.” (Anderson, 18 anos)

Quando ódio e adoração se misturam, os jovens se contradizem, demonstrando que não sabem o que realmente sentem. Percebi que esses sentimentos contraditórios ocorrem seguidamente. Um dias eles dizem que odeiam a mãe e no outro dizem que a amam.

“Eu tô no crime por causa da minha mãe, que tava sempre me maltratando, me batendo, me negando comida. Eu precisei entrá no tráfico pra sobrevivê, porque se eu dependesse dela, hoje eu ia tá ‘fudido’. Ela é culpada por tudo isso e eu nem quero mais sabê dela, não me importo mais com ela. Ela teve a coragem de chamá os ‘home’²⁸ pra me prendê em casa quando viu que eu cheguei com droga e arma. Se eu não tivesse fugido pela janela, ia tá ‘fechado’²⁹ até hoje. Isso uma mãe, uma mãe que é mãe mesmo, não

²⁸ Policiais.

²⁹ Privado de liberdade.

pode fazê com um filho. Eu não tenho mais mãe!” (André, 17 anos)

Cerca de duas semanas depois, esse mesmo adolescente demonstrou enquanto conversávamos ter uma adoração e uma preocupação muito grande com mãe.

“Minha mãe é tudo pra mim. Nem sei o que eu faria se eu perdesse ela... (Quase chorando) Eu sei que um dia ela vai morrê, porque todo mundo morre, mas eu espero que seja só quando ela tivê bem velhinha. Na minha mãe ninguém encosta, sabe? Quando eu era pequeno meu padrasto batia nela, mas hoje, que ele viu que eu cresci e tô “grandão”³⁰, ele nem pensa em fazê isso porque senão já sabe o que vai levá... Ele nem é loco...” (André, 17 anos)

Alguns jovens que já estiveram privados de liberdade lamentaram muito o fato de a mães e/ou de outros familiares não terem feito sequer uma visita enquanto eles permaneceram na FEBEM. Perceberam isso como sendo um descaso e se sentiram totalmente abandonados.

“Quando eu tava na FEBEM nunca ninguém da minha família foi me visitá. Eu fiquei ‘fechado’ por 6 mês e nem minha mãe foi lá. Eu via na hora das visita um monte de ‘neguinho’ com as mãe, com as namorada, e eu não tinha ninguém. Elas traziam bolachinha recheada, refri, cigarro... Eu nem queria a visita por causa dessas coisas, eu só queria é que fossem lá pra falá comigo, pra sabê como eu tava e pra eu sabê como tava todo mundo também”. (Jader, 17 anos)

³⁰ Termo utilizado quando os jovens querem dizer que são respeitados, principalmente por estarem envolvidos no crime, andarem armados e terem a proteção ou amizade dos bandidos da vila.

Outros jovens proíbem que as mães façam visitas enquanto eles estão privados de liberdade na FEBEM, pois sabem da existência da revista íntima e, por considerarem isso uma humilhação, preferem não receber visita.

O diálogo abaixo, comprova essa afirmação:

Max: - Eu e meus irmão sempre proibimo a mãe de nos visitá na FEBEM ou no Presídio. Eu sempre disse pra ela que se um dia eu fosse preso não era pra ela í lá me vê. Daí quando eu fui, ela não foi me visitá... Tá loco que eu ia dexá... Meu irmão tá no Central³¹ agora e a gente já avisô que ela não vai lá.

Liana: - Por causa da revista íntima que vocês não quiseram que ela fosse?

Max: - É... Isso é um horror... Eu nunca ia deixá minha mãe ou minhas irmã passá por isso.

É possível perceber que, quando se fala em família, é a figura da mãe que mais aparece nas falas dos jovens. É a ela que eles mais odeiam ou mais amam. Acredito que isso se deva ao fato de ser a mãe a pessoa que está mais presente na vida desses adolescentes, pois a grande maioria não mora com o pai e poucos mantêm contato com ele. Na maioria das vezes, o pai saiu de casa quando o jovem ainda era pequeno, e alguns nem mesmo o conheceram.

A figura paterna está quase sempre ausente, e pelo que pude constatar, isso causa muita revolta nos jovens e algumas vezes aparece como justificativa para a entrada no crime.

“Eu não tenho mais pai. Nem me pergunta sobre ele. Quando eu mais precisei, ele não me deu apoio.” (Jackson, 17 anos)

³¹ Presídio Central.

“Não tenho pai. Depois que ele saiu de casa eu decidi que não ia tê mais pai.” (Maurício, 18 anos)

“Não sei quem é meu pai. Acho que é por isso que sô tão revoltado assim...” (Fabiano, 15 anos)

“Eu não serei com meu filho igual o meu pai foi comigo, porque eu não vô querê tê um filho bandido.” (João, 17 anos)

Os jovens moradores da periferia que têm alguma ligação com o crime e que têm seus pais separados, normalmente, vivem com as mães. No momento em que o pai abandona o lar, a relação é cortada, pois na maioria das vezes isso acontece devido a algum motivo grave, como alcoolismo e/ou agressões constantes à família. Há também pais que morreram ou que estão presos:

“Meu pai nos maltratava muito. Depois que ele saiu de casa, não vi mais ele, graças a Deus. Quando perguntam onde tá meu pai, digo que ele tá morto.” (Rafael, 17 anos)

“Ele [o pai] só bebia e incomodava. Quando não tava bêbado, até que era legal, mas como tava quase sempre bêbado, tava quase sempre incomodando. Eu não admitia vê ele bêbado. Foi melhor mesmo tê ido embora.” (Samuel, 16 anos)

O problema de alcoolismo do pai é muitas vezes relatado pelos adolescentes.

Já os jovens que optaram por morar com o genitor após a separação, na sua maioria, são pertencentes à classe média e não possuem muito envolvimento com o crime.

Foi mais comum adolescentes falarem dos padrastos do que das madrastas. Julgo que isso também se deva ao fato de eles conviverem mais com as mães.

A grande maioria dos jovens não mantém bom relacionamento com os padrastos e vice versa. Além disso, a maioria demonstra sentir muito ciúme da mãe.

“Eu não gosto do meu padrasto. Ele vive pegando no meu pé.” (Ricardo, 15 anos)

“Meu padrasto é um baita dum sem vergonha, não sei como a mãe vive com aquele cara.” (Jéferson, 16 anos)

“Se eu soubé que meu padastro bate na minha mãe eu juro que eu acabo com ele. Eu não gosto dele e tô desconfiado disso.” (Robson, 17 anos)

“Eu já tive um monti di padrasto. Minha mãe tem fogo embaixo da saia pelo jeito... Eu nunca gostei di nenhum”. (Michael, 18 anos)

“Não queria que a mãe casasse depois que o pai foi embora, mas ela disse que a vida era dela e que eu não tinha nada que ficá me metendo.” (Marcelo, 17 anos)

Percebi que era normal a presença de muitas pessoas que não faziam parte da família nuclear vivendo na casa do jovem, como por exemplo, avós, primos, tios, cunhados, irmãos adotivos e amigos deles ou de algum outro membro da família.

“Lá em casa é um bando de gente. São mais de 10. Tem eu, minha irmã, meu irmão que não é de sangue, mas que a mãe pegô pra criá, minha outra irmã, meu cunhado, minha sobrinha, minha vó, minha tia que se separô, meu primo, meu tio que é irmão da mãe e tem também o Rafael que te falei, que tá lá³². Ah, e tem a mãe também, é claro... Semo 12 ou 13, né?” (Ronaldo, 17 anos)

A relação entre os jovens entrevistados com seus irmãos e suas irmãs é de amizade, proteção, ciúme ou disputa.

Os entrevistados que estão envolvidos com o crime costumam proteger os irmãos mais novos, caso esses não tenham o mesmo envolvimento que eles. Entretanto, se os irmãos também estão envolvidos no “mundo das falcatruas” ocorrem alianças ou disputas para ver quem é o mais perversos e “considerado”.

“Como eu sô respeitado por todo mundo na vila eu protejo os meus irmão mais novo. Mas nem era preciso eu ficá protegendo, porque lá ninguém ia tê corage de fazê alguma coisa com eles... Todo mundo sabe que eu não ia admiti.” (Sandro, 17 anos)

“Eu e meu irmão semo sócio no crime.” (Vanderlei, 16 anos)

³² Rafael era uma amigo de Ronaldo que estava morando na casa porque havia se desentendido com a sua mãe. Todos moravam em uma casa de dois cômodos.

“Meu irmão acha que é mais ‘grandão’ que eu só porque tá há mais tempo no crime, mas ele tá errado e eu ainda vô prová isso pra ele.” (João Paulo, 17 anos)

As irmãs desses jovens normalmente são protegidas e muitos aparentam possuir ciúmes delas. Várias são consideradas por eles como sendo “vadias” e como mulheres que “não se dão o respeito”.

“Eu não deixo meus amigos nem chegá perto das minha irmã. Quando um chega lá em casa eu já mando elas pro quarto e se vejo que um dos meus ‘camarada’ tá de olho nelas, já vô dizendo que elas não são pro bico deles.” (Denis, 17 anos)

“Eu quebro a minha irmã no meio se eu ficá sabendo que ela tá andando com os cara da rua de cima, que são nossos ‘contra’³³. Te juro que faço isso, porque ela já tá bem avisada que não é pra andá com eles.” (Ricardo, 18 anos)

“Minha irmã é muito vadia. Eu tenho que tá sempre atrás dela, de olho nela.” (Fábio, 17 anos)

Os jovens entrevistados demonstraram, na maioria das vezes, possuir um grande respeito pelas mães e demais familiares dos amigos de infância, independente de eles estarem envolvidos com o crime ou não. O respeito costuma existir até mesmo para com as mães dos amigos que os consideram como sendo os responsáveis por terem colocado os filhos delas no “mau caminho”.

“A mãe do Lino é como se fosse a minha também, sabe. Eu gosto muito dela. Eu chamo ela de tia.” (Rudinei, 17 anos)

“A mãe do Denis, que é um amigo meu, diz que eu que levei o filho dela pro mau caminho. A minha mãe diz que foi o Denis que me levô (rindo). Mas a tia é gente fina... Apesar dela implicá comigo, eu tenho muito respeito com ela e não deixo nenhum malandro desrespeitá ela.” (Wilson, 18 anos)

Foi comum encontrar jovens que possuíam vários familiares envolvidos em atos infracionais. Em alguns “morros”, membros de uma única família comandavam o tráfico no local.

“Lá na vila tem 3 traficante e são todos da minha família. Num ponto é meu tio, no outro meu primo e no outro a minha tia. Ela é fera na coisa...Mas esse tio e essa tia não são casados e nem esse primo é filho deles. O meu tio é casado com a irmã da minha mãe e a minha tia é irmã do meu pai. O primo é filho de outra irmã da mãe. Deu pra entendê, o tá muito confuso?” (Jamir, 17 anos)

“Minha família que tá comandando o tráfico lá na vila. Um protege o outro.” (Luciano, 16 anos)

Constatai que vários dos jovens pesquisados tinham muitas histórias para contar de violências sofridas e/ou presenciadas no âmbito da família.³⁴

³³ Inimigo.

³⁴ Saliento que não é somente nas classes populares que há violências sendo praticadas ou presenciadas pelos jovens. Nas famílias de nível sócio-econômico também existe. Entretanto, abordarei casos de jovens das classes populares, que foram a maioria dos sujeitos da minha pesquisa.

Desde a infância, apanharam muito ou viram seus familiares apanhando, principalmente, suas mães.

Quando os jovens relataram histórias de violências sofridas e/ou presenciadas na família, geralmente, demonstraram muita emoção, revolta e choraram muitas vezes.

As histórias normalmente eram da época em que eles eram pequenos. Os jovens dizem que, agora que eles cresceram, ninguém mais da família tem coragem de bater neles, e eles também não permitem que algum familiar seja agredido na sua frente.

“Quando eu era pequeno a minha mãe me acordava à noite com muita paulada e dizia que ia me matá se eu não fosse no armazém comprá cachaça pra ela.” (Bruno, 16 anos)

“Minha mãe quebrava as vassora batendo em mim.” (Marcelo 17 anos)

“Meu pai me batia de relho por qualqué coisa que eu fazia. Um dia eu derramei água na roupa nova. Ele me bateu tanto que o que ficou na roupa depois foi sangue... Que é bem pior que água... A água ia secá logo [silêncio] Relho... Relho machuca...Tu sabe o que é relho? Aqui [Porto Alegre] acho que isso nem existe... [O jovem passou a infância no interior do Estado]” (Idem)

Em uma certa ocasião, ao perguntar para Marcelo o que havia ocasionado uma grande marca em sua cabeça, só percebida devido ao corte de

cabelo que fizera naquele dia, obtive a seguinte resposta do jovem que, antes de iniciar o relato, ficou com os olhos completamente marejados:

“Eu não gosto muito de falá disso... não gosto nem de lembrá, mas eu vô dizê pra tu sabê... Foi meu pai... Um dia ele chegô bêbado. Eu era bem pequeno. Tinha uns 9 (anos), acho... Tava brincando e derramei alguma coisa no chão que não lembro. Ele pegou uma barra de ferro e acertou minha cabeça. Eu acordei no hospital. Tive que passá uns dia lá. É por isso que não gosto de cortá o cabelo assim de máquina e que uso sempre boné. Não gosto que apareça.”

Obviamente as violências presenciadas também deixaram marcas internas nesses jovens. Apesar de não serem vistas a olho nu, são percebidas quando se conversa sobre família:

“Tu sabe o que é vê um monte de home batendo na tua mãe e tu não pudê fazê nada? Eu vi isso tudo. Vi uns home invadindo a minha casa e batendo na minha mãe. Eu chorava, gritava, mas não podia fazê nada porque tinha gente me agarrando.”

O jovem seguidamente tinha momentos de crise e me procurava para conversar. O que lhe atormentava e o deixava deprimido eram as lembranças de acontecimentos passados que ocorreram com a sua família. Além de ter sofrido muita violência, também presenciou várias cenas violentas. O jovem demonstrava ter um sentimento ambíguo em relação a seus familiares, o que, pelo que pude perceber, é comum na vida dos jovens pesquisados. Em alguns momentos, Marcelo amava a todos e, em outros, odiava-os. Além disso,

culpava-se por não lhes ter ajudado e, logo depois, os culpava por todo o sofrimento que fizeram com que ele passasse.

O diálogo abaixo ocorreu quando a história estava sendo contada pela terceira vez:

Marcelo: - A minha vida é uma porcaria. Eu não presto pra nada mesmo. Quando eu era pequeno, eu vi uns home entrando na minha casa. Eles fizeram de tudo o que tu pode imaginá com a minha irmã. Eu não pude fazê nada pra ajudá ela. Eu me sinto culpado até hoje.

Liana: - Marcelo, eu sei que a cena foi horrível, mas isso que aconteceu não foi culpa tua. Tu eras pequeno e não podias ter feito nada...

Marcelo: - É... tinha um [homem] que ficava me agarrando...

Liana: - Eu lembro que tu me falaste que tinha um que veio direto pra te pegar...

Marcelo: - Foi horrível Liana... Eu choro sempre quando lembro disso. Isso e outras coisa que aconteceram na minha família fazem eu sê uma pessoa infeliz (...)

Na família da maioria dos adolescentes entrevistados, segundo o relato dos jovens e até mesmo de algumas mães, o diálogo é algo que não existe. Isso muitas vezes me foi verbalizado e em outras, foi constatado por meio de histórias que foram relatadas ou pelas observações realizadas.

“Lá em casa eu não consigo dialogá com o Flavio. Eu até tento, mas não dá, ele não aceita”. (Márcia, mãe de Danilo, um adolescente de 15 anos)

Ao perguntar aos jovens que participavam de um grupo focal se eles costumavam conversar com os familiares, notei que todos se entreolharam, como se eu tivesse feito uma pergunta imprópria. Eu já imaginava que eles

responderiam que não possuíam esse costume, mas não imaginei que a pergunta fosse causar um furor tão intenso. Júlio foi o primeiro a responder que nunca conversava com a mãe e depois dele, todos quiseram falar:

“Eu nunca converso com a mãe. Qué dizê, tu qué sabê aquilo de sentá pra dialogá, né? Isso eu nunca faço não. Só aquelas conversa de dizê que tô indo em tal lugar e deu.”
(Ademir, 18 anos)

“Eu nem lembro a última vez que sentei do lado da minha mãe para conversá...” (Vagner, 17 anos)

“Nem minha mãe e nem meu pai tem tempo pra mim...”
(Alessandro, 16 anos)

“Eu nem tenho o que conversá com a minha família.”
(Ronaldo, 17 anos)

“Lá em casa não tem isso de diálogo. Quem grita mais forte é que ganha.” (Juliano, 17 anos)

“Eu não converso com minha mãe. Ela já tem os problema dela e eu é que não vô ficá falando dos meu pra ela.”
(Volmar, 17 anos)

4.1.2. A visão da família em relação ao jovem :

O meu guri

Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar
Como fui levando, não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá
Olha aí
Olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega suado e veloz do batente
E traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que haja pescoço pra enfiar
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega no morro com o carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos tá um horror
Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega

Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais
O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo, eu não disse, seu moço
Ele disse que chegava lá
Olha aí, olha aí
Olha aí, ai o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri

Essa música de Chico Buarque de Hollanda, na minha opinião, retrata o comportamento da família de vários adolescentes em conflito com a lei. A personagem que narra os fatos e que, aparenta ser a mãe do guri, demonstra ter gerado a criança sem intenção e, provavelmente, assim como o jovem, outros filhos foram nascendo sem muito planejamento, condições financeiras e emocionais.

A história é muitas vezes a mesma...

Nasce um guri que será “levado”, ou seja, criado, provavelmente sem muita atenção, sem a presença do diálogo e em uma periferia violenta, abandonada pelo governo e pela sociedade.

Apesar disso tudo, existe a certeza de que um dia o guri chegará em algum lugar, mesmo com as ausências de afeto, de escola, de saúde e com a presença de algum tipo de violência.

O que está diante dos olhos da mãe, aparenta não ser visto, talvez, por acomodação. Por ser mais fácil e por dar mais lucro financeiro, pode ser que seja preferível acreditar que tudo o que o guri trás para dentro de casa, independentemente do que seja e da quantidade de coisas, tenha sido comprado com o dinheiro conquistado através de um trabalho.

Quem faz do morro um local perigoso, cheio de assaltos, são os filhos dos outros, que também são considerados como sendo aqueles que tentam levar o guri para o “mau caminho”.

No final da história, o guri chega em algum lugar sem volta. Infelizmente, na maioria das vezes, pode ser a FEBEM ou a prisão, a coluna policial de um jornal ou o cemitério, que aparentemente seria definitivo. Entretanto, no caso de muitos jovens não é, pois depois de cerca de três anos se a família não paga uma taxa pela cova, o corpo é desenterrado e queimado para dar lugar a outro.

Ao contatar com os familiares, principalmente, com as mães de diversos adolescentes que passaram pelo Programa de PSC, sempre procurei saber se essas pessoas tinham conhecimento do envolvimento dos filhos, irmãos ou sobrinhos na prática de atos infracionais.

Algumas diziam que nunca suspeitaram:

“Eu nunca imaginei que meu filho estivesse roubando. Minha nossa, se eu imaginasse... Ele ia ficá sem um dente

na boca e não ia mais pegar o que é dos outros.” (Tania, mãe de Adriano, um adolescente de 16 anos)

Outras desconfiaram:

“Eu tava desconfiando, mas não tinha prova.” (Silvana, mãe de Cristiano, um adolescente de 17 anos)

Havia também as que relatavam que sabiam dos atos infracionais que estavam sendo cometidos, mas que tinham esperança de que fosse somente uma fase passageira.

“Eu fiquei sabendo que ele roubava quando vi um rádio novo lá em casa, mas eu achei que fosse coisa de gurizada, que fosse passar logo essa fase.” (Vania, mãe de Cláudio, um adolescente de 16 anos)

Outras pessoas ainda achavam certo o jovem roubar, traficar, etc. Alegavam que essa era a única solução que lhes restava, já que não recebiam ajuda do Governo e da sociedade. Entretanto, saliento que foram poucas as pessoas que falaram isso.

“Eu sabia que ele andava roubando e traficando... Sei que isso não é certo, mas a vida tá muito difícil pra nós e eu precisava do dinheiro. O Márcio não é daqueles que rouba e machuca. Ele é um bom menino.” (Marilene, mãe de Flávio, 17 anos)

Alguns jovens relataram que inicialmente as mães reclamavam quando descobriram que eles estavam roubando ou traficando, mas depois acabaram

fazendo “vistas grossas” por estarem sendo favorecidas com o dinheiro das atividades ilícitas.

“Minha mãe no início dizia pra mim que isso de traficá não era certo, que ela não queria vê o filho dela envolvido nessas coisa, mas depois que ela começô a tê dinheirinho na mão dela toda sexta-feira, a encontrá coisa boa na geladeira, a vê material chegando pra reforma da casa, ela começô a aceitá. Daí quando ela me perguntava como eu tinha conseguido o dinheiro e eu dizia que tinha feito uns ‘bico’, ela fazia de conta que acreditava.” (Julio, 17 anos)

4.2. O jovem e a droga

O uso de drogas é um hábito comum na vida da maioria dos sujeitos dessa pesquisa. Os jovens entrevistados que na ocasião eram dependentes químicos começaram a se drogar por volta dos 13 anos de idade.

A quantidade e o tipo de drogas utilizadas variavam bastante no caso dos jovens pesquisados. Alguns fumavam maconha aos finais de semana, outros iam ao extremo e faziam uso do crack diariamente.

Na opinião dos jovens, as drogas que destróem as pessoas mais rapidamente são: o crack, a cocaína e o loló.

4.2.1 A maconha :

A maconha para a maioria dos adolescentes,

“faz muito menos mal que o cigarro”;

“já foi comprovado que não faz mal” ;

“é utilizada como remédio em outros países”;

“não vicia”.

Sem hostilidade, chamo isso de “papo de maconheiro”. Para justificar o uso da maconha, os jovens se prendem nessas notícias que os telejornais, jornais ou revistas apresentam como forma de chamar a atenção dos telespectadores ou leitores para que assistam ou leiam a reportagem. Entretanto, quem assiste de fato com atenção, percebe que “a coisa não é bem assim...”. Sempre tem um “porém”. A maconha pode não fazer tanto mal quanto outras drogas, mas sabemos que, como qualquer droga, inclusive, as legais, jamais será desprovida de riscos graves. Entretanto, é o chamamento principal da reportagem que chama a atenção do jovem e é nele que ele acredita, pois seleciona o que é melhor para os seus ouvidos, escuta aquilo que quer que seja verdade.

A maioria dos jovens que hoje utilizam cocaína ou crack começaram usando maconha e é por esse motivo que ela é considerada como a “porta de

entrada” para o uso de outras drogas mais “pesadas” no futuro. É raro e insignificante o número de jovens entrevistados que usam maconha e que nunca inalaram cocaína, por exemplo.

Alguns adolescentes fazem uso da maconha diariamente. Fumam de 1 a 8 baseados por dia e, mesmo assim, muitos não se consideram dependentes da droga. Relatam que fumam “só pra relaxar”, “pra dar uma viajada”, “pra esquecer um pouco dos problemas”.

Era comum os adolescentes chegarem ao Programa da Universidade para cumprir a PSC por “uso ou porte de maconha”, entretanto, atualmente, em conversas com os meninos, tenho escutado que “não estão prendendo tanto por maconha”. Não tenho como comprovar essa afirmação e nem posso dizer que ela seja verídica, somente saliento que tenho escutado isso com uma certa frequência.

Os depoimentos que seguem abaixo foram feitos durante uma conversa realizada com um grupo de 6 jovens, mas outros semelhantes já me foram feitos individualmente.

“Esses dias um brigadiano me chamou de ‘chinelos’³⁵ só porque eu tava com um baseadinho e me deu um tapão no ouvido depois.” (João, 17 anos)

Concordando com João, Felipe segue falando:

³⁵ Pessoa sem valor.

“É, eles acham que quem fuma maconha é ‘chineló’. Eles querem é pegá gente com ‘pó’³⁶, com ‘pedra’³⁷. Eles ‘dão um pau’³⁸ na gente e liberam depois. Alguns ainda sai fumando nosso baseado e rindo da nossa cara.” (Felipe, 17 anos)

4.2.2. A Loló³⁹:

O loló é considerado uma droga de “chineló” não só pelos policiais, mas por aqueles usuários de maconha, cocaína e crack. É muito utilizada por crianças e adolescentes em situação de rua, mas também por jovens moradores da periferia. Entretanto, conheci alguns adolescentes de nível sócio-econômico elevado que faziam uso freqüente. Os próprios meninos que são usuários dizem que é difícil perder o hábito de “dá uns bafo”⁴⁰ e que é mais fácil largar a maconha, a cocaína e o crack do que o loló. Julgo que provavelmente eles dizem isso, porque na vida fizeram maior uso dessa droga, que é mais barata, e não chegaram a ficar dependentes das outras, que são mais caras.

Abaixo, um depoimento de João, sobre sua experiência com o loló:

“Eu dô muitos bafo. Tem vez que passo o dia com a garrafa e com o paninho. Cocaína é muito caro, não dá pra ficá usando. Eu dô os bafos e fico alegre, bem doido..., sem medo, perco a fome..., não sinto frio. Minha garrafa é minha companheira inseparável. É, acho que sô viciado em loló... Dou bafo desde os 10 ano. Mas tem gente que

³⁶ Cocaína

³⁷ Crack

³⁸ Batem.

³⁹ Substância inalante, utilizada como droga, apesar de não ser considerada judicialmente. As substâncias que misturadas compõem a droga são compradas em ferragens, sem nenhuma dificuldade e sem nenhum controle, pois são legalizadas por serem encontradas na composição de produtos domésticos e industriais (benzina, acetona, cola, etc.)

⁴⁰ Termo utilizado pelos jovens para designar o ato de utilizar o loló.

começa muito antes que eu. Tem mandinho⁴¹ de 5 ano dando bafo. Eu acho isso um absurdo. Esses guri da rua, sabe? Desde pequeno eles já tão de paninho. Esses dias eu vi um no centro, o gurizinho ainda chupava bico, acredita? Isso me cortô o coração”.

O loló, em contato com a pele, causa queimadura e de acordo com os relatos dos jovens, é comum os policiais jogarem a droga no corpo dos que são surpreendidos fazendo uso.

No depoimento de Élder, que será apresentado a seguir, a crueldade de policiais é demonstrada:

“Eu tava na rua bem locão dando uns bafo. Chegou um porco⁴² e viu que eu tava com loló. O cara pegô e arrancô aqueles, aquelas coisa de desodorante, sabe? Aqueles, aqueles frascos ... Era ali que tava e ele jogô tudo no meu rosto. Loló queima o cara... Os porco fazem isso seguido com essa gurizada da rua. Foi por isso que quebrei o braço dele. Quebrei porque ele me jogou loló”.

(Élder- 18 anos - relatando um caso antigo, da época em que viveu na rua e que ocasionou uma PSC por lesão corporal à policial)

4.2.3. A cocaína :

A cocaína é outra droga, considerada “pesada”, que é muito utilizada pelos adolescentes entrevistados. Todos os que possuem grande envolvimento com o crime são usuários freqüentes ou pelo menos eventuais dessa droga. A

⁴¹ Criança com pouca idade.

⁴² Policial Militar

maioria dos jovens que conheci inala e não se injeta. Mais uma vez, usam o termo “chinelo” para denominar quem faz uso de cocaína injetável.

“Ficá se ‘picando’⁴³ não tá com nada. Melhor é cherá, daí não se corre o risco de pegá HIV”. (Valber, 15 anos)

Os que se injetam, dizem que estão num estágio que só cheirar não basta e que precisam do resultado da cocaína no corpo de forma mais rápida.

De acordo com SANTOS, o efeito dessa droga

“causa euforia, reduz o cansaço, aplaca a fome, excita, agita, proporciona loquacidade, aumenta a capacidade física, promove bem-estar geral e auto-satisfação. Libera a inibição e reprovações levando o usuário a cometer crime e praticar atos sexuais perversos”. (1997, p.36)

Os efeitos descritos, seguidamente apareceram nas falas dos jovens entrevistados.

“A cocaína faz a gente perdê o medo, não tê noção do perigo. Eu sempre cherava antes de robá”. (Robson, 16 anos)

“Fazê sexo depois de cherá pó é muito mais gostoso. É uma locura... Agora fazê sexo depois de fumá maconha não dá... A ‘mina’ fica lá te olhando e tu só qué sabê de viajá sozinho.” (Valter, 18 anos)

“Um ‘camarada’⁴⁴ que tava ‘cherado’⁴⁵, pegô o skate e subiu naquelas marquise de prédio, sabe? Tu acredita que o cara se jogô de lá com o skate? Deu uma pirueta no ar que foi a coisa mais linda... Quebrô as duas pernas, mas disse que

⁴³ Aplicar cocaína na veia utilizando seringa.

⁴⁴ Amigo, conhecido.

⁴⁵ Tinha utilizado cocaína por inalação.

valeu a pena... Até foto o pessoal tirô dele pulando. Aparece ele no ar. Eu vô pedí pra ele e vô te mostrá. Mas o cara disse que não teria feito aquilo se não tivesse ‘cherado’...” (João, 17 anos)

“Eu chero cocaína pra ficá feliz, pra esquecê os meus problema. Minha mãe também faz isso...” (Bruno, 16 anos)

Apesar do município de Porto Alegre possuir o “Programa de Redução de Danos”, que consiste em trocar seringas usadas por novas, a maioria compartilha as mesmas com o grupo de amigos. Dizem que isso ocorre porque não conhecem esse Programa, porque nunca encontram alguém fazendo a troca das seringas na vila em que moram, porque na hora em que compartilham as seringas estão tão “loucos” que nem “atinam” nada, porque já estão com o vírus da AIDS ou porque não “ligam” mais para a vida.

De acordo com minhas observações, quem faz uso de cocaína injetável, se ainda não estiver utilizando crack e, caso não morra de overdose antes, começará a utilizar logo em seguida essa droga.

4.2.4. O Crack :

Pude perceber nesses anos de trabalho com essa população que o crack está cada vez mais presente na cidade de Porto Alegre e, pelas notícias apresentadas na mídia, também já é comum em outras cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul, principalmente em Caxias do Sul e Bento

Gonçalves⁴⁶. Há mais de quatro anos e meio atrás, quando comecei a trabalhar com esses jovens, essa droga aparecia com mais frequência no Estado de São Paulo e somente escutávamos falarem nela através da televisão. Raríssimas vezes ouvi algum adolescente falar que já havia utilizado ou que conhecia alguém que utilizava. Infelizmente hoje ela já está em várias esquinas e, a cada dia que passa, recebo mais notícias de meninos que a estão utilizando com frequência

Nos casos de jovens que já são dependentes de cocaína e que começam o uso frequente do crack, o processo de destruição é tão rápido, que o sentimento de quem trabalha com essa população é de que não há nada a fazer. Os próprios especialistas com quem conversei me disseram que não tem muito a ser feito quando o sujeito chega até o crack, principalmente, se contar apenas com o Sistema Único de Saúde (SUS) para ser atendido e tratado.

A “pedra”, como é denominada pelos adolescentes, geralmente é utilizada quando a cocaína sozinha já não basta. Enquanto a cocaína inalada leva de minutos para que se sinta o efeito, ao fumar o crack, o usuário percebe os efeitos em segundos. É um grande desejo dos jovens que já fazem uso de outras drogas ter pelo menos alguma experiência com o crack. Considero isso como sendo uma curiosidade de caráter auto-destrutivo.

⁴⁶ Afirmação fornecida pelo Delegado do Departamento de Polícia Metropolitana, em entrevista à Zero Hora, no dia 24.02.02, na reportagem: “Crack: um combustível para a criminalidade”.

4.2.5. Motivos apresentados para o uso de drogas :

Em uma ocasião, ao conversar com Fábio sobre diversos tipos de drogas e os efeitos de cada uma, ele me disse a seguinte frase.

“Tudo é droga. Quem usa não tá preocupado com o que ela vai causar. Querem usar e pronto”. (Fábio, 18 anos)

Percebi que ao serem questionados do porque de terem optado por iniciarem o uso de drogas, quando a resposta não é “Por curiosidade.”, “Pra ter coragem.” ou “Porque eu quis!”, sempre há um culpado, que pode ser a família, os amigos, a vila em que habitam, a sociedade ou o Governo. Seja qual for o motivo, percebe-se uma atitude auto-destrutiva.

4.2.5.1 Quando a culpa é da família :

Os que culpam a família relatam que iniciaram o uso porque cresceram no meio de pessoas se drogando e que não tiveram como agir diferente, já que conviviam com aquilo diariamente. Mesmo que não desejassem aquilo para eles, não conseguiram ficar “sãos”, “de cara”⁴⁷, vendo pessoas utilizando drogas dentro de casa. Precisaram da droga para suportar aquelas cenas.

⁴⁷ Não ter utilizado droga.

Os depoimentos abaixo comprovam essa afirmação e demonstram o abandono que os jovens sentem e a falta de opção ou de capacidade para trilhar um caminho diferente:

“Desde pequenininho eu me criei vendo meu pai, minha mãe, meu tio, meus irmão se drogando o tempo todo. Eu achava aquilo tudo horrível, mas chegô uma hora que eu vi que eu não ia podê ficá vendo aquilo mais. Comecei a usá pra ficá locão e pra não deixá aquelas cena me abalá emocionalmente. Eu não tive força pra suportá aquilo sozinho e não tinha ninguém, ninguém pra me ajudá”. (Michel, 17 anos)

“Desde que era pequeno eu lembro das pessoa na minha casa usando droga. Pra mim aquilo era normal. Eu só continuei fazendo o que eu via fazerem na minha frente. Hoje eu me arrependo.” (Sandro, 15 anos)

Outra razão para colocar a culpa em alguém da família pelo início no uso da droga é a repressão, exercida principalmente pelo pai ou pela mãe.

Os maus-tratos e um controle exercido em demasia por alguém da família, aparecem nos depoimentos que seguem:

“Meu pai sempre foi um carrasco. Vivia me infernizando, dizendo o que eu tinha que fazê e o que eu não tinha que fazê. Nunca nada tava bom pra ele. Com todos meus amigos ele implicava, nenhum prestava na opinião dele. Eu acabava indo pra rua e na rua acabei sendo apresentado pra droga. Na verdade acho que fiz isso pra mostrar pra ele o que ele fez comigo, pra mostrar o quanto ele foi ruim comigo. A culpa é toda dele.” (Cristiano, 17 anos)

“Minha mãe me reprimia demais! Queria me segurá demais em casa. Quando eu me ‘soltei’, resolvi fazê tudo que nunca tinha feito. Fiz de tudo... até mesmo usá droga.” (Sérgio, 15 anos)

A negligência da família, de acordo com os depoimentos, também ocasionou o início do uso de drogas. Essa é uma das justificativas frequentemente dada pelos adolescentes com nível sócio-econômico mais elevado, apesar de fazer parte também dos discurso dos que pertencem às classes populares.

O sentimento de abandono, provocado por diferentes formas de negligência, é evidente nas falas apresentadas a seguir:

“Apesar de eu tê tudo o que eu queria, não tinha minha mãe e nem meu pai. Eles só se importavam com o trabalho deles, nem ligavam pra mim. Só me compravam com presentes. Eu até tentava dizê isso pra eles, mas eles não me ouviam, acho que nem entendiam o que eu queria dizê. Resolví então usá maconha pra esquecê tudo isso. Pelo menos enquanto eu usava, eu esquecia. Usava no quarto de propósito, pra eles sentirem o cheirão. Quando eles ficaram sabendo, se apavoraram e quiseram me interná numa clínica, mas eu nem era viciado”. (Anderson, 15 anos)

“Eu sô uma cara que não tenho ninguém, nunca tive. Pelo menos agora tenho a minha maconha e a minha ‘farinha’⁴⁸. Elas me fazem companhia.” (Luís, 16 anos)

4.2.5.2. Quando a culpa é dos amigos :

Quando consideram os amigos como sendo os culpados, o desejo de querer fazer parte do grupo é um dos motivos que leva para o uso da droga.

⁴⁸ Cocaína.

A necessidade de querer ou de ter que participar do grupo é demonstrada nas falas abaixo:

“Eu comecei a andá com esses meus amigo. Eles todos fumavam maconha. Eles me ofereciam e eu dizia que não tava afim, que naquele dia não ia querê. Eles ficavam na deles, mas eu notava que eles tavam me colocando ‘de lado’. Foi por isso que resolvi aceitá e daí não parei mais”. (Diogo, 16 anos)

“Os ‘mano’ sempre gozavam de mim porque eu não queria ‘dar uns pega’⁴⁹. Ficavam dizendo que eu não tinha corage. Um dia resolvi mostrá que eu não tinha medo não. Dei uns ‘pega’ e gostei muito. Continuei usando porque eu quis, não foi por eles... Agora tô na cocaína também. A cocaína eu usei um dia depois que usei maconha. Os ‘mano’ me ofereceram e eu não neguei. Mas a cocaína não é todo dia não... Só em dia de festa.” (Rui, 17 anos)

“Meus amigo disseram que eu tinha que usá droga se quisesse ter coragem pra roubá. E lembro que tinha uns que diziam também que eu tinha que usá pra chegá nas ‘mina’⁵⁰, mas pra isso eu nunca precisei usá.” (Paulo Roberto, 17 anos)

4.2.5.3. Quando a culpa é da periferia :

Os jovens que vivem na periferia, dizem que mesmo que alguém não chegue e ofereça a droga, ela fica muito perto, está em cada esquina, em cada canto que se olhe. E por viverem do lado “feio” da cidade, por não terem muita opção de locais para ir e, nem o que fazer, acabam achando uma

⁴⁹ Usa-se esse termo quando um grupo fuma maconha junto, utilizando um único baseado. A droga vai passando por cada pessoa do grupo.

maneira de se divertir lá mesmo e a droga acaba sendo, na opinião de muitos, a única forma de diversão.

“Viver na periferia não é fácil. É miséria, é preconceito pra todo o lado. Em tudo que é lugar que tu for olhá vai tê droga, vai tê um mano fumando, cheirando, se picando. A gente olha aquilo e vê que depois eles tão feliz. Todo mundo usa, é difícil tu não usá, pois todo mundo qué sê feliz nessa vida e a droga acaba sendo a única alegria do pobre, muitas vez.” (Vitor, 16 anos)

“É difícil pra um jovem que vive no meio da droga não começá a usá. Lá na vila não se tem nada pra fazê. Por que tu acha que fica um monte de neguinho nas esquina fumando maconha e cuidando o movimento quando se entra numa vila? Porque não se tem nada melhor pra fazê. Lá onde moro nem lugar decente pra batê uma bolinha a gente tem. Eu tô indo na escola, mas acho muito foda, uma porcaria, cheia de professora chata e quando chego em casa, ficá assistindo TV é que não dá né... porque minha mãe fica só gritando na volta e meus irmão incomodando. Trabalho eu não consigo porque tenho 17... Só me resta fumá maconha na esquina com os amigo e às vez ‘metê as mão nos bolso’⁵¹ de uns ‘playboy’⁵²” (Marcos, 17 anos)

De acordo com Adorno, a rua

“representa para não poucas crianças e jovens um espaço público de realização da existência pessoal a que os outros espaços privados e públicos - família, escola e trabalho - estão impedidos de oferecer (...).” (1993, p.201)

⁵⁰ Meninas.

⁵¹ Roubar.

⁵² Jovem rico.

A fala de Marcos, que foi citada anteriormente, mostra que além da rua, o que muitos jovens buscam para se sentirem realizados, é a droga e os roubos.

4.2.5.4. Quando a culpa é dos problemas :

Outra justificativa apresentada com frequência pelos adolescentes entrevistados é a de que começaram a utilizar drogas quando estavam passando por uma situação complicada na vida e que viram que a única solução seria se ‘chapar’⁵³ para esquecer o que estava acontecendo e para sofrer menos. O resultado na hora foi considerado por eles como sendo positivo e por esse motivo o uso continuou. Muitas vezes, consideram que os culpados pelos problemas são o governo e a sociedade, que nunca os auxiliam.

“Eu tava cheio de problemas, minha mãe ficou doente e fiquei sem sabê o que fazê. Não conseguia mais me controlá. Eu ia no posto buscá o remédio que ela tem que tomá e nunca tinha. Me desesperei, não agüentava mais agüentá aquilo tudo sozinho.” (Vinícius, 17 anos)

“Eu tinha problemas, um monte de problemas, nem sei te dizê quais, só sei que eu tinha que usá”. (Cléber, 16 anos)

⁵³ Drogar.

Saliento que em alguns poucos casos, notei que os jovens mesmo pertencendo ao mundo do crime, não faziam uso de nenhuma droga.

A questão “droga” é, sem dúvida, uma questão a ser aprofundada sob diferentes enfoques, o que transcende às possibilidades desse trabalho.

4.2.6. Tratar a dependência química : Momento complicado

Percebo que aceitar a dependência química é algo muito difícil para os jovens, conseqüentemente, também é difícil aceitar que é preciso um tratamento.. As frases mais ouvidas são as seguintes: “Não sou viciado. Quando eu quisé pará de usá eu paro” e “Não sou louco pra ter que ir em psiquiatra (ou psicólogo)”.

Quando são “convencidos” ou obrigados judicialmente a fazerem um tratamento para a drogadição acabam, muitas vezes, faltando a maioria das consultas, o que faz com que a situação continue e mesma.

Encontrar um local para tratamento é bastante difícil e chega a ser desesperador em nossa cidade e, pelo que percebo, em todas as cidades do país. Se for pelo SUS, mais ainda. Conseguir uma vaga é muito difícil, pois

sempre demora e a maioria dos locais exige que o jovem aceite que é um dependente químico e que necessita se tratar.

Atualmente existem vários dependentes químicos que acabam indo para Comunidades Terapêuticas, mais conhecidas como “fazendas”, que geralmente são vinculadas a alguma religião. O tempo de permanência costuma ser de 9 a 12 meses. Pelo contato que fiz com alguns desses locais, os jovens não têm atendimento de médico e nem de psiquiatra e/ou de psicólogo. Nenhuma medicação pode ser utilizada. Os jovens têm que suportar a abstinência, a falta da droga, “no osso”, sem apoio algum. Uma das exigências, é que estejam cientes que necessitam de tratamento e que são dependentes químicos. A família deve ficar de 1 a 3 meses sem ver o jovem. O tempo é totalmente ocupado durante o dia, e várias atividades “pesadas” são realizadas como: capina, plantação, limpeza. Essa exigência assusta a maioria dos jovens. Muitas vezes escuto frases semelhantes a essa: “ Eu não trabalho em na minha casa, não vai ser nesse lugar que eu vou pegar no pesado.”

A maioria das pessoas que trabalham na “fazenda” são dependentes químicos em abstinência que lá se trataram. Nas reuniões em grupo, são essas pessoas que costumam dar seus depoimentos de vida para os jovens que estão em tratamento. As Comunidades Terapêuticas, geralmente, ficam em cidades do interior. Os jovens, antes de serem encaminhados para elas, devem

participar de reuniões em grupo que, na maioria das vezes, acontecem em igrejas da capital. A presença de membros da família é considerada importante nesses momentos. Os jovens entrevistados que participaram dessas reuniões disseram que elas são totalmente depreciativas e que “se sai pior ainda de lá”.

Antes ainda de serem encaminhados para a “fazenda”, eles passam alguns dias na sede da Comunidade Terapêutica que, normalmente, é uma casa, em algum bairro residencial da capital. Esse período serve para que repensem se, de fato, desejam o tratamento. Vários jovens que conheci, desistiram de se tratar durante esse período de adaptação e de reflexão.

Normalmente é cobrada uma taxa mensal para a família do dependente químico. Os coordenadores dessas Comunidades Terapêuticas dizem que é para ajudar nos custos, pois a maioria são Organizações Não-Governamentais (ONGS) que não possuem apoio formal de nenhuma entidade. Sobrevivem das doações e das contribuições dos familiares que, segundo os coordenadores desses locais, é espontânea. Pelos contatos que tive com alguns familiares, essa contribuição não é tão espontânea assim...

Encontrei jovens que saíram da fazenda, depois de 9 meses ou 1 ano, cientes de que serão dependentes químicos para toda vida e que nunca poderão utilizar novamente alguma droga, nem por uma única vez. Constatei que, para outros jovens, o tratamento não serviu para nada pois, apesar de terem

conseguido se “controlar” durante o tempo que ficaram em tratamento, voltaram a usar droga novamente logo depois que retornaram para o local em que viviam antes, ou seja, no meio da droga, do tráfico, da violência.

Geralmente, depois de um tratamento é sugerido que a pessoa participe de grupos de auto-ajuda. Profissionais da área dizem que, principalmente, para quem não tem dinheiro, essa é uma boa alternativa para os que precisam de apoio para não recair. Nesse momento, a participação da família continua sendo importante.

Hospitais da capital também possuem setores de atendimento para dependentes químicos. Conseguir internação pelo SUS é complicado, na medida em que, às vezes, é necessário aguardar um ou dois meses por uma vaga. Conheço muitas mães que, após muita luta, conseguiram que o filho aceitasse a internação, entretanto, quando a vaga surgiu, depois de semanas, o jovem não quis mais aceitar o tratamento. A “batalha” tinha que começar novamente. Acompanhei muitos casos semelhantes a esse e confesso que é revoltante e frustrante perceber o quanto é caótico o atendimento e tratamento para dependentes químicos.

Quando é feita a avaliação no Hospital e é constatada a necessidade de internação, o período que o jovem fica internado, geralmente, não é superior a vinte e um dias, isso se ele não for liberado antes, pois o não cumprimento das

regras e a não aceitação ao tratamento, em alguns desses locais, ocasiona a expulsão. Na realidade o que é feito é uma desintoxicação e a continuidade do tratamento deve ser realizada com psiquiatra ou psicólogo de um posto de saúde. Isso significa que, provavelmente, o jovem que já está debilitado física e psicologicamente, ainda terá que passar por filas, aguardar semanas e ser atendido quinzenalmente no posto de saúde e nem sempre pelo mesmo profissional. Em outros casos, os jovens são encaminhados para a terapia em grupo que é realizada no hospital e denominada de “tratamento ambulatorial”.

Se é feita uma avaliação e é constatado que o jovem não necessita de internação, ele é encaminhado somente para a terapia em grupo, no próprio hospital. Esse atendimento geralmente é dado por um psicólogo. Nesses encontros, são realizadas trocas de experiências entre os dependentes químicos. Também existem grupos específicos para os pais dos jovens e, em alguns momentos, os dois grupos se encontram.

A maioria dos jovens entrevistados não gosta dessa forma de tratamento e acha que isso não serve para nada.

“O que adianta ficá lá, sentado numa roda, com um monte de gente só falando de droga? Só dá é vontade usá, isso sim. Eu não falava nada, achava tudo uma baboseira.”
(Cristiano, 17 anos)

As clínicas particulares são caríssimas e é raro encontrar alguém que possa pagar. Conheci algumas poucas famílias que tinham condições

financeiras e que internaram seus filhos. Saliento que nenhum desses jovens possuía grande grau de dependência química, usavam maconha seguidamente e cocaína eventualmente. Os pais resolveram internar “para prevenir, para que a coisa não ficasse pior depois”. Dos caso que acompanhei, os jovens voltaram a usar maconha, em quantidade menor, alguns meses depois de terem recebido alta. Quando a família tem dinheiro, não existe a exigência dos médicos de que “só dá para tratar se ele quiser, se aceitar que tá doente”.

As mães que costumam me procurar para pedir ajuda reclamam dessa exigência, pois a consideram sem fundamento. Dizem que seus filhos estão tão dependentes da droga que não têm condições de perceber e de aceitar que necessitam de tratamento. Outra reclamação que seguidamente me fazem, é a de que não entendem como os locais em que os filhos estão internados (Comunidades Terapêuticas ou Hospitais Públicos) queiram “devolvê-los” logo após o terceiro dia, por eles não estarem mais aceitando o tratamento. Sabe-se que, geralmente, é justo a partir do terceiro dia de abstinência que o dependente químico começa a sentir a “fissura”⁵⁴, ou seja, seu corpo sente a falta da droga e começa a pedir desesperadamente por ela.

Acompanho o caso de Cristiano, que hoje está com quase 21 anos, desde quando ele tinha 17 e que foi encaminhado para cumprir 8 semanas de

⁵⁴ Falta da droga.

4 horas semanais de PSC⁵⁵. Logo que nos conhecemos, ele criou um vínculo comigo e um dia me pediu ajuda. Disse que não agüentava mais se sentir “sujo” por usar droga. A partir desse dia, até hoje, não parei mais de tentar ajudá-lo, mas praticamente tudo foi em vão. Ao conseguir locais para internação, explicava para a mãe tudo o que tinha que ser feito, onde eles tinham que ir, com quem tinham que falar ,etc. Tudo ela fazia. Desde que o conheci, depois de muitos convencimentos e desistências, ele passou por terapias em grupo, psicólogos e psiquiatras de Postos de Saúde e teve quatro internações. O primeiro local foi a sede de uma Comunidade Terapêutica, local que ele deveria ter ficado antes de ser encaminhado para a “fazenda”, caso não tivesse fugido ao pular uma janela do segundo andar, no terceiro dia de internação. A segunda e a terceira internação ocorreram em um mesmo hospital e nas duas vezes ele fugiu pela porta da frente, após ter ficado internado por dois e três dias, respectivamente. Do último local, que era mais “seguro”, pois não tinha as portas abertas e nem as janelas sem grade, ele foi expulso, após ter ficado nove dias internado. Alegaram que ele não cumpria as regras, não tomava sempre os medicamentos e foi encontrado fumando cigarro

⁵⁵ Cristiano, apesar de ter ficado vinculado ao Programa de PSC por 9 meses, cumpriu somente 6 semanas das 8 que lhe foram impostas. Ele faltava muito e quando comparecia para conversarmos era sempre em outros dias que não fossem os que ele tinha agendado para cumprir a PSC. O jovem teve regressão de medida e passou a cumprir LA. Continuei acompanhando o caso de perto, a pedido do JIJ, devido ao vínculo que tinha com o jovem , e sua família. A LA de Cristiano foi de cerca de 1 ano. Hoje ele não está mais vinculado com o JIJ e já passou um dia no Presídio Central por ter furtado um desodorante em um supermercado.

duas vezes. Ele nunca recebeu visita⁵⁶, mas ninguém nunca soube informar como os cigarros foram parar nas mãos dele.

Hoje Cristiano é usuário de crack e, no momento, não está aceitando nenhum tratamento. Encontra-se na fase de dizer que “não precisa, que pára sozinho”. Ele é um jovem que vive somente para a droga, pois não sai, não se diverte, não namora. Ele reside em uma vila de Porto Alegre onde o tráfico é intenso. A família chegou a se mudar do local em uma ocasião em que Cristiano estava sendo ameaçado de morte pelos traficantes, mas ele continuou indo lá atrás da droga, apesar de, inicialmente logo após a mudança, ter ficado um tempo em abstinência. Quando a família notou que mudar de residência não adiantava, na medida em que droga tem em tudo que é esquina, retornaram para a vila, que é o local onde possuem casa própria. Seguidamente, no meio de suas crises com alucinações, ele me telefona e fala absurdos, me relata perseguições e conversas que teve com seres imaginários. Diz também que eu sou a única pessoa que se importou e se importa com ele, que sempre será grato, que é ator e que um dia falará em mim e me agradecerá através da televisão. Quando consegue ficar dias sem usar nenhuma droga, telefona e diz que está ótimo, que está “ficando gordo” e que nunca mais irá usar alguma coisa. Entretanto, dias depois, volta a usar.

⁵⁶ A família não quis visitá-lo porque os médicos já estavam informando que ele estava querendo ir embora e “incomodando”. A mãe de Cristiano temia que se caso ela fosse visitá-lo, iriam obrigá-la a levar o jovem para

Logo que o conheci, quando o uso de drogas ainda não o tinha afetado tanto, Cristiano relatou que começou a fumar maconha porque o pai, um senhor que hoje tem mais de 80 anos, implicava muito com ele e com os amigos que freqüentavam a casa. Devido a esse motivo, só lhe restou ir para a rua e foi nesse espaço que ele foi apresentado à droga. A maconha foi um passo para a cocaína.

Para sustentar o vício, quando não havia mais roupas, tênis e aparelhos eletrônicos da casa para serem “cheirados”⁵⁷, o jovem cometia pequenos furtos e, algumas vezes, traficava.

A mãe inicialmente aparentava, pelo que me relatou, não querer ver o que estava diante de seus olhos e sempre o protegia. Por ser uma pessoa sem muita instrução, muitas vezes ficava sem saber como agir, tanto que, quando comecei a interferir no caso, ela chegava a me ligar cerca de 5 ou 6 vezes ao dia para perguntar o que deveria fazer para resolver determinada situação relacionada ao tratamento de Cristiano.

Ao mesmo tempo que ela queria ajudar o filho a parar de usar drogas, acabava muitas vezes dando dinheiro para que ele comprasse cocaína, por temer que se não desse, ele fosse roubar para poder adquirir. Além disso,

casa.

⁵⁷ Termo utilizado quando se quer relatar que alguém vendeu ou trocou algo para adquirir cocaína. “Ele já cherô a blusa que ganhou da mãe”, significa que alguém inalou cocaína após ter trocado a blusa nova pela droga.

permitia que ele se drogasse dentro de casa, pois sabia que, pelo menos ali, ele estaria protegido da polícia e, de alguma forma, seguro por estar diante de seus olhos.

Hoje ela acha que o caso do filho não tem mais solução e se revolta com a demora para atendimento e intervenção, com o descaso do governo e dos médicos e com a regra desses locais de tratamento que exigem que o jovem aceite que é dependente químico.

O depoimento que será apresentado a seguir foi dado durante uma das internações de Cristiano:

“Não entendo como é que esses médicos não sabem que já era de se esperar que ele me chamasse pra tirar ele de lá. Acho que é normal que ele teja querendo ir embora de lá, afinal ele usava droga todo dia, usou no dia que foi internado até... Agora o corpo dele tá pedindo a droga e ele tá descontrolado. É por isso que ele tá querendo ir embora. Esses médicos não podem ser burros, eles sabem disso. Eles devem é tá querendo mandar ele pra casa porque ele fica incomodando quando tá com a fissura. Esses médico tinham é que dá um remédio pra ele se acalmá e não sentí falta da droga... Pobre sofre, pobre sofre... Isso acontece só porque a gente é pobre. Se eu tivesse dinheiro eu ia era colocá meu filho numa dessas clínica particular. Daí sim ele ia ficá curado. Que tristeza...”

Tentei explicar que tratar a dependência química é muito complicado e que mesmo para quem tem dinheiro, também não é fácil, mas ela não se convenceu.

Da experiência que vivi e relatei acima, posso deduzir que o tratamento à drogaditos está muito longe de encontrar um encaminhamento adequado, pelo menos entre nós. Parece ficar evidente também, que não basta para um jovem que está em conflito com a lei ser encaminhado para cumprir uma medida sócio-educativa. Pude constatar que, caso ele não seja encaminhado para tratar a drogadição, provavelmente, continuará cometendo atos infracionais. Parece ficar evidente que nenhuma medida sócio-educativa, seja ela em meio aberto ou fechado, solucionará “sozinha” o problema da dependência química.

4.3. O jovem e a escola

A maioria dos jovens entrevistados que possuíam pelo menos um certo envolvimento no mundo do crime haviam parado de estudar na 5ª série do Ensino Fundamental ou estavam “cursando-enrolando” essa série há pelo menos dois anos.

De acordo com os relatos, os principais motivos que os levaram a abandonar os estudos⁵⁸ foram: envolvimento com pessoas ligadas ao crime e posterior entrada nesse “mundo”, uso de drogas, necessidade de trabalhar para sustentar ou contribuir no sustento da casa, nascimento de filho, “casamento”, desinteresse, “aulas chatas”, “professora chata”, brigas na escola, expulsão, reprovações consecutivas, mudança de domicílio, falta de roupa e/ou material escolar.

A escola aparenta não ter grande significado para a maioria dos jovens entrevistados. A distância existente entre a escola e o jovem demonstra ser provavelmente uma das razões que justificam essa falta de significado que ela tem para muitos.

“Sei lá, eu vô pra aula e acho que aquilo tudo não tem nada a vê comigo. É tudo muito distante, é tudo muito chato. A aula de história até que é boa, porque o professor fala das

⁵⁸ 41.5%, ou seja 267 jovens que passaram pela PSC da UFRGS, de agosto de 1997 à dezembro de 2001, não estavam estudando quando cometeram o ato infracional que os levou cumprir a medida sócio-educativa na Universidade.

coisa que tão acontecendo no mundo agora, coisas que dá na TV, sabe? Daí eu acho legal...” (Rafael, 16 anos)

“Na minha escola só tem professora reclamando do salário e gritando. Já basta a minha mãe em casa gritando e reclamando que trabalha que nem uma mula pra recebê 200 real por mês... Daí eu digo: ‘Sôra, ensina, tu tá aqui pra ensinar, não pra reclamá do salário’. Mas daí ela fica braba comigo e me manda pra direção. Daí eu me irrita e digo que ela reclama de barriga cheia, porque tem carro e jóia e que minha mãe é que tem direito de reclamá. Essas mulhé tinha que dá aula e ficam reclamando. Todas as professora são assim. É por isso que eu não gosto de escola...” (Diego, 17 anos)

Vários jovens relataram que não gostavam de estudar, mas que sabiam que a escola “serve pra gente sê alguém na vida”. Mesmo assim, muitos optaram por não estudar, por acreditarem que no caso deles, que vivem na periferia, que já tiveram ou têm envolvimento com o crime, não bastará estudar para serem “alguém na vida”.

“Olha pra mim Liana, olha a miséria em que eu vivo! Eu não tenho como pensá em estudo, eu tenho é que conseguí um emprego pra me sustentá, pra ajudá a minha mãe... Eu não consigo emprego, tu sabe que tá difícil, ainda mais pra quem tem 17 [anos]. E mesmo que eu estudasse, sei lá, eu sei que eu não ia consguí sê muita coisa. Eu já apanhei tanto nessa vida que minha cabeça não funciona direito. As droga também fizeram isso comigo. Eu não tenho como í muito longe nos estudo. Tem filhinho de papai que estudô em colégio particular a vida toda e que não consegue emprego bom, mesmo que tenha feito faculdade... Como é que eu vô sê alguém?” (Zildo, 17 anos)

Eles demonstram que sabem que não serão “alguém” de verdade apenas concluindo o Ensino Fundamental e até mesmo o Ensino Médio. Cursar uma

faculdade está distante da realidade e dos planos da maioria dos jovens pesquisados.

Peralva (2000, p.57) relata que é comum encontrar em favelas do Rio de Janeiro, jovens cursando ou concluindo o Ensino Médio e já aspirando frequentar um curso superior. Confesso que não vi essas aspirações nos jovens pesquisados e saliento que talvez isso se deva, principalmente, ao fato deles estarem envolvidos com o crime.

A escola não é mais vista como um meio de ascensão social (Zaluar, 1994, p.263) e nem é garantia de emprego (Peralva, 2000, p.60).

“Se eu acabá a 8ª série já tá mais que bom. Não preciso mais que isso.” (Paulo, 16 anos)

“Eu não preciso tê estudo. Eu tô pensando o que eu vô fazê ainda... Se eu quisé continuá no tráfico, não preciso sabê mais do que eu sei [estudou até a 4ª série do Ensino Fundamental]... Se eu saí do tráfico, vô se pedrero e pintor, que nem meu pai... Também não vô precisá sabê mais do que já sei... Colégio, aula... é foda...” (Vanderelei, 17 anos)

“Eu até acho que vou fazê o 2º Grau [Ensino Médio], mas não sei ainda... Sinceramente acho que não vai adiantá pra muita coisa... Faculdade eu sei que nunca vô fazê, porque estudá aqui na UFRGS eu não vô consegui porque é muito difícil entrá, porque tem que estudá muito, eu sei. Eu tô fazendo supletivo e tu sabe que em supletivo eles dão as matéria tudo rápido...Pagá uma faculdade eu nunca vô podê.” (Fabrício, 18 anos)

Um número significativo de jovens ingressaram na escola mais tarde do que o normal. Os motivos eles não sabem dizer com certeza quais foram, mas a maioria acredita que foi por não haver escola perto de casa ou porque as mães não tinham dinheiro para comprar material escolar para todos os filhos.

“A gente morava antes numa vila que não tinha escola perto. Só tinha creche pros meus irmão menor. Tinha que pegá ônibus pra í na escola e minha mãe não tinha como me levá porque ela trabalhava e porque ia gastá muita passagem. Daí eu ficava com meus irmão em casa sozinho vendo TV e brincando. Só que quando eu fiz 12 [anos] o Conselho [Tutelar] foi lá em casa e disseram pra minha mãe que ela ia sê presa se não colocasse os filho na escola. Eu lembro que meu irmão de 8 (anos) chorava dizendo que não podiam prendê a mãe. Daí a gente foi... Fizeram uma escola lá perto logo depois. Agora aonde a gente mora tem escola do ladinho e tá todo mundo estudando.” (Paulo Roberto, 17 anos)

“Lá em casa são 8 irmão. Era muito dinheiro pra material escolar. Só depois que a mãe se ajuntô com meu padastro é que deu pra gente estudá, porque daí ele ganha um pouco bem, porque é pintor, e ajuda com dinheiro.” (Róger, 16 anos)

Pude verificar que há jovens que freqüentam a escola para poder “vê as gatinhas”, porque mantém um vínculo com alguma professora ou professor ou para comer a merenda.

“Eu gosto da escola porque lá tem muita ‘mina’ boa. É só por isso que eu vô lá.” (João, 17 anos)

“Lá na minha escola tem a professora de matemática que gosta muito de conversá comigo. Ela me escuta e me dá

conselho. Ela tem o teu jeito sabe... Gosta de escutá o cara... Isso é bom... É por isso que eu não larguei o colégio... Acho que é por isso que eu venho aqui também...” (Fábio, 17 anos)

“Eu vô pra aula por causa da merenda. É a única coisa que presta naquele colégio...” (Raul, 17 anos)

Percebo que a escola, em muitos casos, acaba sendo também o ponto de encontro para os jovens se reunirem para programar a prática de delitos, como tráfico de drogas, roubos, etc, e para que adolescentes que não possuem envolvimento com o crime acabem conhecendo outros jovens que já se envolvem em atos infracionais.

“Foi na escola que eu conheci as droga. Na vila eu via os cara usando na esquina, mas eu não chegava perto. A minha mãe tava sempre de olho... Na escola tinha traficante na porta e um monte de ‘mano’ usando até no pátio.” (Júlio, 18 anos)

“A gente se reúne na escola e depois da aula saímos pra roubá.” (Luís, 15 anos)

“Foi na escola que eu conheci esses meus amigo [envolvidos em roubos e tráfico de drogas].” (Renato, 16 anos)

Alguns adolescentes começaram a levar a sério os estudos após serem encaminhados para o Programa de PSC da UFRGS. Refiro-me àqueles com os quais continuei mantendo contato e que pude constatar que de fato permaneceram estudando após o cumprimento da medida sócio-educativa. Esse número de jovens que passou a levar a sério os estudos é pequeno se

formos comparar com os mais de 640 que passaram pela Universidade. Mas mesmo assim, considero isso muito importante e significativo. Alguns desses jovens começaram a estudar no Supletivo de Ensino Fundamental da Universidade, onde noto que os professores demonstram preocupação com os alunos. Além disso, esses alunos continuaram mantendo vínculo com a equipe do Programa de PSC e isso parece ser um fator que influi na permanência na escola. Era para as pessoas da equipe e para mim, durante as entrevistas ou conversas informais, que eles mostravam os avanços que estavam tendo, o que aprenderam de novo, além de pedir auxílio nas tarefas de casa. Inclusive “eu só comecei a estudar por causa tua.”, já escutei de três adolescentes.

Encontrando uma escola e pessoas que os acolham, alguns aparentam enxergar um ou mais objetivos para continuar estudando.

Eu tô gostando dessas aula. Eu vô continuá estudando. Tô louco pra acabá a 8ª série porque quero servi no exército. Se eu não servi, pelo menos vô podê fazê o curso pra sargento.” (Marcos, 17 anos)

Os jovens demonstraram que muitos familiares, as mães principalmente, não davam importância para o estudo deles, apesar de dizerem que eles tinham que estudar. Eles aparentavam necessitar de alguém que supervisionasse a frequência na escola e as tarefas de aula, mas raramente encontravam uma

figura que se propusesse a isso. Talvez seja por esse motivo que alguns se apegaram aos estudos quando encontraram pessoas que fizeram isso por eles.

Quem sabe não está aí somente um dos segredos para que a escola seja um motivo de atração para esses jovens. Professores que cobrem, incentivem, demonstrem satisfação com os avanços do jovem e consigam inseri-los em um saber significativo (Charlot, 2000).⁵⁹

Uma escola mais participativa, que escute a opinião do aluno, que permita que ele mostre a sua realidade, que faça com que ele se sinta parte dela, creio que também possibilitará que os jovens e até mesmo as crianças tenham prazer e vejam sentido em freqüentá-la.

4.4. O jovem, o “trampo”⁶⁰ e os cursos profissionalizantes

4.4.1. Trabalho : realidade distante

“Será que depois que eu terminar a PSC eu posso continuar trabalhando aqui na UFRGS?”

⁵⁹ Sobre interesse do professor pelo aluno como motivador para a permanência e sucesso na escola ver: ARANDA, Silvana Maria. Do fracasso ao sucesso escolar: o emaranhado de possibilidades e significações que tecem as relações de sucesso, saber e socialização na escola. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, março 2001.

Essa é uma pergunta comum que é feita pelos jovens que cumprem a PSC na Universidade. O desejo de ter um trabalho fica evidente na fala da maioria deles, provavelmente, por haver uma relação entre ter trabalho e estar inserido socialmente (Paugam,1999,p.74), que é o que eles aparentemente mais desejam.

De acordo com os dados levantados no Programa de PSC, 25,8% dos adolescentes ao chegarem na Universidade estavam trabalhando. Saliento que grande parte desse total era de jovens que possuíam uma escolaridade mais elevada, que não estavam muito comprometidos com o crime, que pertenciam a classe média e que não moravam em vilas onde a criminalidade é intensa. Além disso, ressalto também que a grande maioria não possuía carteira assinada.

As atividades realizadas com mais frequência eram as de office-boy, mecânico, ajudante de pedreiro e de pintor, digitador, atendente de bar, ajudante em loja ou em empresa de algum parente ou de amigo.

Os jovens com maior envolvimento no crime relatavam que faziam biscates, como cortar a grama de alguma casa, capinar, varrer um pátio, ajudar em uma obra, pintar um muro, etc. Outros, diziam que o seu trabalho era no tráfico. Justificavam a escolha por ele ser mais lucrativo e “fácil” e porque os

⁶⁰ Trabalho.

“patrão da vila foram os único que deram emprego.” Isso corresponde ao que Alba Zaluar observou no Rio de Janeiro. O dinheiro que um jovem de periferia adquire traficando, dificilmente, conseguiria realizando outra atividade. (1994, p.97)

A grande maioria dos entrevistados relatou que estava a procura de emprego, mas que não conseguiam nada. Para aqueles que ainda não haviam completado 18 anos e que não estavam liberados do Exército, era mais complicado ainda.

Várias vezes chegaram meninos ao Programa de PSC totalmente frustrados, relatando que ficaram horas em uma fila a procura de emprego e que não conseguiram nada. Muitos chegavam portando comprovantes de que de fato estavam inscritos em empresas ou então no Sistema Nacional de Empregos (SINE).

Percebi que essa busca sem sucesso por uma atividade que lhes permitisse ganhar dinheiro causava muita frustração e revolta. Vários jovens relataram que não tinham outra opção que não fosse a de roubar, no mínimo de vez enquanto, para poder sobreviver.

“Ninguém dá emprego pra nós... Depois não querem que a gente saia robando.” (Marco, 17 anos)

“Tô com 17 anos, não consigo nada... Eu preciso ajudá na minha casa, eu preciso me vesti... Enquanto eu não

consegui um 'trampo' não tenho como ficar sem tráfego.”
(Bruno, 17 anos)

Muitos daqueles jovens que nunca trabalharam, acabavam se motivando a procurar um emprego após terem passado pela Universidade e realizarem atividades administrativas.

“O meu sonho é trabalhar que nem vocês... num escritório...” (João, 17 anos)

4.4.2. Cursos Profissionalizantes : Desejo x Realidade

Nos últimos anos, começaram a ser oferecidos cursos profissionalizantes aos jovens que são considerados como estando em “situação de risco”. Na maioria das vezes, são adolescentes que cumprem alguma medida sócio-educativa, como a PSC, a LA e a semiliberdade ou que residem em Abrigos. Esses cursos costumam ser de informática, editoração gráfica, offset, serigrafia e marcenaria. Normalmente tem seis meses de duração, são patrocinados pelo Governo e/ou empresas privadas e fornecem aos jovens uma bolsa-auxílio de cerca de R\$ 60,00, vale-transporte e lanche.

Alguns dos jovens contatados que estavam frequentando os cursos passaram a ver inicialmente essa oportunidade como sendo uma “salvação”. Outros entretanto, cursavam somente em virtude da bolsa auxílio que era fornecida.

Depois de um ou dois meses, principalmente aqueles que faziam os cursos ligados à informática, sentiam dificuldade em compreender o que lhes estava sendo ensinado e alguns demonstravam receios de não conseguirem emprego. Mesmo assim, não perdiam a esperança.

Ao longo do curso, soube de casos de adolescentes que desistiram e que foram expulsos devido a brigas e furtos ocorridos no local em que as aulas eram ministradas.

As formaturas de que participei, a convite dos jovens, sempre tiveram os discursos inflamados e promocionais de governantes e de representante(s) da(s) empresa(s) privada(s) patrocinadora(s) do curso e o depoimento emocionado de jovens que ainda possuíam a esperança de mudar de vida depois de receberem aquele diploma. O clima era repleto de alegria, com jovens e seus familiares vestindo suas melhores roupas, tirando fotografias, chorando de emoção e demonstrando uma esperança no olhar e no sorriso.

“Agora com esse curso o meu filho vai mudar.”, disse-me uma mãe, enquanto me abraçava.

“O João agora que se formou, vai podê trabalhá e ajudá em casa. Não vai mais precisar aprontá na rua”, disse-me outra mãe.

“Liana, agora eu não vô mais aparecê lá na UFRGS pra cumprí mais outra PSC, porque vô trabalhá e tê o meu dinheiro”, falou-me Diego, enquanto sorria mostrando que na boca lhe faltavam dois dentes.

Apesar de eu saber que poucos daqueles meninos e meninas conseguiriam um emprego, por serem de periferia, terem pouca escolaridade, não terem uma “boa aparência”, serem dependentes químicos e terem o rótulo de serem “de FEEBEM”, era impossível eu não me emocionar vendo todas aquelas cenas carregadas de comoção e aqueles desejos de mudança. Eu confesso que queria acreditar que aquilo tudo pudesse ser verdade.

Infelizmente, os diplomas da maioria dos jovens que pude acompanhar, ficaram esquecidos em uma gaveta qualquer, outros foram perdidos e um outro ainda foi dobrado e guardado em uma carteira para posteriormente ser rasgado por um policial durante um “ataque”⁶¹, enquanto aquele que o conquistou, levava pontapés, simplesmente por estar na rua escutando música durante a madrugada.

A esperança desaparecia quando depois de meses do término do curso os jovens continuavam sem emprego.

“É, acho que não é dessa vez que eu vô conseguí emprego...” (Luiz Fernando, 17 anos)

⁶¹ Revista policial.

“Aqueles cara prometeram e não cumpriram...” (Márcio, 16 anos)

“Fizeram aquela baita formatura só pra aparecerem na TV. Queriam era mostrar o nome deles na mídia e a gente continua aqui fudido como antes.” (Antônio, 17 anos)

“A formatura vai sê bem durante uma reunião que vai tê aqui com gente que vem de todo o mundo [II Fórum Social Mundial]. Eles querem mostrá pra essa gente que tão fazendo alguma coisa por nós. Eu vô na formatura né, mas tenho vontade de dizê que essa é a minha terceira formatura, porque eu já fiz três curso, e que até hoje não arrumei serviço.” (Adilson, 18 anos)

“Continuo sem emprego... Mas foi bom porque pelo menos aprendi bastante coisa.” (Rafael, 17 anos)

Além do curso profissionalizante, os jovens participavam de palestras e debates sobre saúde, direitos humanos e trabalhistas, drogadição, desenvolvimento sustentável, educação ambiental, associativismo cooperativismo, etc.

De acordo com os dados que obtive em uma das entidades responsáveis por um dos cursos, de outubro de 1999 à dezembro de 2000, 168 jovens se formaram. Em abril de 2001, na época em que esses dados me foram repassados, 27 adolescentes encontravam-se trabalhando no mercado formal, 28 estavam organizados em cooperativa aguardando retorno de Registro na Junta Comercial e local de incubação, 14 trabalharam durante contrato de

experiência e 32 foram encaminhados para trabalho, mas não foram selecionados.

Dos jovens que conheci, somente um tornou-se monitor do curso após ter se formado e outro foi encaminhado a uma marcenaria para entrevista, mas acabou não sendo contratado, devido a escolaridade, segundo o dono do local. O jovem estava cursando a 5ª e a 6ª série do Ensino Fundamental em um Supletivo.

Saliento que não acompanhei de perto o desenvolvimento do trabalho nesses cursos profissionalizantes, somente ouvi o depoimento de muitos jovens que participaram dos projetos, conversei com alguns professores e coordenadores, além de ter comparecido em três formaturas.

Sem dúvida alguma é importante e enriquecedor para os jovens freqüentarem esses cursos e terem contato com novas tecnologias, assim como saírem da periferia, conhecerem pessoas novas, etc. Entretanto, creio que devem ser analisadas a utilidade de alguns dos cursos que estão sendo oferecidos para os jovens, a preparação dos coordenadores e professores que desenvolvem os projetos e, principalmente, deve ser repensada uma maneira de assegurar emprego para, pelo menos, a grande maioria dos jovens que se formarem.

Levanto a questão sobre a utilidade de alguns cursos que vêm sendo oferecidos, porque fico pensando se será válido para um jovem com baixa escolaridade, morador da periferia, dependente químico, etc, formar-se em curso de editoração eletrônica ou off set, por exemplo. Certamente durante o curso ele irá obter conhecimentos das mais diversas ordens e isso será importante, mas será que ele irá aprender a ponto de ser contratado por uma empresa? Afinal, o objetivo principal do curso é profissionalizar e encaminhar os jovens para o mercado de trabalho, ou não?

Aponto também a questão da capacitação dos coordenadores e professores desses projetos, não em relação aos seus conhecimentos técnicos, teóricos de ensinar para a profissionalização, mas em relação a uma capacitação para trabalhar com uma população que é diferenciada, na medida em que está em conflito com a lei e/ou em “situação de risco”, como costumam dizer.

Falo isso porque soube de casos de professores que choravam dentro da sala de aula por não saberem como lidar com os alunos, seja por eles estarem drogados, gritando, brigando, fazendo ameaças, ofendendo verbalmente alguém ou jogando um computador no chão. Em outra ocasião, alunos relataram que drogas estavam sendo usadas no local onde as aulas eram

ministradas e que a Brigada Militar foi chamada para revistar todos os alunos dentro das salas de aula.

Despreparo e repressão é o que foi evidenciado no que foi relatado. Mesmo que tenham sido fatos isolados, não deveriam acontecer. Infelizmente, sabemos que poderá virar rotina caso não seja repensada a maneira de se agir e enquanto, por exemplo, as regras de convivência desses locais não forem construídas junto com os jovens e sim, impostas arbitrariamente.

Os jovens também necessitam de uma maior certeza de que serão encaminhados para um emprego ou de que irão participar de uma cooperativa ou algo do gênero. O que eles precisam é estarem cientes de que aprenderam algo, e que o conhecimento que adquiriram permitirá o seu sustento, para que possam se sentir pertencentes à esfera pública e para que tenham constituída a sua identidade, já que essas são as funções sociais do trabalho. Devem ainda poder associar à formação profissional a formação básica prevista em lei e exigida pelo mercado de trabalho e pela convivência social.

4.5. O jovem e a periferia

O trecho apresentado abaixo foi extraído do livro “Capão Pecado”, escrito por Ferréz, um morador do Capão Redondo, um dos bairros mais pobres e violentos de São Paulo. O autor no fragmento citado fala das injustiças sofridas pelo homem que vive na periferia.

“Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho. O homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, todos passam por ele e arrancam-lhe algo de valor. A pequena árvore é protegida pelo dono do bar, que põe em sua volta uma armação de madeira; assim, ela fica segura, mas sua beleza é escondida. O homem que vive na periferia, quando resolve buscar o que lhe roubaram, é posto atrás das grades pelo sistema. Tentam proteger a sociedade dele, mas também escondem sua beleza.” (FERRÉZ, 2000, p.15)

Fico questionando-me se seria algo exagerado e melodramático tudo isso que foi relatado, mas saliento que também foram esses sentimentos de abandono, de descaso e de injustiça os apresentados por praticamente todos os jovens moradores da periferia que pesquisei e, por esse motivo, julgo que isso deve ser apresentado e repensado.

Praticamente todos os jovens pesquisados que possuíam envolvimento com o crime viviam em bairros periféricos, onde a maioria dos moradores era de baixo poder aquisitivo e onde era constante a violência, seja pela “guerra” entre grupos rivais, seja pelo tráfico de drogas. As desavenças entre gangues, às vezes, estavam relacionadas ao tráfico de drogas e outras vezes aconteciam pela simples disputa de poder, pelo simples desejo de reconhecer qual o grupo mais perigoso, mais perverso, mais “forte”, mais armado e com mais mulheres correndo atrás. Segundo Zaluar, essa forma de agir compõe as características do “ethos de masculinidade.”(1994,p.103)

“Lá na vila tem três gangues. A gente tá sempre se pegando. Em algumas vila a briga é pelo tráfico, mas lá na minha não é por isso. Os traficante se entendem e se respeitam... Cada um tem o seu ponto. A gente briga porque cada um quer ser mais que o outro, mais respeitado, sabe... Sei lá, às vez acho que a gente briga por besteira, mas tem que ser assim. Basta um se olhá torto no ‘som’⁶², pra já dá uma briga, pra um ficá jurando o outro de morte. Tem que havê respeito com a mulher do outro também. Se um cara mexe com uma ‘mina’ que é do nosso grupo, ele vai levá bala e se a gente sabe que a ‘mina’ deu mole pra ele, ela não vai levá bala, mas vai apanhá muito.”
(Válber, 16 anos)

A quase totalidade dos jovens reclamavam que o lugar em que viviam era “feio”, “esquecido pelos políticos”, “fedorento”, “sem nada para fazer”. Já os motivos que os faziam gostar do local era porque ali viviam seus amigos,

⁶² Local que toca música. Boate, casa noturna, bailão, etc.

porque conheciam todos os moradores e todos os “becos” e porque eram respeitados e “considerados” por toda a comunidade. Para alguns jovens, esses motivos eram suficientes para que não desejassem se mudar, caso pudessem. Eles preferiam suportar todas as precariedades de estrutura e toda a violência existente no local em troca das amizades, do “domínio” da área e do reconhecimento e respeito por parte dos moradores.

De acordo com Peralva,

“a vida na favela apresenta, ainda, muitas particularidades que a protegem de uma dissolução pura e simples na sociedade de massas. Os jovens apreciam a densidade relacional do morro, sobretudo a amizade e a solidariedade.” (2000,p.63)

A fala de Rafael, que será apresentada a seguir, mostra esse desejo que tem o jovem da favela de permanecer nela, apesar de todas as precariedades existentes no local. É lá que estão seus amigos e sua identidade e é lá que é constituída uma “referência coletiva para uma identidade individual”.
(Peralva,2000, p.64)

“Lá (na vila) é horrível, eu não posso negá... A gente não tem nada... Quando chove tudo alaga, tem esgoto atrás da minha casa e da de um monte de gente também... O posto de saúde é uma porcaria, é muito difícil conseguí uma consulta e os médicos são muito ruim. A polícia, tu sabe né... tá sempre invadindo a casa de todo mundo... Botam o pé na porta e entram sem cerimônia, sem mandato nem nada...Lá é tiroteio toda hora. Mas tu sabe, mesmo que eu pudesse eu não ia querê saí de lá. Se um dia eu pudé eu tiro

a minha mãe de lá, mas eu não saio não... Lá eu sô respeitado por todo mundo, sabe... Todo mundo me conhece e me respeita e eu também conheço todo mundo e respeito quem merece sê respeitado... Agora imagina se eu fosse pra outro lugar. Pra outra vila é que eu não ia, é claro. Já tenho rixa com gente de um monte de vila... tem umas que eu não posso nem entrá. Se é pra í pra outra vila, eu prefiro a minha. Se fosse pra í pra um bairro de playboy eu não ia também. Lá eu ia sê só mais um... Em bairro de playboy, os vizinho nem se conhece..." (Rafael, 17 anos)

A violência em suas comunidades foi considerada pela maioria como sendo normal, como algo já esperado. Em alguns casos, como no relato abaixo, são apresentadas justificativas para a violência.

"A vila é violenta sim, mas isso é normal. Todas são... Tu conhece alguma que não é? Vila tem sempre pobre revoltado com a miséria, com o descaso, com o preconceito. Vila tem tráfico e tem polícia invadindo e batendo sem pedí licença, sem pedí documento, sem querê sabê se tu é trabalhador. Enquanto tivé isso tudo, vai tê violência na vila."

Ao mesmo tempo em que hoje não aceitariam sair da vila e em que naturalizam, de certa forma, a violência nela existente, os jovens relatam que não querem que seus filhos nasçam e cresçam na periferia, pois acreditam que é difícil alguém não se envolver na delinqüência, seja roubando, traficando ou se drogando, morando em um local desses que, de acordo com Garbino (1995), citado por Assis (1999,p.70), é "socialmente tóxico". Eles não querem que seus filhos sigam o mesmo caminho deles...

"Eu gosto da vila porque lá sô respeitado por todos, mas eu não quero que quando eu tivé um filho ele cresça lá, pois

não quero que meu filho seja bandido. Não quero que ele siga o mesmo caminho que eu acabei seguindo. Por isso que quero que ele cresça longe da miséria, dos bandidos, das bala perdida, do tráfico, das drogas... Porque é difícil alguém não entrar nesse mundo convivendo com isso todo dia. A prova disso sou eu e uma 'pá de gente'⁶³ que eu sei que tu conhece.”

Vários reclamaram da falta de espaço na vila para a prática de esportes. As escolas municipais, que liberam suas canchas esportivas nos finais de semana, foram os locais mais citados como alternativa de lazer. Entretanto, são poucas canchas e muitas crianças e jovens querendo ocupá-las. As praças também foram citadas, mas houve muitas reclamações a respeito do estado de conservação desses locais e também do pouco espaço disponível.

Os jovens acabam ficando nas esquinas, atentos aos movimentos e à entrada de pessoas estranhas na vila.

A rua é muitas vezes o único principal espaço de troca e de encontro (Peralva,2000,p.60) e também

“aparece como espaço de formação dos grupos de amizade que podem se desdobrar nas galeras, nas gangues, nos grupos de música e dança, como aqueles que se dedicam ao rock, ao RAP, entre outros. Muitas vezes, a violência tece, também, essa sociabilidade, quer pelo contato com o mundo do tráfico e das drogas, ou pela formação de grupos de natureza racista. Quanto maior a ausência do Estado, na oferta de equipamentos destinados à cultura e ao lazer juvenis, mais a rua adquire relevância em suas dimensões socializadoras.” (Sposito,1996, p.101)

⁶³ Várias pessoas.

Alguns ficam nas esquinas para cuidar as casas dos moradores que saem para trabalhar, afinal, nos dias de hoje, tem bandido que não respeita mais a casa do vizinho e as roupas do varal. Segundo os jovens, “ladrão que rouba de vizinho é ‘chinelô’ e merece ‘levá chumbo’”.

A lei da favela, que antigamente não permitia que o bandido roubasse dos vizinhos, não existe mais em algumas vilas de Porto Alegre.

“ Lá na vila não tem nada pra gente fazê. É por isso que a gente fica nas esquina. A gente fica também aproveitando pra cuidá o movimento, pois se a gente não cuidá da nossa comunidade, ninguém cuida né... A gente fica num lugar que a gente vê quando a polícia tá subindo. Daí a gente avisa o pessoal. Lá na vila tem muito ladrão ‘chinelô’ que rouba dos próprio morador. Eu sô um cara que não admite isso. Pobre robá de pobre, robá vizinho não dá... Os que fazem isso geralmente são uns viciado que não tem coragem de robá na rua, de robá quem tem, de ‘metê um banco’⁶⁴. Ficam robando umas porcarizinha de gente pobre, que batalhô pra comprá, de gente que cresceu com o cara. Bah, isso eu não admito mesmo, sabe...”

Nas vilas, durante toda a noite e a madrugada, jovens também fazem a “vigília”. Alguns porque fazem parte do tráfico e ficam a postos para vender a drogas para aqueles que chegam na escuridão da madrugada, muitas vezes, dentro de carrões importados, segundo os próprios jovens. Enquanto fazem isso, alguns usam drogas e/ou jogam futebol no meio da rua. Em noites “de muita adrenalina”, tiroteiam com grupos rivais. Se for um tiroteio programado

⁶⁴ Assaltar um banco.

e iniciado em território próprio, os jovens procuram fazer com que ele inicie depois do horário em que o último ônibus costuma passar trazendo moradores que chegam do trabalho. Dormem quando o dia já está amanhecendo e quando alguns trabalhadores estão dando início a mais um dia de “batente”.

É esse o dia-a-dia da maioria dos jovens entrevistados que moram na periferia e que não trabalham. Dormem durante toda a manhã e o início da tarde, depois vão para as esquinas “cuidá o movimento”; os que estudam (geralmente cursam um supletivo à noite) vão para a escola e, ao retornarem, já ficam na rua durante toda a madrugada.

Segundo os relatos dos jovens, as saídas da vila geralmente ocorrem somente nos finais de semana, devido a falta de dinheiro. Na maioria das vezes eles vão aos “sons”, onde normalmente é tocado rap ou pagode. Para entrar nesses locais, os rapazes costumam pagar R\$ 2,00 e as meninas, não pagam nada até à meia-noite e, após esse horário, pagam R\$ 1,00. Uma cerveja como cortesia é dada com frequência. Eles adoram quando tem aquelas festas em que a cerveja é liberada até certo horário. Bebem até passar mal e, pelo que concluí, depois disso não conseguem aproveitar mais nada da festa. Dentro dos “sons”, eles não costumam beber muita cerveja, a não ser quando tem alguém que recebeu o salário do mês e se propõe a pagar para todos os amigos ou quando alguém (ou vários) está com dinheiro porque

praticou algum roubo ou furto. Constatei que a bebida mais tomada pelos jovens da periferia é o vinho, aquele de garrafão de 5 litros. A maioria bebe antes de entrar no “som”. Bebem antes de sair de casa e no caminho para as festas. Bebem também enquanto fazem a “vigília” noturna, principalmente no inverno, para aquecer o corpo.

“Cerveja eu não tomo muito, porque é muito cara. Só dá pra sê no máximo duas. É um roubo o preço que eles cobram uma cerveja em um bar. Eu bebo mais é vinho, aqueles de garrafão. No inverno eu acho bom porque esquenta, mas no verão não é bom. O bom mesmo é uma cervejinha gelada, mas não dá...”

“Cerveja eu só tomo em dia especial. No aniversário da minha mãe, eu tomei um monte. Ela recebeu (salário) e fez uma festança. Um dia, no meu aniversário de 16 anos, eu acho, ela comprou também. Quando tem festa de 15 anos de alguma ‘mina’ também eu bebo cerveja. Mas o que eu bebo mais é vinho, porque é mais barato. Em 6 (jovens) a gente compra dois daqueles garrafão de 5 litro, sabe? Vai rapidinho... Vinho tinto que eu gosto. Tinto seco... Branco, ‘não era’⁶⁵....”

“A gente bebe vinho na maioria das veiz. Cerveja eu gosto, mas eu só tomo quando a gente fatura bastante num roubo. Daí a gente faz churrasco e compra cerveja pra toda galera.”

Tenho notado, nesse último ano, que a presença de jovens oriundos da periferia tem aumentado em locais antes só freqüentados por aqueles que eram considerados “playboys”. Esse número ainda é reduzido, mas percebe-se que, nos dias de hoje, esses jovens não estão mais freqüentando somente os “sons”

⁶⁵ Termo utilizado quando algo não agrada.

ou “bailões” que ficavam perto da periferia. Eles estão “invadindo” outras áreas, estão entrando nos espaços que antes só eram freqüentados pela classe média.

De acordo com Peralva isso “aumenta o sentimento de igualdade, mas ao mesmo tempo os torna mais sensíveis, que no passado, ao preconceito, à discriminação e ao racismo”. (2000, p.65)

A mistura dos “de dentro” com os “de fora” estaria aumentando os conflitos?

Julgo que essa é uma pergunta que deve ser repensada.

4.5. O jovem e a polícia

Pelo que pude constatar nas entrevistas, conversas informais e observações, o ódio é o sentimento que mais impera quando se fala com os jovens sobre polícia, seja a civil ou a militar.

Percebo que esse ódio se deve não ao fato da polícia prendê-los, pois eles acham que esse é o papel dela, mas sim, por ela ser violenta e corrupta.

“Eu detesto policial. Eu detesto mesmo... Mas não é porque eles prendi as pessoa, é porque eles são ruim demais, eles não prestam. Eles são corrupto. Eles bati na gente sem motivo. Eles são pior que muito bandido.” (Carlos, 17 anos)

“Eu tenho ódio da polícia. Lá na vila eu vejo eles í toda semana pegá dinheiro com os ‘patrão’⁶⁶, na maior cara de pau.” (Vitor, 18 anos)

“Se eu tô robando, tudo bem que a polícia me prenda. É esse o trabalho dela. Se eu dei mole, azar o meu. Mas polícia que pega os cara sem motivo, bate sem motivo, eu não admito mesmo.” (David, 16 anos)

Vários adolescentes relataram violências físicas e psicológicas que sofreram de policiais quando foram detidos pela prática do ato infracional ou por terem sido considerados suspeitos. É comum os jovens verbalizarem que para não deixarem marcas nos corpos, os policiais utilizam guias telefônicos.

⁶⁶ Traficantes.

Colocam nas costas do jovem e batem utilizando um cacete. Fazem isso para que não fiquem registradas as marcas da violência.

Os jovens dizem que eles “machucam por dentro”, que “dói o rim”. De fato os órgãos internos são machucados, mas complemento dizendo que as almas dos jovens também são machucadas.

De acordo com Diógenes,

“quando a ação policial não deixa marcas no corpo, a violência fica precisamente cravada, fincada nos sulcos da memória. Sem marcas, a violência, assim como o território, é mera abstração, e o corpo torna-se mapa de experiências silenciadas, invisíveis (...).”
(1998,p.205)

Em muitos momentos, enquanto assistíamos algum vídeo que mostrava a fala de policiais ou a intervenção dos mesmos em favelas cariocas, eu notava a expressão de raiva no rosto dos jovens e escutava alguns falando em voz baixa e outros em um tom mais alto, frases como:

“Tudo uns filho da puta”.

“São uns cretino.”

“Pra mim podiam tudo morrê.”

“Quando morrê vão tudo pro inferno”.

Em uma cena do filme “Orfeu”, que assisti com os jovens em uma determinada ocasião, apareceu um policial falando que se fosse do governo,

mandaria esterilizar todos os pobres. Ao escutar a frase, Valber falou baixinho:

“E se eu fosse do governo, ia mandá matá todos voceis...”

Todos os outros meninos que estavam presentes na sala apoiaram a fala de Valber.

Constata-se que quem vive na periferia acaba tendo medo da polícia e sente confiança é no bandido. A polícia quando sobe o morro, normalmente, é para causar problema para o bandido e para morador e raramente para ajudar quem lá está. Acabam sendo considerados como “marginais legalizados” (Fonseca, 2000,p198).

Os jovens que moram na periferia relatam que seguidamente várias casas são invadidas durante a madrugada, sem nenhuma autorização judicial e razão aparente. Os policiais buscam normalmente aparelhos eletrônicos e recolhem todos os que não possuem nota fiscal.

Douglas, um jovem de 18 anos, que seguidamente costumava ficar até de madrugada na rua, escutando música com os amigos e “cuidando o movimento”, andava sempre com a nota fiscal do rádio na carteira. Sempre o mesmo policial, que já o conhecia, colocava todas as noites o jovem “na parede” ou deitado de bruços no chão e pedia a nota fiscal do rádio. Em uma ocasião, o policial falou que não iria perder a esperança de que um dia

Douglas esquecesse o comprovante em casa e que sabia que aquele rádio ainda seria dele.

Ser negro, pobre, morar na periferia, usar boné, calça larga e andar em grupo constitui a identidade de suspeito. Possuir uma ou algumas dessas características ou atitudes já é suficiente para os jovens serem considerados suspeitos pela polícia e para irem para o “paredão pra tomá atraque”⁶⁷ (Zaluar,1994,p.89)

Eu mesma pude constatar esse sentimento de desconforto com a polícia quando realizei um trabalho de campo com jovens pertencentes ao Movimento Hip Hop.

Ao ficar no meio deles, acabava fazendo parte daquele grupo e acredito que era vista pelos policiais como sendo “mais uma”, pois eu participava de rodas de break à noite, em pleno centro da cidade e andava na periferia com jovens negros, de boné, calça larga, enfim, com jovens que possuem o estereótipo de suspeito, de bandido.

Acho que quando a polícia pensava que eu não deveria fazer parte da “quadrilha”, provavelmente imaginava que por andar com aqueles jovens, era uma “riquinha” viciada, em busca de droga.

Acredito que senti justamente o medo e a desconfiança que os jovens da periferia sentem, quando fiquei sentada em um banco de uma praça, por volta

das 22h, escutando em um rádio uma entrevista de uma cantor de rap, juntamente com vários jovens do Hip Hop. Enquanto estávamos lá, um carro da Brigada Militar e outro da Polícia Civil passou cerca de seis vezes pela nossa frente, em baixa velocidade, com os policiais somente observando. Depois o carro da Brigada foi estacionado quase ao nosso lado, e os policiais desceram e ficaram parados nos olhando por um bom tempo. Eu procurava pensar que deveria estar me sentindo segura por ter a presença de policiais ao meu lado, afinal, eu estava à noite em uma praça que até em pleno dia era considerada perigosa, entretanto, eu estava completamente desconfortável e com medo da presença deles. Sentia, justamente, o que muitos jovens me relatam que sentem. Os rapazes, como sempre, somente se entreolhavam e sacudiam a cabeça, como quem diz: “Já tão desconfiando da gente de novo...”

Já estava me imaginando tendo que explicar para os policiais a minha pesquisa e o que é etnografia. Felizmente, não foi necessário.

A relação entre polícia e morador da periferia parece ser de desconfiança por parte de um e de ódio por parte do outro. O policial parece que tem sempre que desconfiar do morador e esse, tem sempre que odiar o policial. A recíproca também é verdadeira.

⁶⁷ Ser revistado.

A polícia acaba tendo um efeito contrário do desejado, na medida que reforça as práticas delinqüentes pela “antipedagogia” (Zaluar,1994, p.113)

5. Histórias do Mundo do Crime

5.1. A história de Douglas

Douglas tem 20 anos, é negro, esguio, sorridente e com olhar inquieto. Quando está sério, sua aparência assusta um pouco, ele fica com “cara de mau”, pois seu olhar é muito marcante. Ao chegar na Universidade, com 18

anos, estava com o seu olhar assustador. Vestia uma enorme jaqueta preta, uma calça de moletom azul marinho e nas mãos sacudia um boné preto. A primeira pergunta que fiz foi se ele gostava de rap, pois desconfiei disso devido ao estilo e à estampa da jaqueta. Ele disse que sim e sorriu. Aquele foi o primeiro sorriso de muitos outros. Douglas foi encaminhado para a UFRGS para cumprir 6 meses de 4 horas semanais de PSC, por ter cometido “roubo com uso de arma de fogo”⁶⁸. Ele roubou cervejas do caminhão de uma distribuidora, dinheiro e cheques de terceiros que estavam com o motorista; ficou três meses na FEBEM antes de receber PSC e LA como regressão de medida.

Mesmo após o término da PSC, continua mantendo contato comigo.

Douglas começou a cometer atos infracionais mais cedo do que a maioria dos outros jovens entrevistados. Ia para o centro com o objetivo de roubar pedestres quando tinha 7 anos:

“Quando eu tinha 7 [anos] eu ia cedo da manhã pro centro pra assaltá as pessoa.”

Ao completar 8 anos, foi encaminhado para um Abrigo, pois recebeu medida de proteção⁶⁹, devido à negligência familiar. Quando tinha 9 anos, ficou praticamente privado de liberdade em um dos Abrigos, pois se permitissem a sua saída, acabava “aprontando” alguma coisa na rua:

⁶⁸ Especificação que constava no processo do jovem que verifiquei no JIJ.

“As ‘dona’ do Abrigo não me deixavam sair de lá. Eu ficava preso, porque se eu saísse, eu aprontava. Eu era um capeta.”

A maior parte da infância de Douglas foi entrando e saindo de Abrigos. E na adolescência, além de continuar tendo passagens por esses locais, passou também pelas casas da FEBEM destinadas a adolescentes autores de ato infracional.

Vários familiares de Douglas são envolvidos em atos infracionais. Quando o jovem chegou na Universidade, sua mãe e seu padrasto estavam presos. Douglas na época morava com a avó paterna, com vários tios, tias, primos, primas, sobrinhos e com o pai, um dependente químico de loló, maconha, cocaína e álcool. De acordo com os relatos do jovem, o pai é “doente da cabeça, louco, por causa da droga”. As tias são “tudo sem vergonha, umas ‘mão leve’⁷⁰ de quinta categoria”, pois costumam roubar no centro, assim como Douglas fazia quando era criança. O irmão mais velho foi assassinado “por causa de droga”:

“Ele era viciado e tava traficando. Não deu certo... ‘Apagaram’⁷¹ ele. Eu vi o corpo todo furado de tanta bala que levô. Ah, ele tinha AIDS.”

O jovem declara que tem dois irmãos que agora estão “no caminho certo”, pois pararam de roubar depois que conseguiram um emprego. Ele acha

⁶⁹ Ver Art. 98 do ECA.

⁷⁰ Assaltantes.

⁷¹ Mataram.

que ainda tem “mais ou menos uns dez irmão” e que todos esses sempre foram “caretas”^{72 73}.

A avó expulsou o marido de casa à bala, devido as constantes bebedeiras, traições, sem-vergonhices freqüentes e, principalmente, por ele ter transmitido a ela o vírus da AIDS.

“Com a vó, tudo é resolvido na bala. Ela tem dois ‘oitão’⁷⁴, um ‘32’⁷⁵ e uma pistola. Ela dá tiro em todo mundo, mas não é pra acertá...”

A avó também bate nas filhas, mulheres com mais de 30 anos, quando fica sabendo que elas roubaram ou brigaram com alguém na rua. Para controlar o pai de Douglas, nos momentos de crise devido ao uso ou a falta de drogas, muitas vezes o amarra no pé da mesa ou no portão para que não saia de casa.

“Onti o pai queria saí e a vó amarrô ele no portão da rua pra ele não ficá gritando lá dentro de casa. Ele agarrava aquele portão e sacudia tudo. A vó pegô uma vassora e batia nos dedo dele assim [demonstrou a cena] e ele gritava assim: nhé, nhé, nhé.”

Apesar de resolver os problemas “a bala”, “na mão” ou a cabo de vassoura , vó Maria, como é chamada por todos, não está envolvida no mundo

⁷² Pessoas que não usam drogas e que não se envolvem em atividades ilícitas.

⁷³ Sobre adolescentes infratores e seus irmãos e primos não infratores, ver ASSIS, Simone Gonçalves de. *Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta: A vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

⁷⁴ Revólver calibre 38.

⁷⁵ Revólver calibre 32.

do crime. Percebi que essas atitudes violentas que adota são a única maneira que encontra para “botar ordem” naquela família.

Aos 14 anos Douglas percebeu que roubar bolsas no centro e cometer pequenos furtos era coisa de “chinelos”. Com essa idade já usava loló, maconha e cocaína. Quando era desligado ou fugia dos Abrigos, ia para a casa da mãe ou de uma tia, em uma vila onde o tráfico era intenso e a morte de adolescentes era de uma frequência assustadora na época. Foi neste local que ele começou a se envolver com o “pessoal da pesada”. Começou a traficar e a assaltar estabelecimentos comerciais, caminhões de entrega e taxistas, utilizando armamento pesado. Fazia parte de uma conhecida quadrilha da região.

“Quando eu peguei uma pistola na mão eu vi que isso de ficá arrancando bolsa de véinha no centro era coisa de pivete... e eu não era mais pivete. Eu era ‘grandão’⁷⁶, já tinha conseguido o respeito de muita gente. O “patrão” aquele que tu sabe né⁷⁷, me considerava, tá ligado?”

Constava no processo do jovem, que obtive no JIJ, que ele teve enurese até os 14 anos.

⁷⁶ Considerado, respeitado, temido.

⁷⁷ Eu sabia os nomes e as histórias dos dois traficantes que “guerreavam” (quase que literalmente) com o intuito de comandar o tráfico no local. Douglas havia feito parte da gangue (assim que eles denominavam) de um deles. Por esse motivo, quando queria falar desse traficante, me olhava e dizia: “aquele que tu sabe”.

Entre um roubo e outro, Douglas teve passagens pela FEBEM. Quando saiu da instituição pela última vez, recebeu PSC e LA⁷⁸ e mudou-se para a vila em que até hoje reside a avó, pois após o assassinato de seu irmão e dos “rolos” que ocasionaram a prisão do padrasto, começou a ser ameaçado de morte pelos traficantes do local em que morava.

Na nova “área” de Douglas, o tráfico também era intenso. A diferença é que não existia uma “guerra” tão sangrenta entre os traficantes. Cada um respeitava o seu “ponto”.

Enquanto morava com a mãe, costumava visitar a avó se não estivesse na FEBEM. Por esse motivo, Douglas conhecia a “rapaziada da volta”. Logo integrou-se ao “Comando Noturno” do local, formado por um grupo de jovens que passava a noite toda na rua cuidando o “movimento”. Nessa época passou a usar menos drogas e raramente cheirava cocaína. Os meses em que ficou na FEBEM oportunizaram que o jovem não utilizasse drogas e se desintoxicasse.

“Quando eu fui pra FEBEM dessa última vez eu tava bem viciado, mas aí eu consegui me controlá lá dentro e me desintoxiquei. Agora não sinto tanta falta da droga. Uso maconha só às vez e ‘pó’ só usei umas quatro vez depois que saí.”

Ele deixou de cometer roubos e demonstrava preocupação em ir para o presídio, chamado por ele de “o lugar”, pois já tinha completado 18 anos:

⁷⁸ Liberdade Assistida, uma das medidas sócio-educativa previstas no ECA.

“Agora não posso dar bobeira. Tenho que me cuidar. Já tenho 18. Se eu dô mole, vô lá pro ‘lugar’. Não quero í pra lá não... Tá loco...”

O jovem continuou andando armado durante à noite para poder “lembrá dos velhos tempos” e para proteger-se de algum “contra”⁷⁹ que pudesse surgir. Continuou se envolvendo em brigas com uma certa freqüência, na maioria das vezes desacertos com moradores da vila, sem conseqüências muito graves.

“Esses dias eu tive que brigá com um cara. Cheguei em casa todo ensangüentado. A gente briguemo porque ele pegô um CD e não me devolveu mais... Mas a gente já se estranhava faz tempo, por causa de otras coisa também...”

“Ontem eu peguei um cara e bati muito nele. Era um baita dum “chinelo”, tava robando dos vizinho.”

Douglas integrou-se muito bem na Universidade quando cumpriu a PSC. Demonstrava se sentir orgulhoso por estar “trabalhando” na instituição. Adorava o elevador do prédio da Reitoria e o utilizava mesmo que fosse para subir um andar. No final das tardes em que se encontrava na Universidade, sempre ia para a sala do Programa e ficava conversando durante horas, tomando café e mostrando sua coleção de cartões telefônicos.

Hoje Douglas divide-se entre a casa da avó e a da mãe, localizada em outra vila de Porto Alegre. A mãe do jovem, depois de sair da prisão, também

⁷⁹ Inimigo.

se mudou do local em que vivia antes. O padastro continua preso. O jovem está trabalhando em um mini-mercado - localizado perto da casa da avó - e está matriculado em uma escola de ensino supletivo para cursar a 5ª e a 6ª série. Continua brigando bastante e andando com o pessoal do “Comando Noturno”.

Penso que Douglas brigue bastante porque acredite que essa é a única forma existente para continuar sendo respeitado e temido pelos moradores da vila, sejam eles trabalhadores ou bandidos, pois antigamente era por ser assaltante e traficante que ele obtinha esse “prestígio”.

Tudo indica que as medidas sócio-educativas a que foi submetido, bem como a morte do irmão e o medo do presídio, possam ter ajudado Douglas a se afastar do crime.

5.2. A história de Cláudio André :

Cláudio André é branco, de olhos verdes, magro, de altura mediana e sempre demonstrou ser bastante inquieto. Hoje tem 20 anos, mas foi encaminhado para a UFRGS para cumprir a PSC quando tinha 18. Chegou para a entrevista vestindo um blusão de lã “surrado”, uma calça preta e usava um boné branco. Entrou na sala já verbalizando que estava muito bravo, pois teve que retornar da praia, onde estava trabalhando em uma construção e

ganhando R\$ 15,00 por dia, quando foi notificado para comparecer em uma audiência no JIJ. Caso não comparecesse, iria para a FEBEM:

“Minha mãe ligô pro celular do meu tio, que também tava trabalhando na praia, e disse que tinha ido gente lá em casa pra entregá um papel de audiência. Disseram pra ela que se eu não fosse iam me botá na FEBEM. Pensei que tinham esquecido de mim... Faz um tempão que aprontei essa coisa...”

De acordo com a documentação do jovem, foi furto a “coisa” que ele cometeu para receber 3 meses de 4 horas semanais de PSC. Além disso, também recebeu LA. Por este furto, antes de receber PSC e LA, passou três meses privado de liberdade na FEBEM. Ele já havia sido encaminhado para iniciar a PSC em outra entidade, mas não compareceu nem na LA. Por esse motivo é que foi chamado para audiência.

Cláudio André relatou que estava se sentindo injustiçado, pois tinha parado com os roubos e estava trabalhando honestamente. Além disso, estava pretendendo voltar a estudar, pois só faltava a 8ª série para completar o Ensino Médio:

“Isso é uma injustiça. Se o cara tá robando eles pegam o cara e agora se ele tá trabalhando, pegam também. Não vale a pena mesmo trabalhá... Eu acho que vô é voltá pro tráfico, vô voltá a robá que eu ganho mais.”

O jovem antes de arrumar o trabalho temporário na praia, estava morando com o pai, pois queria mudar de vida e estava ciente de que só

conseguiria isso se saísse do local em que morava com a mãe, pois lá ele tinha envolvimento com muitos traficantes que não estavam querendo perder uma peça importante do jogo:

“Eles já me disseram que quem entra no crime não sai. Tavam querendo me matá porque falei que ia saí. Agora pra í lá vê minha mãe tem que sê com muito cuidado.”

Perguntei porque ele tinha optado por sair do tráfico e por parar de roubar. Ele respondeu que foi em consideração a sua mãe, pois um dia viu um amigo morto na calçada e a mãe do jovem chorando ao lado do corpo do filho, enquanto um policial militar a empurrava dizendo que ele estava morto porque era bandido. Com os olhos marejados, o jovem falou:

“Nesse dia eu decidí que tinha que mudá, porque eu não ia querê a minha mãe chorando do lado do meu corpo”.

Ao ter acesso ao processo de Cláudio André no JIJ, li que ele havia sido adotado quando ainda era bebê. Ele nunca me relatou nada sobre isso e nem sei se tinha conhecimento dessa informação.

O jovem gostava de relatar a trajetória que teve no crime. Contava tudo com muito orgulho e dava muitas gargalhadas. Eu percebia que aquele “mundo” ainda o encantava.

Em uma ocasião falei que havia notado que ele tinha orgulho de seu envolvimento no crime. Mesmo sem ter tido a intenção, acho que falei isso em

tom de reprovação, pois o jovem ficou muito bravo. Tremia, suava e deixou rolares duas lágrimas pelo seu rosto ao dizer:

“Tu sabe por acaso como era a minha vida antes de virá bandido? Tu sabe? Não sabe né! Eu era um qualqué. Não tinha a consideração de ninguém. Lá na vila seguido entravam no meu pátio e invadiam a minha casa pra robá. Eu já fui assaltado uma vez na Cavahada [nome de um bairro] e fiquei só de cueca no meio da rua. Hoje todo mundo me respeita lá na vila e em outros lugar também, mesmo que agora eu não teje mais nessas. Se antes entravam na minha casa pra robá, hoje não passam nem na calçada e se passam, é de cabeça baixa.”

O jovem relatou que costumava roubar dos ricos e que por esse motivo era conhecido na vila como “Robin Hood” ou como “bom ladrão”. Isso fazia com que ele tivesse mais prestígio:

“Eu robava dos rico, porque depois de poco tempo eles tinham tudo em dobro.”

Em uma ocasião me relatou que andava sempre muito bem vestido na época em que rouba e traficava:

“Quando eu tava envolvido com as coisa da pesada, tava sempre bem vestido, jaqueta de coró, óculos importado, só ropa de marca. Hoje pareço um mendigo, olha só... Se um dia eu entrá por aquela porta bem vestido tu já sabe que eu voltei a aprontá...”

O jovem tinha uma cicatriz no braço. No dia em que notei, perguntei o que a ocasionou. Cláudio André ficou em silêncio por alguns segundos e disse que ia contar a história porque confiava em mim:

“O cara que fez isso não tá mais aqui.”

Fiquei calada e ele continuou:

“O cara que fez isso não tá mais aqui, entende? Ele tá morto [silêncio]. Eu matei ele. Vê te contá como foi...”

Segundo o relato de Cláudio André, o rapaz havia estuprado uma moça da vila. Todos os moradores avisavam o jovem quando acontecia algum estupro, pois sabiam que ele não perdoava estupradores. No dia do homicídio, a moça mostrou para ele quem a havia estuprado. Cláudio André foi em casa pegar a arma, chamou um companheiro e foi até o encontro do rapaz, que estava bebendo em um bar:

“O desgraçado tava bebendo bem facero. Eu disse pra mim mesmo: Tu não perde por esperá infeliz!”

Ao chegar na porta do bar, Cláudio André chamou o rapaz para a rua e começou a lhe dar uns empurrões, enquanto dizia que ele não prestava e que, por ser um estuprador, deveria morrer. Sem que ele percebesse, o sujeito puxou “uma baita faca” desferindo-lhe golpes. Um deles acertou o seu braço e ocasionou a marca que ele tem até hoje. Cláudio André puxou o revólver da cintura e atirou cinco vezes. Depois disso, foi para casa, pois estava sangrando muito. O amigo de Cláudio André ficou no local do homicídio e acompanhou todo o trabalho da polícia. Na hora da briga e, posteriormente, dos tiros, o

amigo não se envolveu. Foi avisado de que deveria interferir somente se fosse necessário.

O crime aconteceu durante o dia e na presença de muitas pessoas, mas ninguém relatou nada para a polícia. Sabe-se que na favela há a lei do silêncio e que estuprador é figura mal quista e merece morrer.

Fiz alguns questionamentos para ele com o objetivo de tentar descobrir se aquilo tudo era verdade. Nunca pude ter certeza mas seu relato era convincente.

Cláudio André sempre demonstrou ter ódio de estupradores. Seguidamente contava casos de estupros e mostrava-se indignado.

Em um dia, após ficarmos conversando por mais de duas horas sobre seus roubos e sobre suas dúvidas em voltar ou não para o mundo do crime, o jovem disse, enquanto se dirigia para a porta de saída, que eu deveria me cuidar. Perguntei o motivo e ele respondeu que eu andava “muito arrumadinha” e que poderia ser assaltada. Depois disso perguntou se eu estando na rua, saberia prever que estava prestes a ocorrer um assalto. Citei algumas atitudes que quando visualizamos, causam-nos desconfiança. Ele disse que estava tudo errado e perguntou se poderia demonstrar como as coisas acontecem de fato e se poderíamos fazer uma encenação. Aceitei a proposta para ver no que iria dar.

Cláudio André “dirigia” a cena e fazia o papel do assaltante. Acabou dizendo tudo o que falei que acreditava que eram indícios de que alguém seria assaltado, apesar de ter dito anteriormente que eu estava errada e que não sabia me proteger de assaltos.

Depois da encenação, perguntou o que eu faria se chegasse alguém perto de mim, encostasse uma faca na minha barriga e quisesse me levar “pro mato”. Fiquei completamente surpresa com a pergunta e sem saber o que responder. Ele insistia perguntando se eu iria ou não “pro mato”. Respondi que achava que essa era um situação complicada, que não sabia o que responder e que algo assim só se decide na hora. Ao escutar minha resposta, Cláudio André gritou dizendo:

“Tu não podia, tu não podia í pro mato com ninguém! Tu tinha que empurrá a faca, nem que tu te cortasse toda. É melhor ficá cortada do que í pro mato com alguém! Não pode... Não pode...”

Ele continuou com os argumentos, dizendo que eu poderia gritar por socorro e que isso talvez assustasse a pessoa e a fizesse fugir. Depois disso ficou um pouco em silêncio e disse que, caso fosse um revólver que tivesse encostado em mim, deveria pensar duas vezes antes de fugir ou de gritar.

Só me restou dar um sorriso “amarelo”.

Depois desse dia ele teria que retornar somente depois de duas semanas, pois haveria um feriado na semana seguinte, justamente no dia em que cumpriria a PSC. Por este motivo, o jovem disse que iria passar outro dia da próxima semana para conversarmos. Falei que o aguardaria.

Cláudio André acabou não comparecendo. Apareceu duas semanas depois, mancando e muito bravo. Perguntei o que tinha acontecido. Ele disse que eu não iria acreditar. Relatou que justamente depois de sair da Universidade após nossa última “agradável conversa”, foi na vila visitar a mãe. Chegando lá, foi cercado por dois jovens e acabou levando um tiro no joelho. Dizia que estava com muita dor e que estava sem remédio. O médico, segundo ele, deixou a bala no local, pois só poderia tirá-la depois de um tempo. A perna estava muito inchada e ele só reclamava e me dizia:

“Viu, viu o que aconteceu!? Tudo isso porque eu quis saí dessa vida de bandido. Eles não aceitaram e agora tentaram me matá. Logo depois da nossa conversa ainda por cima...”

O jovem continuou enfurecido e disse que já havia retornado para a casa da mãe e que voltou para a vila para matar quem lhe deu o tiro:

“Eles não me queriam lá?! Eles vão tê eu lá de novo, mas agora não vai sê pra ficá do lado deles. Agora vai sê diferente...”

Tentei acalmá-lo e pedi que tentasse resolver isso tudo de outra forma e não à bala. Ele disse que na periferia as coisas eram resolvidas dessa maneira e que o meu mundo era diferente do dele:

“Não adianta, o teu mundo é diferente do meu. Por mais que eu conte ou que otros cara conte pra ti, tu nunca vai tê idéia de como a coisa é de verdade... Se eu não andá armado, vão me matá.”

Cláudio André disse que não adiantaria eu pedir para ele não se armar, pois esse pedido não teria como atender.

Nesse dia, assim como em muitos outros, fiquei pensando no quanto é difícil falar alguma coisa em uma situação como essa. Como eu poderia dizer para ele não se armar, sabendo que se ele não fizesse isso iria morrer? Ao mesmo tempo, como eu poderia dizer para ele se armar?

Perguntei se não daria para ele ir para a casa da tia que morava no interior até que tudo se acalmasse. Ele disse que não iria fugir:

“Tu sabe o que é tê uma bala no joelho? Acha que isso é uma coisa que dá pra esquecê? Bem capaz que eu vô fugí. Eu vô é resolvê o problema do meu jeito. Se eu sumo vai todo mundo ficá dizendo que eu sô um ‘cusão’⁸⁰! Não adianta vim me falá nada.”

Resolvi dizer para ele não fazer nada “de cabeça quente”, para se cuidar e para não esquecer que nesse “mundo”, quando começa uma morte,

⁸⁰ Medroso.

várias outras se seguem, porque cada um dos grupos envolvidos fica querendo vingar a perda de um companheiro. Salientei que se ele matasse alguém, teria que arcar com as conseqüências.

Depois desse dia, Cláudio André ficou três semanas sem comparecer. Na segunda semana, a assistente social do Programa de PSC da Universidade ligou para o trabalho da mãe do jovem e foi informada de que ele estava sem poder caminhar e com o joelho muito inchado. Na terceira semana, ligamos novamente e a mãe informou que ele continuava com muita dor. Cerca de quinze minutos depois do telefone ser desligado, Cláudio André entra na sala do Programa, sorrindo e dizendo que estava com saudade.

Perguntei como estava o joelho. Ele disse que a bala ainda estava lá, mas que estava bem. Informei que havíamos falado minutos atrás com a mãe dele pelo telefone e que ela informou que ele estava sem poder caminhar. Ele riu e disse:

“Minha mãe fala essas coisa só pra me protegê.”

Perguntei o que ele achava da atitude da mãe e ele disse que “mãe que é mãe protege o filho”.

Nesse dia Cláudio André estava agitado, ria muito e dizia várias “gracinhas”.

Perguntei onde ele estava morando e se tinha encontrado o pessoal que atirou nele. Ele disse que já tinha me avisado que iria voltar para a vila, para a casa da mãe e que era lá que estava. Depois respondeu a segunda pergunta me fazendo outra:

“Tu não leu o jornal na semana passada?”

Eu havia lido que três jovens da vila de Cláudio André tinham sido assassinados na saída de um “som”. Fiquei preocupada, mas procurei não relacionar os casos.

Foi a minha vez de responder a pergunta fazendo outra: “Assassinato na porta de ‘som’?”

Cláudio André balançou a cabeça em sinal de afirmação e disse:

“Três a menos agora pra incomodá...”

Perguntei quem havia matado e ele não respondeu.

Fiquei em silêncio por um tempo e ele também. Depois ele disse:

“Liana, a vida é assim mesmo...”

Resolvi perguntar o que ele pretendia fazer com a PSC. Ele disse que não saberia se continuaria cumprindo, pois estava com os dias muito ocupados.

Comentei que ele estava bem vestido e ele disse:

“Acho que isso ti diz tudo, né?”

De fato dizia tudo mesmo. Quando Cláudio André entrou pela porta, todo arrumado, eu já tinha percebido qual o caminho que ele tinha decidido seguir. Na realidade, eu nem precisava ter feito nenhuma pergunta depois de vê-lo. Já sabia que ele tinha escolhido o crime. O jovem complementou a frase dizendo:

“Eu também já tava mesmo cansado dessa vida parada... Tava querendo senti emoção, senti a adrenalina, corrê perigo de novo.”

Nunca mais vi Cláudio André depois desse dia. A técnica do JIJ, responsável pela LA, disse que ele também não estava comparecendo aos encontros e que já tinha solicitado uma audiência. Depois disso, não soube me informar mais nada.

Cerca de um ano depois de nosso último encontro, um amigo do Movimento Hip Hop, que também conhecia Cláudio André⁸¹, disse que o encontrou em um ônibus e que ele perguntou por mim, enviou um abraço e avisou que estava bem e que eu não precisava me preocupar com ele.

Perguntei ao rapaz se Cláudio André estava bem vestido. Ele não entendeu o porquê de minha pergunta, mas respondeu que sim e que isso, inclusive, chamou-lhe atenção.

⁸¹ Em um dia, enquanto eu conversava com Cláudio André, um amigo do Movimento Hip Hop foi fazer uma “visitinha” e confirmar o horário de uma reunião que havíamos agendado. Quando ele e Cláudio André se encontraram, disseram que já se conheciam e que até estudaram juntos.

Não sei se realmente Cláudio André matou o estuprador, se a morte dos três jovens no “som” foi devido ao tiro que ele levou no joelho e se ele ou alguém do seu grupo teve envolvimento nesses assassinatos. Algo nesse rapaz sempre me causou desconfiança e inquietação, talvez a incerteza de que suas histórias fossem totalmente reais ou sua arrogância. Envolver-se com o crime era certo que ele tinha e era evidente também, que sabia de muita coisa sobre esse “mundo”. Por esse motivo optei por apresentar um pouco daquela que ele diz ser a sua história. Uma coisa é certa: se não for a história dele, é a de muitos jovens que vivem nas periferias de nossa cidade e que escolhem se inserir no crime pelo desejo de visibilidade, para poderem andar bem vestidos, para honrarem o nome, para sentirem a adrenalina e para anteciparem a morte.

5.3. A história de Rodrigo :

Rodrigo chegou na Universidade para cumprir a PSC quando tinha 18 anos. Ele era branco, baixo, “fortinho” e usava bigode. Gostava de conversar quando puxavam assunto com ele. Recebeu 6 meses de PSC de 4h semanais por roubo de veículo. O jovem já tinha sido apreendido com arma em outras duas ocasiões e já havia cometido diversos roubos. Sempre dizia: “Armas me encantam...”

O jovem morava com a mãe, quatro irmãos e não mantinha contato com o pai. Parou de estudar na 5ª série do Ensino Fundamental e, às vezes, ajudava a carregar caixas em uma transportadora perto de sua residência.

Rodrigo andava envolvido com “gente da pesada” e estava sendo ameaçado de morte. Aparentava não dar muita importância para isso. Queria mesmo era continuar sentindo o poder de ter uma arma carregada em sua cintura. Várias vezes me disse:

“Arma dá poder. A mulherada tá sempre na minha volta. Mas não é só por causa disso que eu gosto...”

Quando foi divulgado que venci o “Prêmio Sócio-Educando de 1998”, na categoria “Estudantes Universitários”, um dos jornais da cidade quis publicar junto com a reportagem, a minha foto e a de um adolescente da PSC.

Tentei convencê-los a desistirem da idéia, argumentando que o outro jornal não tinha solicitado isso, mas não consegui. Liguei então para o JIJ e pedi autorização para que um adolescente fosse fotografado. Fui informada de que não haveria problema se a foto fosse de perfil e se o nome do adolescente não fosse apresentado.

Rodrigo era o único jovem da PSC que estaria na Universidade no horário em que o fotógrafo ficou de comparecer. Eu estava com receio de convidá-lo para ser fotografado e temia que ele não aceitasse e até mesmo se ofendesse.

Cheguei no setor e expliquei tudo para Rodrigo. Surpreendi-me com sua reação, pois ele aceitou na hora e já queria ir no banheiro para arrumar o cabelo. Informei que ainda era cedo. Enfatizei novamente que ele não precisaria se preocupar, pois seu rosto e nome não apareceriam. O jovem ficou pensativo e perguntou:

“Mas se eu autorizá não dá pra eu aparecê de frente e o meu nome todo também? Eu sempre quis aparecê no jornal e nunca consegui.”

Expliquei que não seria possível, pois de acordo com o ECA, adolescentes autores de ato infracional não podem ser expostos na mídia.

Rodrigo então constatou:

“Bom, melhor que nada então... Eu apareço de lado mesmo...”

Depois perguntou se pelo menos as “inicial”⁸² seriam publicadas. Falei que não sabia, mas que achava que não. Não falei isso pra ele, mas sempre considerei algo estigmatizante colocar as iniciais do nome de uma pessoa nas colunas policiais de um jornal. Quem tinha suas iniciais era sempre o bandido, o “menor”. Os outros que apareciam na reportagem, eram identificados ao menos pelo primeiro nome, fosse ele fictício ou não. Se a intenção era de

⁸² Ele estava se referindo as iniciais de seu nome.

“proteger” a pessoa não identificando-a, sempre achei que poderiam ser utilizados codinomes.

Após explicar o motivo da reportagem para Rodrigo, avisei que o procuraria quando o fotógrafo chegasse e fui resolver outras coisas em setores localizados no Campus da Universidade. O jovem resolveu ir ao banheiro arrumar os cabelos, mesmo eu tendo dito pela segunda vez que ainda era muito cedo.

Quando o fotógrafo chegou, fui até o setor de Rodrigo. Ao chegarmos, informaram que o jovem tinha sumido. Fiquei achando que ele tinha desistido. O fotógrafo foi embora e solicitou que eu ligasse para o jornal caso o jovem aparecesse. Caso contrário, fariam as fotos com outro jovem, no dia seguinte.

Depois de um tempo, fui informada de que Rodrigo havia retornado. Ele disse que estava me esperando na sala em que geralmente costumávamos conversar. Ele acreditava que eu sempre poderia ser encontrada naquele local. Como estava tudo fechado, resolveu aguardar.

Liguei para a redação do jornal e outro fotógrafo foi enviado para realizar as fotos. Rodrigo estava muito feliz, pois finalmente iria aparecer no jornal. O fotógrafo solicitou que ele colocasse o boné, pois seria mais fácil de esconder o seu rosto. O jovem ficou decepcionado, pois tinha ido ao banheiro três vezes para pentear o cabelo e poder ser fotografado sem o boné:

“Fui arrumá meu cabelo três veiz... Sempre que quero ficá de boné, dizem que tenho que tirá porque não tô na rua. Agora que quero tirá, dizem que tenho que ficá... Mas tudo bem... Vô aparecê na ‘Zero’⁸³ pelo menos...”

Fomos fotografados juntos. Fizemos encenações que demonstravam que eu o estava ajudando a colocar correspondências em escaninhos, que era a atividade que ele realizava no setor em que cumpria a PSC. Isso tudo foi idéia do fotógrafo, que também decidiu fazer algumas fotos minhas sozinha.

Quando a matéria foi publicada, levei um choque. Rodrigo não aparecia no jornal, nem mesmo suas iniciais, um codinome ou alguma outra coisa qualquer. Era como se ele não existisse.

Liguei para o jornal e perguntei por que não haviam publicado a foto dele junto comigo, já que tinham insistido tanto para que aparecesse um dos jovens da PSC. Informaram-me que foi porque o juiz e a promotora que receberam do Prêmio “menção honrosa” em suas categorias e que também apareceram na reportagem, estavam sozinhos quando foram fotografados.

Expliquei tudo para Rodrigo. Ele percebeu que eu estava bastante decepcionada e me disse apenas:

“Não faz mal, um dia eu ainda apareço... Parece que eu só vô sê alguém na vida quando eu aparecê [no jornal].Eu sinto essa coisa...”

⁸³ “Zero Hora”, nome do jornal.

Logo em seguida viajei para a Colômbia em decorrência do Prêmio e quando retornei, estranhei que Rodrigo não estava comparecendo na PSC. Fiquei preocupada, pois ele não costumava faltar. Temi que estivesse decepcionado por não ter aparecido no jornal e que por esse motivo, tivesse desistido de cumprir a medida sócio-educativa.

Ao passar os olhos pelos jornais dos dias em que não estive na cidade, devido à viagem, verifiquei que Rodrigo havia realizado o seu sonho. Ele tinha conseguido “sê alguém”. Publicaram no jornal o seu nome completo. Rodrigo fora assassinado. Fiquei em estado de choque, sem saber o que pensar e como agir. Concluí apenas que ele conseguiu ser reconhecido, “sê alguém” para sociedade, somente quando morreu.

Os protagonistas das três histórias, Douglas, Cláudio André e Rodrigo poderiam se chamar Paulo, José, João, pois as suas histórias são iguais as de muitos outros meninos que moram na periferia.

Os três jovens buscaram visibilidade, reconhecimento e diversão quando optaram por se envolverem no mundo do crime.

Douglas e Cláudio André até o momento, aparentemente, seguiram caminhos opostos. Douglas está satisfeito ao manter sua visibilidade “somente” brigando com quem lhe importuna e andando com os bandidos da vila. O futuro ninguém sabe como será. Não sabemos se ele continuará

satisfeito tendo só isso e se os moradores não esquecerão sua fama de “mau” do passado e o colocarão no anonimato.

Cláudio André resolveu permanecer no crime. Já estava sentindo falta da adrenalina fervendo, da visibilidade e de ser “Robin Hood”. Afinal, fora do crime ele era apenas uma auxiliar de pedreiro mal vestido⁸⁴.

Rodrigo foi para um caminho sem volta. Já teve o seu destino traçado. Destino esse, que é o de muitos jovens que buscam no crime o reconhecimento, a diversão e o risco (Peralva, 2000; Giddens, 2000).

K. Conclusão

O objetivo deste trabalho foi de dar voz aos adolescentes em conflito com a lei que fizeram parte do Programa de PSC da UFRGS para tentar compreender o processo que os levou à prática de atos infracionais, enfatizando principalmente o caso daqueles jovens que acabaram tendo um envolvimento maior com o “mundo do crime”.

Na busca de compreender a forma de ser desses jovens, além de abordar a questão do “mundo do crime, enfatizei os temas família, droga, escola,

⁸⁴ Sobre a importância que os jovens dão para as roupas de marca, ver Zaluar (1994), Diógenes (1998), Oliveira (2001)

trabalho e cursos profissionalizantes, vida na periferia e violência policial, por serem questões abordadas por eles reiteradamente.

Quando os jovens falaram sobre família, foi possível constatar nos relatos muitos fatos que demonstravam a existência de famílias vulneráveis quanto à falta de diálogo, ao envolvimento em atos infracionais, à ausência da figura paterna, às condições de pobreza e miserabilidade, à violência praticada e presenciada no passado e no presente, etc. Segundo alguns jovens, é a família a principal culpada pelo envolvimento deles em atos infracionais. A partir do que foi relatado, percebi que ainda que as condições familiares contribuam para a entrada de muitos dos jovens no mundo infracional, não são a única e, para a maioria, nem mesmo a principal causa.

A escola aparentou não ter muito significado na vida dos sujeitos da pesquisa e poucos acreditam que ela proporcione futuramente trabalho ou alguma outra forma de ascensão. O vínculo com a escola raramente existe, principalmente por ela aparentar estar distante da realidade de vida dos jovens e possuir muitos professores descomprometidos em ensinar. A escola acaba sendo um local para a realização de interesses alheios ao seu objetivo específico, tais como: alimentar-se, encontrar amigos, comprar ou vender drogas ou organizar grupos para realizar atividades ilícitas. Quando permanecem na vida escolar e nela encontram significado isso geralmente se

deve ao vínculo que criaram com alguém, possivelmente um professor ou professora. Vincular-se a alguém e/ou vincular-se ao saber escolar são possibilidades para que encontrem significação na escola.

Os jovens demonstraram o desejo de trabalhar, mas o trabalho aparentou ser algo inacessível, uma referência esvaziada como signo de reconhecimento atual ou futuro. Eles acreditam que devido a todas as condições e características que possuem, dificilmente conseguirão “ser alguém” através de um trabalho. Os cursos profissionalizantes oferecidos aos jovens em “situação de risco” e/ou em conflito com a lei, demonstraram não ter muita utilidade, na medida em que a maioria dos jovens aprende pouco e continua desempregado após o término do curso. Além disso, alguns cursos oferecidos estão distantes da realidade dos jovens considerados em “situação de risco”, que muitas vezes possuem baixa escolaridade, estão envolvidos em atos infracionais, são dependentes químicos e moradores da periferia.

A comunidade que, segundo os jovens, é esquecida pelos governantes e pela sociedade, acaba sendo o local que os abriga. É nela que eles vivem e presenciam tudo o que a caracteriza, ou seja, miséria, droga, tráfico, homicídios, brigas de gangues, enfim, violências de todos os tipos. Por viverem nesse meio, muitos jovens acabam fazendo o que vêem fazer na sua

frente, em cada esquina. Daí a ilusão pedagógica de colocar a integração na comunidade como solução por si só da problemática escolar (Sposito, 2002).⁸⁵

A violência policial causa revolta nos jovens e ocasiona o ódio pelos policiais. O sentimento de estarem sempre sendo observados gera a sensação de discriminação e de raiva, que muitas vezes acaba levando à prática de atos infracionais, como lesões corporais nos próprios policiais e danos ao patrimônio. Cabe salientar que em muitas vilas populares, a polícia costuma ser a principal, senão a única presença das políticas públicas.(Adorno, 1993)

A droga apareceu como válvula de escape para solucionar os problemas dos jovens, tais como: sentimento de dor e de abandono pelo descaso da família, do governo ou da sociedade ; falta de coragem e medo difuso; receio de enfrentar os problemas da vida; sentimento de exclusão e/ou busca de coragem para cometer atos infracionais.

Cabe ressaltar que ainda que não se possa reduzir as causas do crime com às condições sócio-econômicas, temos que reconhecer que há uma correlação entre eles.

Ainda que a prática de atos infracionais exista em todas as classes sociais, ela varia nas suas características em função da origem sócio-econômica e cultural do jovem.

⁸⁵ Palestra ministrada na Aula Inaugural da Secretaria Municipal de Educação do Rio Grande do Sul, em março de 2002.

Ao abordar a questão do “mundo do crime” percebi que a revolta desses jovens aparentou ser uma forma de luta por reconhecimento e não somente um ressentimento às desigualdades a que são submetidos diariamente. A entrada no crime foi para muitos jovens o único caminho encontrado para a obtenção de reconhecimento e respeito.

Os jovens demonstraram que vivem o presente e que não pensam no futuro, provavelmente, por o presente ser “aquilo que pode ser imediatamente experimentado, o passado é o que pode ser rememorado e o futuro é a incógnita que talvez ocorra, algum dia.” (Elias, 1998, p.66)

Vivendo o presente intensamente, no meio das adversidades, vivem em risco e entrando para o crime, antecipam o risco. (Peralva, 2000)

A medida sócio-educativa de PSC cumprida pelos jovens na UFRGS, aparentou possuir um significado importante na vida da maioria daqueles adolescentes que passaram pelo Programa da Universidade. Isso porque possibilitou que eles conhecessem um ambiente de trabalho, novas pessoas, aprendessem atividades diferentes das que estavam habituados a realizar, fossem respeitados e se sentissem úteis.

Entretanto, percebi que sozinha a PSC não basta para resolver a problemática da maioria dos adolescentes em conflito com a lei, dada a gravidade das condições sociais em que vivem e à ausência ou precariedade

das políticas sociais (educação, trabalho, saúde, lazer, habitação, cultura, esporte) voltadas a essa população.

Logo após concluírem a PSC, muitos dos jovens voltam para a o seu “mundo”, onde são reconhecidos somente se tiverem uma arma na mão, se roubarem, se matarem, etc.

Creio que é a partir daí que devemos pensar.

Podemos fazer uma leitura positiva de dois fatos apresentados.

A busca de reconhecimento - mesmo que possa antecipar o risco já existente – é um sinal de que o jovem ainda possui objetivos e mantém o desejo de conquistar a sua identidade de alguma forma.

O sentimento de valorização que os jovens sentem quando estão na Universidade cumprindo a PSC mostra que não é só o crime que pode fazer com que eles se sintam reconhecidos. Quando optam pelo crime é porque não lhes foi apresentada outra oportunidade.

Verifiquei com isso que a busca de afirmação, que é normal em todo o ser humano, tem que ser trabalhada de uma forma pedagógica com esses jovens, para que eles se afirmem de um modo que não seja destrutivo.

Finalizo dizendo que quando vejo um sorriso nos rostos daqueles jovens, sinto esperança.

Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Míriam et al. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- ADORNO, Sérgio. A experiência precoce da punição. IN: MARTINS, José de Souza (coord.). **O Massacre dos Inocentes – A criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- ARANDA, Silvana Maria. **Do fracasso ao sucesso escolar: o emaranhado de possibilidades e significações que tecem as relações de sucesso, saber e socialização na escola**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, março de 2001.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta: A vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- Constituição República Federal do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Violência: Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069/1990.

Jornal da Cidadania – Ano 3 – Nº 55. **Jovens e violência: uma ligação perigosa**. Maio de 1997.

FERREZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

FONSECA, Cláudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1992.

GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrole**. São Paulo: Record, 2000.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **O Trabalho e os Dias: ensaio antropológico sobre trabalho, crime e prisão**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1999.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

MARRE, Jacques. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Palestra ministrada no Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná. Out 1991. (Texto digitado)

OLIVEIRA, Carmem Silveira de. **Sobrevivendo no Inferno: a violência juvenil da contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

PAUGAM, Serge. **Por uma sociologia da exclusão**. São Paulo: EDUC, 1999.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SANTOS, Jorcelino Luiz dos. **Drogas: Psicologia e Crime**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

SÊDA, Edson. **A Criança e sua Convenção – Pequeno Manual**. São Paulo: Adês, 1998.

SPOSITO, Marília P. **Juventude: crise, identidade e escola**. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

VOLPI, Mario. **O adolescente e o ato infracional**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____ e SARAIVA, João Batista C. **Os Adolescentes e a Lei – Para entender o direito dos adolescentes, a prática de atos infracionais e sua responsabilização**. Brasília: ILANUD, 1998.

_____. **Sem Liberdade, Sem Direitos: A privação de liberdade na percepção do adolescente.** São Paulo: Cortez, 2001.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

_____. **Condomínio do diabo.** Rio de Janeiro: Revan, 1987.

Bibliografia Consultada

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ADORNO, Sérgio. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO, Helena W. FREITAS, Maria Virgínia de, SPOSITO, Marília (org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

ALTOÉ, Sonia. **De “Menor” à Presidiário: a trajetória inevitável?** Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

_____. **Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). **RAP e Educação, RAP é educação**. São Paulo: Summus, 1999

ARCE, José M. Valenzuela. **Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

BRITO, Leila Maria Torraca de (coord.). **Jovens em conflito com lei: a contribuição da Universidade ao sistema socioeducativo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. **Meninos Institucionalizados: a construção de um caminho**. São Paulo: Arte & Ciência, 2000.

CONTE, Marta. Ser herói já era: Seja famoso, seja toxicômano, seja marginal! IN: JERUSALINSKY, Alfredo (org.). **Adolescência: entre o passado e o futuro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

CRAIDY, Carmem Maria. **Meninos de rua e analfabetismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CURY, Munir, SILVA, Antônio F. do Amaral e, MENDEZ, Emílio Gracia (coord.). **Estatuto da Criança e do Adolescente Comentado – Comentários Jurídicos e Sociais**. São Paulo: Malheiros Editores, 1992.

DADOUN, Roger. **A violência : ensaio acerca do “homo violens”**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da Noite: A Prostituição de meninas-escravas no Brasil**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Ática, 1993.

EDMUNDO, Lygia Pereira. **Instituição: Escola de Marginalidade?** São Paulo: Cortez, 1987.

Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, v.27, n.1, p.1-198, jan/jun, 2001

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. Porto Alegre: UFRGS, s/d. (Texto digitado – Não publicado).

_____. **O Abandono da razão: a descolonização dos discursos sobre a infância e a família**. (Texto digitado, não consta a data).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: A história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1998.

- GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GUIMARÃES, Maria Eloisa. **Escola, Galeras e Narcotráfico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- KEHL, Maria Rita (org.). **Função Fraternal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LEVISKY, David Léo (org.). **Adolescência e Violência: Conseqüências da realidade brasileira**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. **Adolescência: pelos caminhos da violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LOPES, Geraldo. **O massacre da Candelária**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- MARRE, Jacques L. História de Vida e Método Biográfico. In: **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v.3, nº3, jan-jul 1991.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais na sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MÉNDEZ, Emílio García. **Infância e Cidadania na América Latina**. São Paulo: Hucitec / Instituto Ayrton Senna, 1998.
- MILITO, Claudia e SILVA, Hélio. **Vozes do Meio-Fio**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.

- MINTZ, Sidney W. **Encontrando Taso, me descobrindo**. In: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 27, Nº 1, 1984.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.). **Crime, violência e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- QUEIROZ, José J. (org.). **O mundo do menor infrator**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do “Indizível” ao “Dizível”. In: SIMSON, Olga de M. V. (org.). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália – Brasil). São Paulo: Edições Vértice, 1988.
- RIZZINI, Irene. **A criança no Brasil hoje: desafio para o 3º Milênio**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- _____ (org.). **Olhares sobre a criança no Brasil: Século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Ministério da Cultura: Editora Universitária: Amais, 1997.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al.. Uma Perspectiva Teórico-Metodológica para Análise do Desenvolvimento Humano e do Processo de Investigação. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13 (2). São Paulo, USP, 2000.
- SALLAS, Ana Luísa et al. (coord.). **Os jovens de Curitiba: desencantos e esperanças, juventude, violência e cidadania**. Brasília: UNESCO, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Toward a new common sense – law, science and paradigmatic transition**. London, New York:Routledge, 1995.

SOARES, Luiz Eduardo. **Meu Casaco de General – Quinhentos Dias no Front da Segurança Pública do Rio de Janeiro**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

TAVARES, José (org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

TRINDADE, Jorge. **Delinquência Juvenil: uma abordagem transdisciplinar**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996.

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (org.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1996.

VOLPI, Mario (org.). **Adolescentes Privados de Liberdade: A Normativa Nacional e Internacional & Reflexões acerca da responsabilidade penal**. São Paulo: Cortez, 1998.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência II: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, 2000.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora Escuta; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

_____. **Da revolta ao crime S.A** . São Paulo: Moderna, 1996.

_____. Teoria e prática do trabalho de campo: Alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Revista de Sociologia da USP. **Tempo Social**. V. 9, Nº 1 São Paulo:
Depto de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, 1989.

Anexo

Roteiro para Entrevista Inicial

SETOR: _____ N° SEMANAS _____

INICIO: _____ TÉRMINO _____ TÉCNICO JIJ: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: _____ Apelido: _____

Data de nascimento: ___/___/___ Local de nascimento: _____ Idade: _____

Sexo: feminino masculino Religião: _____

Raça (a pessoa deve se auto-identificar - qual é a sua cor? ou como você define a sua cor?)

branco preto pardo indígena amarelo

Estado civil: solteiro casado separado/divorciado companheiro (compartilha o mesmo teto)

A companheira tem filhos? sim - quantos? _____ não

Tem filhos? sim - quantos? _____ não Moram com quem? _____

Documentos que possui?

CI CIC/CPF Carteira de trabalho Título de eleitor Certidão de Nascimento CNH

Todos Nenhum

Endereço

residencial: _____

Bairro/Vila: _____ Ponto de referência: _____

Quanto tempo reside neste local? 0-5 anos 6 – 10 anos 11-15 anos 16 ou mais

Cidade: _____ UF: _____

Fone: _____

DADOS SOCIAIS/PESSOAIS

O que você gosta de fazer?

O que você sabe fazer bem?

línguas estrangeiras
Especificar: (Inglês, espanhol,
alemão, francês...)

desenho técnico
 mecânica - automóvel; moto
 serigrafia
 confeitiro/padeiro
 Outros - Especificar: _____

informática
 Marcenaria

Que cursos gostaria de fazer? _____

SITUAÇÃO PROFISSIONAL

Você trabalha? sim não

Tem carteira assinada?

sim

Trabalhador doméstico
 Empregado
 Empregador
 Conta própria
 Trabalhador na produção para consumo próprio
 Biscate, especificar _____
 Construção Civil, especificar _____

não

Trabalhador doméstico
 Empregado
 Aprendiz ou estagiário sem remuneração
 Não remunerado em ajuda a membro de domicílio

Qual a sua função? _____

Quantas horas você trabalha por semana?

menos de 10 horas
 11 – 20 horas

21 - 30 horas
 31 – 40 horas

mais de 40 horas

Horário? _____

Emprego/atividades anteriores: _____

SITUAÇÃO FAMILIAR E SÓCIO-ECONÔMICA

Quem é o responsável por você? Nome: _____
 mãe pai mãe e pai parentes - Especificar _____ Outros - Especificar: _____
(se não for pai ou a mãe, perguntar a escolaridade)

1ª 2ª 3ª 4ª 5ª 6ª 7ª 8ª 9ª (ENSINO FUNDAMENTAL)

1ª 2ª 3ª 4ª (ENSINO MÉDIO)

1 ano 2 anos 3 anos 4 anos ou mais - completo (ENSINO SUPERIOR)

Curso profissionalizante

Não respondeu

Não sabe

Nunca foi a escola

No que seu responsável trabalha?

Empregado - Especificar: _____

Não respondeu

Profissional liberal - Especificar: _____

Não sabe

Setor informal - Especificar: _____

Nome da mãe: _____

Escolaridade da mãe (ATÉ QUE SÉRIE A SUA MÃE FREQUENTOU A ESCOLA?)

1ª 2ª 3ª 4ª 5ª 6ª 7ª 8ª 9ª (ENSINO FUNDAMENTAL)

1ª 2ª 3ª 4ª (ENSINO MÉDIO)

1 ano 2 anos 3 anos 4 anos ou mais - completo (ENSINO SUPERIOR)

Curso profissionalizante Não respondeu Não sabe

No quê sua mãe trabalha?

- Empregado - Especificar: _____ empregada doméstica
 Profissional liberal - Especificar: _____ Outros - Especificar: _____
 Setor informal - Especificar: _____ Não respondeu
 dona de casa/do lar Não sabe

Nome do pai: _____

Escolaridade do pai: (ATÉ QUE SÉRIE O SEU PAI FREQÜENTOU A ESCOLA?)

- 1ª 2ª 3ª 4ª 5ª 6ª 7ª 8ª 9ª (ENSINO FUNDAMENTAL)
 1ª 2ª 3ª 4ª (ENSINO MÉDIO)
 1 ano 2 anos 3 anos 4 anos ou mais - completo (ENSINO SUPERIOR)
 Curso profissionalizante
 Não respondeu
 Não sabe

No quê seu pai trabalha?

- Empregado - Especificar: _____ Não respondeu
 Profissional liberal - Especificar: _____ Não sabe
 Setor informal - Especificar: _____

Renda familiar: R\$ _____

Quantas pessoas moram na casa? _____

Nº de dependentes? _____

Condições de moradia:

- | Espécie | Tipo | Este domicílio é: |
|---|---------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Particular permanente | <input type="checkbox"/> Casa | <input type="checkbox"/> Próprio já pago |
| <input type="checkbox"/> Particular improvisado | <input type="checkbox"/> Apto | <input type="checkbox"/> Próprio – ainda pagando |
| <input type="checkbox"/> Coletivo | <input type="checkbox"/> Cômodo | <input type="checkbox"/> Alugado |
| | | <input type="checkbox"/> Cedido por empregador |
| | | <input type="checkbox"/> Cedido de outra forma |
| | | <input type="checkbox"/> Outra condição |

DADOS DO ATO INFRACIONAL

Processo: _____

AI

Há quanto tempo foi cometida a infração?:

- Até 45 dias Até 3 meses Até 1 ano Mais de 1 ano - Especificar: _____

Estava sob o efeito de drogas? sim não **Qual?** _____

Portava arma? sim não **Qual?** _____

Estava acompanhado? sim não _____

Onde foi cometida a infração :

- Porto Alegre: Bairro/Vila _____ Grande Porto Alegre Litoral Especificar: _____
 Outros Especificar _____

É a primeira infração? sim não

Infração(s) anterior - Especificar: _____

Você já esteve privado de liberdade ou já esteve preso?

sim: especifique conforme abaixo:

não

Quantas vezes? _____ Quanto tempo? _____ Instituição (Em qual lugar você permaneceu?)

ICS IJM CJ CJA IEF Outros, especificar _____

Está cumprindo outra medida ou determinação de atendimento? sim não

Qual?

LA - Nome do orientador: _____

Reparação do dano

Tratamento de drogadição

Reingresso na escola

Escola de Pais

Terapia - Especificar: _____

Outros - Especificar: _____

Já viveu em abrigo?

Sim Qual? _____
tempo? _____

Quanto

Vive em situação de rua? Sim Não

Quando? _____ **Há quanto tempo?** _____

Por

que? _____

Tem

referência

familiar/comunitária?

Data do questionário: ___/___/___

Preenchido por: _____

**“Não viverei em vão, se puder
Salvar de partir-se um coração,
Se eu puder aliviar uma vida
Sofrida, ou abrandar uma dor,
Ou ajudar exangue passarinho
A subir de novo ao ninho –
Não viverei em vão.”**

Emily Dickinson (Poema)